

# **Envelhecimento Em Contexto Prisional**

Cristina Sofia Lima dos Santos

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Adriano Zilhão de Queirós  
Nogueira.

Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Serviço Social do Porto para  
cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Gerontologia  
Social.

dezembro 2013

## Agradecimentos

À Tia São, a minha eterna gratidão, por tornar isto possível (e não só), ainda que a 2109,5 km de distância.

Àqueles que realmente importam e para os quais serão sempre poucas as palavras de apreço: Pais, Avós e Rui.

Ao meu ternurento e (muito) envelhecido companheiro de quatro patas.

Aos indiscutíveis amigos, Margarida, Susana, Joana, Bruno, Elsa, Bárbara e Ana.

Ao Dr. José António Macedo, pelas constantes oportunidades cedidas e por toda a atenção disponibilizada neste percurso.

À Ângela, amiga e imprescindível companheira de trabalho.

À Tânia, por acreditar tanto em mim e assegurar a minha “continuidade”.

Ao professor Adriano Zilhão, pela disponibilidade, paciência e por toda a aprendizagem possibilitada.

Ao professor Marcos Ribeiro, pelo acompanhamento e disponibilidade ao longo da recolha de dados e respetivo tratamento.

À Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, por tornar possível a concretização deste estudo.

Aos todos os reclusos entrevistados que se disponibilizaram para colaborar neste estudo.

E a todas as pessoas que essencialmente neste momento final se disponibilizaram para me apoiar, D. Belmira Paiva, Cristiana e João.

## Resumo

O significativo aumento do número de pessoas idosas, a nível mundial e mais concretamente em Portugal, é uma realidade tendencialmente crescente. Perante este acréscimo de população considerada idosa, surgem novas preocupações e desafios.

No âmbito desta investigação científica pretendeu-se, compreender os diferentes processos de envelhecimento dos reclusos considerados idosos, através de um paradigma interpretativo da realidade que enfatizou o impacto da reclusão nestes indivíduos, o seu quotidiano institucional, as estratégias de adaptação institucional usadas e as suas perspetivas de reinserção social futuras.

Para estes indivíduos, a perceção de envelhecer, em situação de privação da liberdade, está ligada a sentimentos de conotação negativa, de inutilidade, de desespero e de perdas constantes. A interrupção do curso de vida em liberdade, a diminuição das redes de sociabilidade e as assimetrias etárias no interior da Instituição, contribuem para o agravamento da qualidade de vida destes indivíduos. O envelhecimento, na ótica destes indivíduos, associa-se a perceções de finitude e ao surgimento de determinadas incapacidades que se evidenciam mais facilmente e se agravam devido à reclusão.

Este estudo sustentou-se numa metodologia qualitativa que contemplou, a análise de conteúdo de vinte e cinco entrevistas semidiretivas, aplicadas a indivíduos reclusos, do sexo masculino, com idade igual ou superior a 65 anos que se encontrem a cumprir pena de prisão, nas diferentes cadeias portuguesas que albergam homens, designadamente, no Estabelecimento Prisional Especial de Paços de Ferreira, no Estabelecimento Prisional Especial Santa Cruz do Bispo e no Estabelecimento Prisional Regional de Vale do Sousa.

Palavras – chave: Envelhecimento; Prisão; Quotidiano institucional de destituição; Adaptações; Carreira Moral.

## Abstract

The significant increase of the number of elderly people, worldwide, and specifically in Portugal, it's a reality and it's developing new concerns and challenges, within modern society.

This scientific research pretends to understand the different processes of ageing in inmates considered elderly, through an interpretative paradigm of reality that emphasizes the impact of imprisonment on these people, their institutional routine daily, institutional strategies of adaptation used and their future prospects of social reinsertion.

For these people, the perception of ageing private of liberty is associated with feelings of negative connotation for them, hopelessness and continuing losses. The interruption of their course of life in freedom, the diminution of social networks and age differences within the institution, contribute to the degradation of the quality of life of these individuals. In this people's point of view, the aging process is associated with the perception of the end and the beginning of some incapacity that are getting more visible and becoming aggravated with their incarceration situation.

This study supported a qualitative methodology which included , the content analysis twenty-five semi-directive interviews , applied to individuals inmates, male , aged over 65 who are serving time in prison , in different Portuguese prisons for men , particularly in Special Prison of Paços Ferreira ,in the Special Prison of Santa Cruz do Bispo and in Regional Prison of Vale do Sousa.

Key - words: Ageing; Prison; Institutional quotidian of destitution; Adaptations; Moral Career.

## Résumé

L'augmentation considérable du nombre de personnes âgées dans le monde entier et plus précisément au Portugal, est une réalité en croissance. Compte tenu de cette augmentation de la population âgée, il y a de nouvelles préoccupations et des défis.

Cette recherche scientifique vise donc à comprendre les différents processus de vieillissement des détenus en tant que personnes âgées, à travers un paradigme interprétatif de la réalité qui a souligné l'analyse de l'impact de l'emprisonnement sur ces personnes, leur quotidien carcéral, les stratégies d'adaptation institutionnelles utilisées et leurs perspectives d'avenir de réinsertion sociale.

Pour ces individus, la perception de vieillir dans une situation de privation de liberté est liée à des sentiments de connotation négative, à ceux d'inutilité, de désespoir et de pertes continues. L'interruption de leur cours de vie en liberté, la réduction de réseaux sociaux et les disparités d'âge au sein de l'institution, vont contribuer à l'aggravation de la qualité de vie de ces personnes. Le vieillissement, en vue de ces personnes est associé à la perception de la finitude et à l'émergence de certains handicaps qui être évidents, plus facilement et qui s'aggraver du à l'incarcération.

Cette étude a soutenu une méthodologie de recherche qualitative qui comprend, l'analyse du contenu de vingt-cinq entretiens semi-directifs, appliqués à des individus reclus, du sexe masculin, hommes, âgés de plus de 65 ans qui purgent leur peine en prison, dans les différentes chaînes portugaises : la prison de Paços de Ferreira, la prison spéciale de Santa Cruz do Bispo et la prison régionale Vale do Sousa.

Mots-clés: Vieillissement; Prison; Quotidienne institutionnel de destitution, Adaptations; Carrière morale.

# Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Résumé.....	iv
Notas Introdutórias.....	2
A. Enquadramento Conceptual.....	5
I - Punição e castigo .....	5
1.1. – A forma primordial de condenação: o suplício .....	5
1.2. - O nascimento da prisão .....	8
II - A Prisão enquanto Instituição Total .....	14
2.1. – O Interacionismo Simbólico .....	14
2.2. – O conceito de Instituição total .....	16
2.3. – Carreira moral dos internados e estigmatização .....	21
2. 4. – Mortificação do eu e estratégias de adaptação .....	25
III - Envelhecimento em contexto prisional .....	30
IV - O sistema prisional português .....	39
4.1. – Origem e evolução histórica .....	39
4.2. Reformas do sistema prisional.....	42
B. Enquadramento Empírico .....	47
V- Procedimentos metodológicos.....	47
5.1. - A recolha de informação .....	47
5.2. - Espaços empíricos de recolha de dados: Estabelecimentos Prisionais Especiais de Vale do Sousa e de Santa Cruz do Bispo e Regional de Paços de Ferreira .....	55
VI – Conclusões finais .....	61
Referências Bibliográficas .....	82
Anexos.....	88

## Notas Introdutórias

O presente estudo científico consiste numa dissertação no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social, levado a cabo pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto.

Findo um período de reflexão pessoal no qual foram equacionadas possíveis temáticas a abordar, surgiu o interesse num estudo em torno do significado do envelhecimento prisional, por outras palavras *Envelhecer em Contexto Prisional*. É, por isso, equacionada uma proposta de junção da área de mestrado em causa, nomeadamente o processo de envelhecimento, com um dos campos que maior fascínio suscita a nível profissional – o contexto prisional.

O envelhecimento e o consequente aumento da esperança média de vida, revelam-se num dos maiores desafios do século XXI. Como tal, a par da celebração dos anos europeus do Combate à Pobreza e à Exclusão Social (2010) e do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade Intergeracional (2012), celebra-se em 2013 o Ano Europeu dos Cidadãos. Pensar em “cidadãos” geralmente leva a considerar apenas aqueles que se encontram “à vista comum”, tendendo a “esquecer” os que estão a cumprir pena privativa de liberdade. Estes indivíduos, por estarem detidos, irão necessitar de novas oportunidades de se reinserirem socialmente, a acontecer num futuro mais próximo ou mais longínquo. Assim sendo, torna-se pertinente considerar como preocupação fundamental, a reintegração social dos cidadãos reclusos, nomeadamente os de idade avançada, no conjunto dos desafios multidisciplinares, às quais as sociedades contemporâneas se esforçam por responder.

A escolha do tema pode ainda ser justificada pela exiguidade de estudos que articulem o binómio - “envelhecimento” e “prisão” -, nomeadamente no caso português. Assim, no início da pesquisa bibliográfica, verificou-se uma imensidade de artigos, estudos e investigações em torno do contexto prisional, bem como do processo de envelhecimento, mas raros são os dados que relacionam ambas as realidades. Verifica-se também, a existência de poucas investigações direcionadas para a inexistência de preocupações e iniciativas institucionais que visem moldarem-se e readaptarem-se às reais necessidades dos seus utilizadores mais velhos.

Nas últimas duas décadas, o aumento progressivo do número de indivíduos de idade avançada em situação de privação da liberdade, despertou a curiosidade e o interesse junto das fontes literárias internacionais (de áreas como a saúde pública, a administração da justiça e os estudos prisionais). Este aumento de indivíduos mais velhos nos estabelecimentos prisionais pode, entre muitos outros fatores, ser explicado pelo aumento da duração média das penas aplicadas.

Este estudo pretende contribuir para a compreensão das diferentes vivências dos processos de envelhecimento em contexto prisional e está organizado em duas partes fundamentais: o enquadramento conceptual e o enquadramento empírico com explanação dos resultados.

A primeira parte, organizada em quatro pontos, reflete a sequência histórica das transformações ao nível das formas punitivas, desde os primórdios da história – época do ritual dos suplícios - à atualidade – prisão/cárcere.

Assim sendo, o capítulo I, intitulado de “Punição e Castigo”, emerge um retrato histórico da época dos suplícios, como forma primária de condenação e sua progressiva extinção ao longo do tempo, até à constituição da Instituição Prisional, conseguida essencialmente em três fases distintas. Destaca ainda a importância do Panoptismo que influenciou inúmeros projetos arquitetónicos de estruturas prisionais.

O capítulo II, designado de “A Prisão enquanto Instituição Total”, inicia-se com uma abordagem do Interacionismo Simbólico, na qualidade de corrente sociológica na qual se inserem os autores selecionados para análise do presente estudo, nomeadamente Erving Goffman (1961). Num momento seguinte, inicia-se uma caracterização das Instituições de tipo totalitário, à semelhança das quais, a Instituição Prisional pode ser analisada. Segue-se o estudo de determinadas temáticas fulcrais na abordagem deste tipo de Instituições, nomeadamente a edificação de uma carreira moral levada a cabo pelos internados, a estigmatização a que são expostos, o processo de mortificação do eu e por último, as estratégias de adaptação institucional desenvolvidas por estes mesmos indivíduos.

No capítulo III, designado de “Envelhecimento em contexto prisional” são evidenciados dados atuais referentes ao progressivo envelhecimento das sociedades e respetivas explicações do fenómeno, sendo também introduzidas algumas definições do processo de envelhecimento. Seguidamente, são apontadas diferentes formas de envelhecer, as quais poderão ser capazes de refletir os motivos conducentes à prática criminal, em idade tardia. Segue-se ainda uma subsequente análise do envelhecimento na instituição prisional.

Intitulado de “O sistema prisional português”, o capítulo IV engloba um primeiro momento referente à evolução do sistema prisional português desde os primórdios da história à atualidade, seguindo-se uma análise das reformas sofridas por esse mesmo sistema.

O capítulo V, “Procedimentos metodológicos” e segunda parte deste estudo, divide-se em duas partes. Na primeira parte, respeitante à “Recolha de informação”, são explanadas e fundamentadas as opções metodológicas que suportam a investigação empírica, apresentando-se



de seguida os dados que desta resultam, analisados à luz do quadro teórico desenvolvido. Na segunda parte, “Espaços empíricos de recolha de dados: os Estabelecimentos Prisionais Especiais de Vale do Sousa e de Santa Cruz do Bispo e Regional de Paços de Ferreira”, procede-se a uma caracterização dos espaços empíricos de recolha de dados e respetivo universo inquirido.

Nesta sequência, importa referir que este estudo implica o uso de um método qualitativo de estudo de casos ou análise intensiva, através da aplicação de entrevistas semi – diretivas. Os métodos qualitativos pressupõem que a realidade é construída socialmente, pelo que a sua principal preocupação não é medir mas, compreender que não há separação entre sujeito e objeto, logo é impossível alcançarmos investigação neutra. Existe aqui uma preocupação ideográfica aceitando que, com a metodologia utilizada, se pretende confirmar as questões que a investigação se propõe responder: a análise dos significados, a descoberta dos sentidos, as razões dos atos e a relação entre o sujeito e o seu mundo - objetivo e subjetivo-, alvos da análise qualitativa. Para o tratamento dos dados recolhidos nas entrevistas, optou-se pelo uso da técnica de análise de conteúdo categorial.

O objetivo geral deste estudo centra-se na compreensão dos diferentes processos de envelhecimento dos reclusos considerados idosos. Resultantes do objetivo geral mencionado, surgem os seguintes objetivos específicos, designadamente, analisar o quotidiano da população reclusa mais velha; analisar o impacto da reclusão no processo de envelhecimento dos reclusos mais velhos, percebendo as estratégias adotadas de adaptação e reintegração das rotinas prisionais; e por fim, analisar as expetativas de reinserção futura na sociedade, por parte destes mesmos indivíduos.

Em último lugar, o capítulo VI “conclusões finais” obedece a uma descrição e interpretação dos resultados das entrevistas, com as respetivas considerações finais.

Através deste estudo objetiva-se uma análise das diferentes trajetórias de indivíduos reclusos que, por apresentarem uma idade cronológica avançada, poderão assistir a um progressivo declínio das suas capacidades funcionais e cognitivas e de que forma é que, dada a sua privação, poderão beneficiar de um envelhecimento (relativamente) condigno.

## A. Enquadramento Conceptual

### I – Punição e castigo

#### 1.1. – A forma primordial de condenação: o suplício

Na Idade Média o ritual do suplício acontecia como forma de soberania, que impunha castigos e torturas, originando uma relação de poder através do medo. De acordo com a obra de Foucault (2001), no ano de 1757, em França, a execução pública acontecia junto à porta principal da Igreja, local onde os condenados eram forçados a pedir perdão. O autor descreve pormenorizadamente este momento, no qual o indivíduo sentenciado era transportado para o referido local numa carroça, despido, transportando um brandão de cera (em chama). Nessa carroça, colocar-se-ia uma forca e o condenado seria “*atenazado nos mamilos, braços, coxas e barriga das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente*” (Ibidem:9). Por fim e contando com o auxílio de quatro cavalos, o corpo do condenado seria esticado e esquartejado, num ato de longa duração e, finalmente, queimado sob o olhar atento da população aos suplícios da vítima. No final, as cinzas lançar-se-iam ao vento.

É, por isso, no corpo do condenado que se reflete toda esta sequência de acontecimentos, culminando na confissão do crime, seguida da sua morte, de forma a estabelecer-se a união entre os vértices que dominavam a sociedade: o rei, o povo e o condenado. Uma vez posto em causa, através do ato delituoso praticado pelo condenado, o poder divino e laico centrado nas funções do soberano, apenas poderia ser repostado mediante o suplício. Nesta cerimónia o condenado, além de ter confessado o seu próprio crime, rendia-se por ter fragilizado, ainda que temporariamente, o poder instituído, através do delito praticado. Somente ao monarca, provido de um total poder, cabia autoridade capaz de suspender a execução do condenado, sendo também este o responsável por decidir “*a vingança mais ou menos cruel, da punição mais ignóbil, do exílio ou finalmente da comutação da pena e, eventualmente, a restituição à vida livre*” (Gonçalves, 1993:79). Ao povo, cabia o papel simultâneo de testemunhar a execução e de jubilar a cerimónia, que lhe provocava medo de sofrer e de morrer, em caso de infração da lei.

Apesar do exercício do poder ser da competência do rei, era através dos rituais de suplício, seguidos da execução, que se revia toda a sua abrangência, permitindo dar conta da existência de todo um mecanismo social, que assumia o condenado como um objeto prejudicial e ignóbil.

Assim, dá-se conta da presença de uma arte praticada na elaboração dos suplícios, bem como na construção dos instrumentos usados nesse fim, dotados de elevado perfeccionismo, pois não só provocavam sofrimento ao condenado, como também o obrigavam a confessar os seus atos, com remorsos, perante os espectadores. Desta forma, o crime tornava-se perceptível no corpo do condenado, onde se manifestava, acabando por ser anulado, permitindo aos espectadores assistirem a uma relação entre a verdade e o poder, que vigorava em todas as estruturas punitivas.

Mais tarde, surge o regulamento emitido por Léon Faucher (1838), aplicado à “*Casa dos jovens detentos em Paris*”. Este documento consagra um total de dezoito artigos que expressam a vigência de rígidos horários quotidianos, respeitantes à execução de tarefas (levantar, orar, higiene pessoal, trabalho, refeições, estudar e dormir), a segmentação dos vários comportamentos quotidianos e os rituais religiosos, todos estes variáveis consoante as estações do ano. Este modelo consistiu num dos primeiros exemplos de formas punitivas, nas quais o corpo do sentenciado deixava de ser “marcado” por forças físicas, sendo apenas controlado por elas.

Os referidos exemplos de suplício e de gestão do tempo, encontram-se direcionados para diferentes tipos de crimes e de delinquentes, definindo um determinado tipo penal, em diferentes décadas, que remonta a um período no qual se assistiu a uma redistribuição de uma economia do castigo, na Europa e nos Estados Unidos da América. Esta época, foi por isso caracterizada, pela existência de “*grandes escândalos para a justiça tradicional, época dos inúmeros projetos de reformas; nova teoria da lei e do crime, nova justificação moral ou política do direito de punir; abolição das antigas ordenanças, supressão dos costumes; projeto ou redação de códigos modernos*” (Foucault, 2001:11).

O ritual dos suplícios acompanhava e apressava a morte do detido, tendo constituído por isso um meio essencial de combate à criminalidade, que vigorou em todo o mundo, até inícios do século XVIII.

Mais tarde, nos finais do século XVIII e princípios do XIX assistiu-se à extinção gradual da cerimónia de punição. Assim sendo, em 1830 a confissão pública dos crimes foi suprimida definitivamente em França. Em 1837 a Inglaterra extinguiu o pelourinho. Na primeira

metade do século XIX foram eliminadas em toda a parte as obras públicas feitas “*em plena rua ou nas estradas-condenados com coleiras de ferro, em vestes multicolores, grilhetas nos pés, trocando com o povo desafios, injúrias, zombarias, pancadas, sinais de rancor ou de cumplicidade*” (Foucault, 2001:12). O suplício de exposição do condenado foi erradicado em França, em abril de 1848.

Segundo esta ordem de acontecimentos, a punição e a execução pública foram ganhando, cada vez mais, uma conotação negativa. A punição tende a tornar-se na parte mais oculta do processo penal e como tal, a justiça deixa de assumir publicamente a parte da violência, inerente ao seu exercício. No entanto, a condenação irá catalogar negativamente e de forma homogênea, todos os delinquentes, publicitando os debates e as sentenças, sendo a execução encarada como uma vergonha adicional que a justiça teme aplicar. O fundamental da pena consiste agora numa tentativa de correção, de reeducação e de cura, ilibando os juízes do rótulo de punidores.

O advento da Revolução Francesa e todo o movimento de ideias que a precedeu acentuou a necessidade de pôr fim aos suplícios, reservando a pena de morte apenas para os casos de violência extrema (como é o caso dos assassinatos). Assim sendo, o Homem, enquanto ser evoluído e racional, encara a prática dos suplícios como cerimónias revoltantes e cruéis, reprovando-as.

Desta forma, a relação entre a punição e o corpo deixa de se assemelhar ao que acontecia na época dos suplícios, assistindo-se a uma passagem gradual do castigo corporal físico para um castigo privado de direitos. Por outras palavras, o corpo é tido como um instrumento que se encontra privado de liberdade, entendida como um direito e um bem. Deste modo, o corpo é colocado “*num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia de direitos suspensos*” (Ibidem:14).

O surgimento de uma necessidade de castigar de forma diferente, tornou a punição num instrumento de justiça e não de vingança. Para tal, os reformadores do século XVIII desencadearam um movimento de combate ao poder soberano e absoluto. É então que se assiste ao nascer de um “*primeiro impulso para reconhecer no criminoso, por pior que ele seja, a existência de algo que até aí lhe era pura e simplesmente negado: a sua humanidade, isto é, a sua própria existência como ser humano*” (Gonçalves, 1993:81). Como tal, (à exceção da multa) a prisão, a reclusão, os trabalhos forçados, a servidão de forçados, a interdição de domicílio e a deportação, constituem penas físicas, por se referirem diretamente ao corpo.

Considerando que as práticas punitivas passaram a ser associadas a atos conotados de pudor, o objetivo principal da pena deixa assim de se concentrar na punição física do ser humano e na relação entre a punição e o corpo como acontecia com os suplícios. Assiste-se, assim, progressivamente, a uma passagem do castigo corporal físico para um castigo privado de direitos, onde surge a prisão que, de acordo com Nogueira (2000), pode ser entendida como local de cumprimento de pena ou cárcere, como pena de prisão, ou como forma de restrição da liberdade individual.

## **1.2. - O nascimento da prisão**

Entenda-se por prisão a forma de punição, cuja aparição, modificações e permanência, devem ser inseridas numa ideologia que conduz à necessidade de reconhecer e de punir a desordem, de acordo com o princípio de uma “*ortopedia corretiva*” (Gonçalves, 1993:78). Tal princípio é influenciado pela ideologia vigente em cada época histórica, na moral, na religião, no tipo de sociedade e também no conhecimento intelectual dominante.

Contudo, torna-se difícil precisar uma data e uma teoria capaz de explicar o surgimento das prisões, bem como das várias espécies de penas, “*de modo que a sua evolução e substituição ou alternativa possa reconduzir-se a um denominador comum*” (Moreira, 1954:5). No entanto, o autor sublinha que a privação da liberdade, como procedimento usual de punição de infratores, é relativamente recente, apesar de terem existido, desde muito cedo, locais isolados, maioritariamente destinados à detenção preventiva.

Foi a Igreja, durante a Idade Média, a responsável pela construção das primeiras prisões do século XVI, sendo os seus condenados, indivíduos com devoção religiosa - os monges e os clérigos - que, por terem cometido algum erro, eram forçados a integrar celas, onde em silêncio, deveriam arrepender-se do ato cometido, através da meditação. As torres, os conventos em situação de abandono, os calabouços e os quartos mais sombrios e deteriorados dos palácios, eram os espaços escolhidos pela Igreja para a reclusão, caracterizados como sendo “*frios com pouca luminosidade e insalubres*” (Suelma, 2003:24). Inicialmente, a prisão constituía o local onde o condenado aguardava a sua condenação, sendo a Igreja a primeira instituição a adotar a pena individual de confinamento.

O surgimento da prisão como dispositivo penal, é analisado por Foucault (2001) que introduz um modelo explicativo, resultado de uma interligação entre o poder e a lei. O autor

afirma que a prisão, associada ao castigo, desde cedo se evidenciou. No entanto, a forma prisão preexiste ao seu uso constante nas leis penais, por se ter constituído num contexto exterior ao mecanismo judiciário. O seu “início” coincidiu com o surgimento na sociedade de processos de repartição, fixação e distribuição espacial de indivíduos, classificando-os, treinando-os, retirando-lhes o máximo de tempo e de forças, codificando-lhes comportamentos contínuos, sujeitando-os a uma visibilidade desprovida de lacunas. Assim, sobre esses mesmos indivíduos, foi criado um aparelho de observação total e de registo, submetendo-os a um saber acumulado e centralizado.

Foucault (2001) ressalva a existência de três momentos fulcrais e distintos, na consolidação da prisão. O primeiro momento, acontece no período de vigência de sociedades soberanas (século XVII), no qual, paralelamente a outras administrações punitivas, se confirma a existência de manicómios e de asilos. Posteriormente à queda da soberania, o poder e a lei, à medida que a sua transmissão e continuidade ganhavam uma nova forma, tornam-se capazes de regular a administração, conseguindo uma estatização da justiça penal. O autor enfatiza que quando a lei pune alguém, a sua punição será a condenação à morte (ser queimado, ser esquartejado, ser marcado, ser exilado, pagar uma multa, entre outros), não sendo por isso a prisão uma pena de direito, nem tendo por isso, feito parte integrante do sistema penal dos séculos XVII e XVIII.

Em situações que o indivíduo perde o processo, sendo por isso declarado culpado, este deve uma reparação à vítima lesada, ou seja, é exigido ao culpado a reparação da ofensa que cometeu contra o soberano, a lei e o poder monárquico. Sendo através desta forma, que surgiram os mecanismos de multa, de condenação à morte, de esquartejamento, de banimento, entre outros.

Os finais do século XVIII e princípios do século XIX – segundo momento – caracterizaram-se pela reforma e reorganização do sistema judiciário e penal, nos diferentes países da Europa e do mundo. Resultado disso (e contrariando a tendência do período anterior), por se terem efetuado elevadas exigências do diagrama disciplinar, a prisão difundiu-se em todas as direções, realçando a sua capacidade corretora. O autor apelida esta fase de “sociedade disciplinar”, distinta pela distribuição de indivíduos por espaços individualizados, classificatórios, segregados, controladores e hierarquizados, capazes de desempenhar diferentes funções, consoante o objetivo específico pretendido. São também responsáveis por estabelecer uma sujeição do indivíduo ao tempo, de forma contínua e persistente, tendo a vigilância um importante papel neste contexto. Desta forma, assiste-se à *“formação de uma sociedade disciplinar nesse movimento que vai das disciplinas fechadas, espécie de “quarentena social”,*

*até ao mecanismo indefinidamente generalizável do panoptismo”* (Foucault, 2001:178). O surgimento desta sociedade disciplinar encontra-se ligado a diversos processos históricos de alargada dimensão (económicos, científicos e jurídico-políticos) nos quais, ela se insere. Ainda nesta fase, a prisão introduz novos conceitos capazes de definir indivíduos, penas e infrações, como delinquentes e delinquência, respetivamente.

O surgimento da prisão está também diretamente associado, à forma como a sociedade reagiu ao despoletar de duas grandes doenças - a lepra e a peste- pois, ambas as doenças, requereram a criação de locais voltados para o isolamento dos seus portadores (Lefebvre, 1979). Esses locais seriam portanto, aparelhos de controlo social com funções constantes de despistagem, registo, diagnóstico, classificação e tratamento de indivíduos, em funcionamento num determinado espaço, dominados por uma hierarquia de funções rígidas. Nesta linha de pensamento, Foucault (2001) afirma que o surgimento da sociedade disciplinar coincidiu com o despoletar da peste negra, época em que o controle e a disciplina rígida estavam na base do regime de quarentena, como forma de controlar a doença, impedindo que esta se propagasse. Para tal, criaram-se espaços de encerramento e exclusão, destinados aos doentes, de forma a ficarem isolados da restante população, onde vigorava um rígido mecanismo disciplinar, que viria a ser “aperfeiçoado” num espaço de prisão. Assim sendo, a prisão permite controlar o espaço de exclusão, criando a dicotomia e a etiquetagem, capaz de se estender a outros contextos.

Nos Estados Unidos da América, os primeiros modelos de prisão com finalidade punitiva surgiram nos finais do século XVIII. Assim, em 1776, em Walnut Street, Filadélfia, através de influências de Benjamim Franklin, edificou-se o primeiro modelo de prisão, ficando conhecido como Sistema Filadélfico ou Solitary Confinement. Este defendia a classificação dos reclusos em função do tipo de crime praticado, tendo como principal característica o isolamento na cela durante vinte e quatro horas diárias, acompanhado de meditação e de oração, em prol de uma reflexão, interiorização da culpa e motivação para a mudança. Incentivava ainda o desempenho de atividade laboral pelos reclusos, devido ao seu caráter de ressocialização. Este modelo influenciou a Europa, nomeadamente Portugal.

Os finais do século XVIII e princípios do século XIX caracterizam-se, assim, pelo surgimento de uma penalidade de detenção, que consistia num alargamento da forma de punir, a mecanismos coercivos já existentes. O referido período de tempo, foi também marcado pela instituição de uma nova legislação, na qual a detenção, é declarada como sendo uma pena por excelência, através da qual, o poder de punir (enquanto função social), deveria ser exercido de igual modo, sobre todos os membros.

Mais tarde, numa terceira e última etapa de consolidação da prisão, assistiu-se a uma reforma prisional, na qual a prisão fora destituída da sua exemplaridade, voltando novamente a localizar-se em espaço restrito e segregado. Como consequência, as técnicas disciplinares foram supridas pelo modelo técnico de cura e normalização, como forma de terapia de correção do indivíduo. Assim, foi no século XIX que a prisão se assumiu como instituição, surgindo sem justificção teórica, num determinado momento, fruto da necessidade de construção de uma rede de poder, capaz de controlar tudo o que seja ilegal. Neste período, o surgimento da instituição prisão assumiu, portanto, o formato mais imediato e civilizado de todas as penas, tendo sido *“desde o início uma detenção legal encarregada de um suplemento corretivo, ou ainda uma empresa de modificação dos indivíduos que a privação de liberdade permite fazer funcionar no sistema legal”* (Foucault, 2001:196). Assim, desde o início do século XIX, a reclusão penal envolveu não só a privação da liberdade, mas também a transformação técnica dos indivíduos.

Foi também nesta fase, que, em 1821 surgiu o segundo modelo de prisão punitiva, em Auburn, estado de Nova York, com o intuito de superar as limitações e os defeitos do Regime Celular, ficando conhecido por Auburniano ou Silent System (Santos et al., 2009:176). Este modelo surgiu acompanhado de um outro, o “Pensilvano” ou “Solitary System”, pelo que ambos contribuíram para a reforma de todo o sistema prisional na América. Se o modelo de Auburn visava a separação dos reclusos por celas individuais e a prática laboral em silêncio total (com castigos aplicados aos desrespeitadores), no modelo Pensilvano, por sua vez, os reclusos permaneciam em total isolamento nas respectivas celas, onde se desenrolava o seu quotidiano e atividade laboral, podendo também beneficiar de esporádicas visitas. Este último, foi o que mais influenciou a Europa.

É de ressaltar que a prisão não se resume a funções negativas de exclusão, detendo também funções positivas, pois visava a reinserção do indivíduo na sociedade. Foucault (2001) afirma a existência de uma microfísica do poder, presente em todas as fases de constituição da prisão. Mais concretamente, nas sociedades soberanas, era o rei/senhor quem exercia o poder, através de um sistema de vigilância externa e geral. Por sua vez, na sociedade disciplinar, as instituições concentram em si mesmas um dos maiores dispositivos de visibilidade. E por último, na sociedade de controle, assistiu-se à progressiva implementação (embora dispersa) de um novo regime que exerce o poder à distância. Verifica-se portanto, que estes três modelos (Filadélfia, Auburn e Pensilvano) defendem a prática de atividade laboral pelos reclusos, como forma de adaptação dos mesmos ao sistema normativo.



Os contributos de Waele & Depreew (1985) relativamente à consolidação da instituição prisional indicam que, após a privação da liberdade se ter tornado na pena principal, o detido deveria ser “corrigido” mediante um total isolamento, num sistema celular, através da meditação, da leitura bíblica e da influência moral dos funcionários. Mais tarde, em 1870, introduziu-se na prisão o princípio da reabilitação, que conduzia a uma libertação prévia, caso se verificasse uma conduta prisional favorável. Posteriormente, de 1990 a 1930, assistiu-se a um investimento no trabalho, de forma a produzir resultados ao nível da modificação dos hábitos dos delinquentes, vindo a desempenhar um papel fulcral na reeducação. De seguida e até à década de 70 (aproximadamente), verificou-se a introdução de novos métodos baseados em ciências comportamentais, no tratamento dos reclusos.

O processo histórico relativo à institucionalização da prisão como instrumento privilegiado de punição e castigo está associado um programa arquitetural conhecido como o Panoptismo. Este programa arquitetural foi analisado por Foucault que enfatiza a existência de uma engenharia que, ao longo de meio século, se desenvolveu como sendo uma mecânica de observação individual, classificatória e transformadora do comportamento, implicando por isso a existência de uma estrutura arquitetónica pensada para o espaço da prisão, designada de Panóptico. O designado “mecanismo” assentava na utopia de uma sociedade e de um determinado tipo de poder, denominado de panoptismo, dotado de uma tríplice função: vigiar, controlar e corrigir.

O Panopticon, pensado por Jeremy Bentham (1791a), baseava-se numa arquitetura direcionada para o espaço da prisão, tendo sido utilizado na maior partes dos projetos de prisão entre 1830 e 1840. O Panopticon consistia num edifício, situado na periferia, em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro, *“the whole of the characteristic part may be conceived as a composed of two towers, one within the other with the Annular Well between them”* (Bentham, 1791b: 6). O anel dividia-se em pequenas celas que davam para o interior e exterior. A torre contemplava *“largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel, a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado”* (Foucault, 2001:165-166). Desta forma, tudo o que os indivíduos faziam era controlado pelos vigilantes, posicionados no interior da torre, tendo a possibilidade de ver tudo sem serem vistos, *“the effence of it consists them in the centrality of the Inspectors situation, combined with the well known and most effected contrivances for seeing without being seen”* (Bentham, 1791a:23). O autor considera que a capacidade do Panóptico introduzir no detento um estado consciente e

permanente de visibilidade, assegura a regulação automática do poder, devido à sua vigilância permanente, sendo por isso, o efeito mais importante deste sistema.

Através deste dispositivo, Bentham introduziu um princípio no qual o poder deveria ser visível, de forma a que o condenado se sinta vigiado no interior da própria cela e inverificável, pois apesar de não saber se está a ser observado, o condenado deve sentir que isso pode acontecer a qualquer instante.

O Panóptico pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, capaz de modificar comportamentos, treinar indivíduos, experienciar várias punições sobre os reclusos, consoante os respetivos crimes e temperamentos, apurando quais as mais eficazes. Funciona também como “laboratório de poder”, por deter uma eficaz capacidade de penetração no comportamento dos homens, essencialmente devida aos seus mecanismos de observação.

Estes autores concorrem na ideia que a constituição histórica da prisão se consubstanciou num processo faseado, no qual o surgimento de “*novas concepções de penalização de privação da liberdade*” (Moreira, 1994:23), tornou imperiosa a definição de espaços modelos de prisões. Estes destinavam-se à guarda de detidos que rapidamente se transformaram em aparelhos administrativos, com funções punitivas e de regeneração dos seus internados. A instituição prisional é então responsável, por garantir um total isolamento dos internados, pelo que estes, ao serem excluídos da sociedade, perdem necessariamente o direito de vivenciar o tempo e o espaço da sociedade à qual pertenciam (Messuti, 2003).

## II - A Prisão enquanto Instituição Total

### 2.1. – O Interacionismo Simbólico

O conceito de instituição total é fundamental para o desenvolvimento do presente estudo, sendo uma herança teórica da escala de pensamento sociológica, conhecida por interacionismo simbólico.

As teorias sociológicas pressupõem diferentes formas de compreender o mundo social. Apesar dos acontecimentos e condutas observados serem os mesmos, as diferentes correntes partem de pressupostos básicos diferentes, acerca da natureza do mundo social, recorrendo a quadros conceptuais diferentes, de forma a produzir distintas análises sociológicas.

A corrente interacionista, consolida uma perspetiva teórica que incide sobre as relações entre os indivíduos, nomeadamente no que se refere às interações sociais. Assenta por isso, numa tentativa de compreensão da realidade social que elege como unidade de análise o elemento mais micro, isto é, a interação estabelecida entre os indivíduos ou entre os grupos sociais.

George Herbert Mead foi um dos pensadores que mais influenciou, através dos seus contributos, a elaboração deste pragmatismo social. Na sua obra “Mind, Self and Society from a Standpoint of social Behaviorism” (1934), Mead classifica-se como sendo um “behaviorista social”, expressão que define a sua posição média e a sua vontade de pensar o interior e o exterior como sendo um só. Procura portanto, integrar os processos visíveis e exteriores e os aspetos não visíveis e interiores do comportamento, isto é, a experiência interna do indivíduo. Parte-se da forma pela qual os organismos comunicam e cooperam, num processo de interação, onde se regulam as adaptações recíprocas das suas condutas. Neste processo, os gestos iniciais de um parceiro são tratados como qualquer coisa que indica as sequências utilitárias de um ato, provocando no outro organismo uma reação adaptativa, que por sua vez, deve englobar um gesto para o primeiro indivíduo (apelidada pelo autor de “conversação por gestos”). Gera-se assim, uma adaptação recíproca “*one organism that is of such a sort as to call forth and adjustive response on the part of another organism without itself being dependent on such behavior*” (Mead, 1934: 17) que, não sendo intencional nem consciente, é também pobre em significações.

Esta linha de pensamento entende o Homem, como sendo um organismo dotado por um self, admitindo por isso, a existência de uma consciência presente no ser humano. Essa consciência condiciona a conduta do indivíduo, tendo por isso um importante papel na “construção” de si mesmo. O indivíduo possui por isso, uma identidade pessoal ativa, responsável pela sua comunicação, envolvimento e interação social.

O interacionismo simbólico enfatiza a ação individual ativa e criativa, surgindo do interesse pela linguagem. A linguagem por sua vez, permite que o Homem se torne num ser auto consciente (ciente da sua própria individualidade), pelo que o símbolo se assume num elemento fulcral em todo este processo. O símbolo é portanto algo que representa uma coisa. Assim, aprende-se a pensar num objeto de uma forma simbólica, sem que efetivamente o estejamos a ver. Desta forma, o pensamento simbólico permite que o Homem se liberte da limitação da sua própria experiência ao que efetivamente vê, ouve e sente.

Considerando que toda a interação humana pressupõe uma troca de símbolos, na sua interação com os outros, o indivíduo tende a moldar o seu comportamento em função do contexto no qual se encontra, através da interpretação que faz das expectativas que os outros têm de si próprio, *“people act as they do on the basis of the circumstances as they define them, they act as they do out of their beliefs and understandings”* (Cuff & Payne, 1979:136). O contexto social no qual os atores agem, é por isso fundamental, não só na interpretação do comportamento dos outros, mas também na decisão do comportamento que se deve ter.

A passagem dos gestos aos símbolos significantes, constitui um momento decisivo, na medida em que o emissor deve ter consciência da significação dos seus próprios gestos, de forma a poder antecipar as reações de quem as recebe, assistindo-se a uma *“adaptation reciproque et apparition d’une conscience de soi deviennent dès lors possibles”* (Queiroz & Ziolkowski, 1997:21).

Desta forma, o sujeito irá constituir-se e reconstituir-se através de um processo de auto interação e constante comunicação com o seu self. Verifica-se por isso, a existência de uma auto interação que impulsiona a ação do indivíduo e de uma capacidade do mesmo se autocorrigir. É por isso através do interacionismo simbólico que emerge o “labelling”, responsável pela diferenciação entre o indivíduo delinquente e o indivíduo normal. O problema da sociedade surge neste contexto, na passagem da ação para a reação do indivíduo, *“there is a parallelism between what goes on in the organ and what takes place in consciousness”* (Mead, 1934:22).

Os principais fundamentos do interacionismo simbólico assentam portanto, numa lógica em que os seres humanos, agem conforme o significado que as coisas têm para si próprios. Por

sua vez, esse significado provém das interações com outros, iniciando-se assim, um processo de interpretação, utilizado por todos no tratamento de objetos, cujo significado atribuído às coisas poderá vir a sofrer alterações. O processo de interpretação subjetiva continua por isso, a transformar o significado dos objetos, constituindo um mecanismo fundamental de funcionamento do self *“l’individu controle ses actions en agissant sur lui-même, en se donnant des indications, en identifiant ses besoins et ses buts, et finalement, en modifiant la définition de la situation en fonction des circonstances”* (Queiroz & Ziolkowski, 1997:32).

Em suma, o interacionismo simbólico afirma que os comportamentos dos indivíduos, resultam do papel social que sociedade atribui ao indivíduo, através do processo de interação com os outros. Por sua vez, esta interação obedece a uma sequência de fases nas quais, o indivíduo emite uma resposta e estímulo para o outro, que a recebe e envia uma nova resposta e estímulo. A interpretação feita pelos atores sociais sobre o comportamento dos outros é fundamental, para perceber de que forma o mundo social é construído. Isto é, os atores sociais atribuem um significado ao comportamento dos outros, interpretam esse comportamento de diferentes formas, dependendo de quem o faz e em que circunstâncias.

Os autores interacionistas dedicam-se assim, essencialmente à análise da influência mútua que os parceiros exercem sobre os seus próprios atos, quando na presença física uns dos outros. Sendo este, o motivo pelo qual a corrente interacionista atribui, então, particular importância à forma como as interações quotidianas originam situações e comportamentos sociais, nomeadamente no caso particular das instituições totais de tipo prisional, conceito trabalhado pelo autor interacionista Goffman, num momento seguinte deste estudo.

## **2.2. – O conceito de Instituição total**

O presente estudo pretende analisar o Envelhecimento em contexto prisional. Assim e sob uma perspetiva sociológica, este tipo de Instituição – prisão - pode ser estudado à luz do conceito de Instituição Total proposto pelo autor interacionista Erving Goffman (1961). Este autor parte à descoberta do comportamento dos indivíduos em “instituições totalitárias”, onde ocorrem experiências extremas, como nas prisões, hospitais, mosteiros/conventos, campos militares, navios, campos de concentração e colégios militares com internato. Neste sentido, o conceito de instituição avançado pelo autor, é exemplo de uma generalização formal que visa

captar alguns aspetos formais da vida organizacional, suscetíveis de serem observados em organizações concretas, que desenvolvem atividades diversificadas.

A teoria deste autor parte do pressuposto que o comportamento humano tem pouco de instintivo, sendo essencialmente resultado de um processo de socialização. São por isso tidas em conta, essencialmente, as interações face a face. Mais concretamente, a influência recíproca que os parceiros exercem sobre as suas respetivas ações, quando não estão na presença física imediata uns dos outros. Sendo este o motivo pelo qual, o autor integra a corrente sociológica do interacionismo simbólico que, conforme o referido anteriormente, concede uma importância determinante à maneira como as interações quotidianas produzem as situações sociais.

Desta forma, a Instituição Total traduz-se por excelência num lugar de *“residência e de trabalho onde um grande número de indivíduos, colocados na mesma situação, privados do exterior, por um período relativamente longo, levam em conjunto uma vida reclusa, cujas atividades estão minuciosa e explicitamente reguladas”* (Ibidem, 1961:11). Por outras palavras, uma dada instituição assume um caráter totalitarista quando acaba por preencher senão todas, a maioria das dimensões da vida de cada indivíduo que passa uma grande parte do seu tempo lá. É vista também como aquilo que o autor apelida de “híbrido social”, na medida em que parcialmente se assume como comunidade residencial e parcialmente como organização formal, na qual cada um pode ser considerado como um objeto sobre o que se pode fazer ao “eu”.

Priorizando os contributos do referido autor, na sua análise em torno das Instituições Totais, determinam-se como características fundamentais e comuns a todas estas Instituições o facto de os reclusos realizarem o seu quotidiano em conjunto, num mesmo espaço, fechado, sob vigia. No entanto, quando esses mesmos indivíduos se encontravam em liberdade, a sua vida diária era desenvolvida em diferentes locais, delimitados por padrões normativos distintos entre si. Assim sendo, os estabelecimentos prisionais revêm-se nesta característica, pelo facto de garantirem um isolamento total dos reclusos, que quando “colocados” num mesmo espaço, segregado da comunidade envolvente, sob uma única chefia, desenvolvem um quotidiano em conjunto, regidos por um padrão normativo estritamente coercivo.

Uma outra característica deste tipo de Instituição, é o seu poder segregativo, uma vez que priva o internado de estabelecer e manter contacto com a realidade exterior. Simultaneamente, no seu interior, é estabelecida uma divisão básica entre um grupo controlado (os internados) e um grupo controlador (os técnicos). Tal significa que o internado nunca se encontra só, antes pelo contrário, encontra-se inserido num grupo de indivíduos que partilham a mesma situação. No caso particular das prisões, os reclusos, independentemente do crime praticado, vivenciam

as mesmas condições que os restantes reclusos, sendo apenas o tempo de pena, fator de possível diferenciação.

A existência de uma tendência homogeneizante, é também uma característica destas Instituições, (essencialmente) devida ao facto de existir um corte dos obstáculos que frequentemente separam os três pilares da vida – dormir, distração e trabalho. Por conseguinte, todos os afazeres da vida destes indivíduos, passam a ser desempenhados num mesmo local e sob uma só autoridade. Todos os momentos da atividade diária dos indivíduos são realizados sob a presença obrigatória de um grupo relativamente grande de outros indivíduos e *“todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva (...) à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários”* (Goffman, 1961: 18).

Considera-se também a existência de uma normalização dominante, como sendo um marco comum a estas Instituições de carácter totalitário, dado que todos os pequenos pormenores quotidianos se encontram regulamentados, sob o critério da cultura dominante, verificando-se por isso a existência daquilo que o autor apelida de “plano racional único”, que visa dar resposta aos objetivos institucionais oficiais. Assim sendo, assiste-se a uma tentativa de rotinização do quotidiano dos reclusos, de forma a proporcionar-lhes um dia a dia estável e sem sobressaltos.

Verifica-se ainda, a existência de um carácter estigmatizante, neste tipo de Instituição. Esta tendência verifica-se não só por a sociedade tender a diferenciar os internados dos restantes cidadãos, atribuindo-lhes um rótulo de conotação negativa. Mas também, devido ao facto de o internado assumir *“a sua diferença face ao «homem normal», quer ainda pela conjugação destes dois fatores”* (Medeiros et al., 1991:24).

O que define estas instituições é o facto de elas cercarem todas as atividades da vida quotidiana dos internados, com consequências que condicionam toda a sua vida social. Estas instituições são portanto, espaços declaradamente cortados do mundo exterior, nos quais se desenvolvem todas as atividades da vida quotidiana dos internados (dormir, distrair-se, trabalhar, tomar as refeições, entre outras) durante um período das suas vidas e cujo quotidiano passa a ser, explícita e minuciosamente controlado e regulado.

A vida nestes espaços com características de instituição totalitária, está organizada em função de oposições estruturais bem marcadas, entre o interior e o exterior, cujo acesso é impossível ou estritamente regulamentado e filtrado pelo pessoal dirigente. Na instituição total, existe um fosso intransponível entre o grupo restrito de dirigentes e a massa de pessoas

dirigidas. Estes vivem ordinariamente no interior do estabelecimento e mantêm com o mundo exterior relações limitadas. Por seu turno, o pessoal técnico permanece socialmente integrado no mundo exterior, pelo facto de efetuar maioritariamente, apenas um serviço de oito horas na Instituição.

Verifica-se por isso, neste tipo de Instituição, a existência de uma acentuada divisão entre um grupo de vasta dimensão, que é controlado, os cos-internados e um grupo restrito, que é controlador, a equipa de supervisão. O grupo controlado, vive no interior da instituição, mantendo restritas relações com o mundo exterior. Por sua vez, o grupo controlador, executa funções profissionais no interior da instituição, estando integrado no mundo exterior. Estes dois grupos geralmente tendem “*a conhecer o outro através de estereótipos limitados e hostis*” (Goffman, 1961:19). Desta forma, cada grupo tende a fazer do outro uma imagem redutora: os reclusos são seres virados para si próprios, reivindicativos e desleais, enquanto o pessoal é percebido pelos reclusos como condescendente, autoritário ou mesquinho. Enquanto o pessoal tem tendência a crer-se superior e a nunca duvidar dos seus direitos, os reclusos têm tendência a sentirem-se inferiores, desvalorizados e culpados.

Segundo Gonçalves (2002), os reclusos podem ser entendidos como grupo de indivíduos forçados a viver em determinadas condições de espaço e clima social, num determinado período de tempo, variável mediante cada situação particular. Estes indivíduos encontram-se nesta situação por alguma instância assim o ter decretado (a polícia, os tribunais, a sociedade). Trata-se de indivíduos que, geralmente, provêm dos estratos mais desfavorecidos da população, com modos de pensar e agir muito determinados pelas vicissitudes culturais e económicas, próprias desses estratos sociais. O indivíduo recluso encontra-se excluído da sociedade por um período de tempo que varia mediante a pena aplicada. Durante este período, a instituição leva a cabo uma ação “*multifacetada, ainda que global e concertada*” (Ibidem: 121) direcionada para o indivíduo, visando a sua transformação, moldada aos padrões comportamentais socialmente aceites. Todos os internados, neste caso reclusos, são então colocados sob uma única autoridade, num lugar que não preserva a sua intimidade, o que significa que perdem a possibilidade de definir ou influenciar a maneira de responder às suas múltiplas necessidades. Verifica-se efetivamente o controlo da instituição sobre todas as atividades da vida quotidiana dos residentes que condiciona a sua vida social. São impostos aos indivíduos, comportamentos que podem parecer estranhos às pessoas, mas que são praticamente inevitáveis no contexto de uma instituição total. Estas relações são marcadas por alguma conflitualidade, pois os técnicos e os guardas prisionais têm a responsabilidade de, não só dirigir e controlar o trabalho, mas sobretudo de vigiar, ou seja, garantir que cada um cumpra as regras e as normas institucionais.



Fatores como a saúde precária, as dificuldades psicomotoras ou de autonomia ou até o esquecimento da família, também contribuem para o afastamento do indivíduo face ao mundo extra - institucional. Neste âmbito, existe uma desconfiança sistemática entre o pessoal técnico e os reclusos. O corpo técnico não consegue encontrar fatores explicativos nas circunstâncias em que os reclusos se encontram e caem em explicações baseadas na “personalidade” e nos “estados de espírito” destes indivíduos.

Nesta sequência de ideias, a instituição assume-se como sendo uma fonte de destituição, pois os seus internados não possuem qualquer tipo de privacidade. É usual a chegada de internados à Instituição providos de uma cultura ilusória “*derivada de um mundo em família – uma forma de vida e um conjunto de atividades aceites sem discussão até ao momento de admissão na instituição*” (Goffman, 1961:23). Todavia, a institucionalização do indivíduo, irá implicar uma despersonalização do mesmo, despojando-o da sua personalidade anterior, modificando a imagem que este possui de si próprio e dos outros, transmitindo-lhe um novo estatuto social, conformando-o assim, com o seu novo papel.

Na verdade, toda a organização delimita as fronteiras com o exterior, sendo que a sua riqueza também depende de intercâmbios noutros âmbitos. Se a pessoa passa toda a vida na Instituição, esta assume-se como sendo “total” e isso acentuar-se-á, quanto mais vulneráveis, física e psicologicamente, estiverem os residentes.

De facto, é mediante uma imposição de horários, regras de trabalho, novas formas de comunicação, atribuição de estatutos e de papéis, que é possível contribuir “*decisivamente para a construção e identidade de uma determinada realidade social*” (Gonçalves, 1993:84). As instituições totais evidenciam um exercício coercivo do poder, isto é, um controlo exercido sobretudo através de ameaças e sanções físicas e morais, personificadas no pessoal de vigilância e nos detidos, atuando entre si na conquista de privilégios internos.

Uma instituição total assume-se, assim, como sendo uma mistura entre comunidade residencial e estrutura regulamentada, considerando o grau de internamento (frequência e intensidade de intercâmbios com o mundo externo) e a regulamentação, polos fundamentais de articulação do modelo (Barenys, 1990). Esse modelo é entendido, como sendo um conjunto de normas que se aplicam, num sistema social e que definem o que é legítimo e o que não o é, dentro desse sistema (Mendras, 1979).

## **2.3. – Carreira moral dos internados e estigmatização**

Goffman (1961), debruça-se também em torno da compreensão dos significados das condutas no seio de uma instituição de internamento, bem como da forma através da qual certas estruturas e funcionamentos institucionais podem participar ativamente na produção de uma morte social na velhice. É assim, no quadro do olhar sociológico deste autor que se entende a sua afirmação relativa à conduta do internado, como sendo uma resposta racional à forma como a vida está organizada numa dada Instituição.

O conceito de carreira, permite justamente, dar conta não só desta experiência do asilo, bem como do processo no qual, o recluso se representa a si próprio e aos outros, reconstruindo um novo universo, progressivamente, adequado ao contexto da instituição totalitária. É um conceito que se aplica às significações de cada indivíduo, nomeadamente à imagem de si mesmo na construção da sua própria identidade. Engloba a situação oficial do indivíduo, as suas relações de direito, o seu género de vida, interferindo por isso, no seu quadro de relações sociais. Autoriza ainda uma relação estabelecida entre o público e o privado. É desta forma que o autor aborda o estudo do “eu”, sob uma perspetiva institucional, incidindo a sua análise em torno dos aspetos morais da carreira, mais concretamente o ciclo das modificações que intervêm na personalidade (derivadas dessa carreira) bem como as alterações do sistema de representações pelas quais o indivíduo toma consciência de si mesmo e apreende os outros. O conceito de carreira pode por isso, ser construtivo nas experiências sociais com uma certa duração e em quadros institucionais fortemente estruturados.

A carreira moral, no seu “decurso de vida”, pressupõe a vivência, por parte do indivíduo, de importantes etapas e conjuntos de acontecimentos que, decorrendo em momentos diferentes, contribuem decisivamente para o aprofundamento de determinada identidade. O momento de admissão do indivíduo na Instituição e toda a respetiva fase inicial, apelida-se de “pré-internamento”. Este ingresso de novos reclusos deve ser realizado individualmente e sem a presença de outros reclusos. Assim sendo, no momento de “entrada”, o novo recluso deve ser conduzido ao gabinete do chefe de guardas, onde se procede à inventariação e ao registo de objetos e roupas que o acompanham (Moreira, 1994). Segue-se o preenchimento de um documento individual, onde devem constar os dados pessoais e criminais do novo recluso. De imediato, o indivíduo é encaminhado para a secretaria onde se procede à inclusão dos dados recolhidos no “livro de registo de entradas”, para que lhe possa ser atribuído um número de identificação prisional. É necessário ainda o preenchimento de uma ficha antropométrica nos serviços de estatística. Após o cumprimento destes parâmetros iniciais, o indivíduo, ao longo do

primeiro mês de reclusão, deverá reunir com uma equipa multidisciplinar (secretário, assistente religioso, técnico de reinserção social, entre outros) para apuramento das suas características e posterior planificação de um plano individual de tratamento penitenciário. Os contactos estabelecidos entre os reclusos e respetivos técnicos devem ser frequentes. Nesta fase, o indivíduo vivencia uma experiência de abandono pelos mais próximos e de ressentimento em relação a quem interveio na decisão do seu internamento, desencadeando assim, uma interpretação sobre si mesmo, ao olhar retrospectivamente para o seu progresso. A partir dessa auto reconstrução, irá decorrer toda a carreira desse indivíduo, pelo que o último momento desta fase poderá englobar uma atitude compreensiva, por parte do internado, *“de que foi abandonado pela sociedade e perdeu as relações com os que estavam mais próximos dele.”* (Goffman, 1961:125).

Por sua vez, Barenys (1990) sublinha que a entrada de um indivíduo numa instituição com características totalitárias, simboliza uma rotura com o meio ambiente material e social, no qual a sua vida decorria. Desta forma, o indivíduo é destituído das suas certezas e despojado da sua rede de relações sociais, parte integrante da sua identidade social. A autora acrescenta ainda que o período de institucionalização pode considerar-se como uma espécie de “reta final” da vida do indivíduo, sem expectativas de “horizonte social”.

Na fase de internamento/hospitalização, o indivíduo inicia um processo de aceitação da sua nova posição. Começa por isso, a aperceber-se que havia sido despojado de muitas das suas (outro) defesas e certezas pessoais e contentamentos, estando por isso sujeito, a um conjunto completo de formas de mortificação. Mais concretamente, o condicionamento dos movimentos livres do indivíduo, a obrigatoriedade de viver em comunidade, a submissão a uma autoridade difusa e imposta por várias pessoas, as frequentes humilhações, entre outras. Assim, o indivíduo traça as suas perspetivas de vida futuras (no interior da Instituição) em torno de mecanismos normativos segregados *“nos quais o internado passa toda a vida no local, e vive disciplinadamente a rotina diária, na companhia de um grupo de pessoas que têm o mesmo status institucional”* (Goffman, 1961:127).

Por conseguinte, assiste-se um ajustamento progressivo vivenciado por parte do internado, à medida que é destituído das suas certezas. A ideia que ele possui de si mesmo é rapidamente posta em causa, à medida que é forçosamente desprovido dos seus suportes habituais. O “eu”, definido como representação do indivíduo de si próprio, enquanto sujeito, encontra-se maleável, sendo simultaneamente condicionado pelo controle social exercido pelo pessoal de enquadramento e pela maneira como o próprio indivíduo integra a sua nova identidade, institucionalmente imposta. Ainda nesta fase, o internado apercebe-se da existência de um sistema de punições e de recompensas institucionais. Ou seja, a adoção de qualquer tipo

de comportamento considerado desviante, que quebre as normas institucionais, irá implicar a perda de privilégios por parte do indivíduo e a aplicação de rígidos castigos. Pelo contrário, caso o indivíduo opte pela adoção de comportamentos “sintonizados” com os padrões institucionais *“será finalmente autorizado a readquirir algumas das satisfações secundárias que, fora, aceitava sem discussão”* (Ibidem: 127).

Na fase de pós-internamento/pós-hospitalização, o indivíduo irá ressentir as dificuldades de reinserção no mundo exterior, com o qual a Instituição o forçou a cortar todas as ligações e ao qual terá que se readaptar.

O internamento prisional pode revelar-se, assim, como uma carreira ou processo progressivo de aprofundamento de determinada identidade, neste caso de recluso, na medida em que o indivíduo, ao longo do período de internamento, vivencia diferentes fases de adaptação à sua nova condição. Este é necessariamente despojado do seu eu pré institucional, adquirindo uma nova identidade, a de recluso, estando por isso submisso a toda uma dinâmica institucional estigmatizante.

Relativamente ao conceito de estigma, Goffman (1975) foi igualmente importante para a compreensão dos processos de adaptação às instituições de carácter totalitário, designa um atributo aplicado a alguém e que transmite uma profunda descrença nessa mesma pessoa por ser portadora desse mesmo atributo. Representa, ainda, um certo tipo de relação entre o atributo e o estereótipo, mesmo que existam, na nossa sociedade atributos importantes que impliquem a descrença. É possível distinguirem-se três tipos de estigmas, nomeadamente as malformações físicas do ser humano, as perturbações de carácter (reprimidas pela sociedade) e os estigmas tribais (como é o caso da etnia, da religião, da nacionalidade, entre outros). Assim, o facto de um indivíduo possuir um estigma, significa que acarreta em si uma desagradável diferença para com os restantes membros da sociedade, na medida em que o atributo estereotipado que lhe fora aplicado, se encontra à margem das expectativas da sociedade.

Em suma, o autor entende o conceito de estigma como sendo uma característica ou atributo que expõe um indivíduo ou uma categoria de indivíduos a fortes reacções de descrédito por parte dos outros, no que concerne à atribuição de uma identidade severamente desvalorizada. Assim, o processo de estigmatização traduz-se na forma através da qual, a desvalorização simbólica provocada pelo estigma induz uma marcação de distância, um afastamento (segregação) e um tratamento penalizante ou negação de direitos (discriminação).

Os conceitos de estigma e de identidade social, poderão ser melhor entendidos à luz da análise das interações estabelecidas entre grupos sociais com diferentes poderes, nomeadamente

entre os reclusos mais ou menos fragilizados e “desenraizados” e o pessoal técnico da prisão. Desta forma, verifica-se a existência de uma elevada tendência para etiquetar de forma negativa determinados indivíduos, não havendo qualquer tipo de expectativa a seu respeito, descredenciando por isso, na possibilidade de alteração da situação na qual, estes se encontram. A inexistência de expectativas a seu respeito, constitui um forte impedimento para a ação, verificando-se uma tendência de trato do indivíduo em causa, na base da total incapacidade de descobrir as suas potencialidades, não encontrando por isso, forma alguma de as estimular e desenvolver. Assim, o indivíduo confrontado com a edificação de uma imagem negativa de si próprio e com a falta de investimento no seu desenvolvimento pessoal, tende a adotar práticas comportamentais defensivas, reforçando assim a convicção do grupo técnico relativamente à impossibilidade de alterar a condição destes indivíduos. O indivíduo constrói, por isso, sobre si mesmo uma identidade desvalorizada.

Neste seguimento de ideias, importa salientar que por condenação, entende-se a condição ou rótulo que acompanha o indivíduo após o cumprimento de pena. Este rótulo emerge do “*cariz estigmatizante que a sociedade lhes apõe e/ou os internados assumem*” (Medeiros et al., 1991:21), inerente a todas as Instituições de carácter totalitário. Estes autores consideram ainda, a existência de uma característica inerente a todas as instituições totais, mais concretamente, o carácter estigmatizante em falta nos contributos de Goffman (1961). Assim, este tipo de instituição possui um carácter estigmatizante, não só por a sociedade diferenciar os internados rotulando-os negativamente, mas também devido ao próprio internado assumir (negativamente, ou em casos de “hiperconformismo”, de forma positiva) a sua diferença relativamente ao homem normal.

A estigmatização pode estar presente no momento de entrada do indivíduo numa Instituição Total, passível de ser interiorizada pelo mesmo, durante o período de internamento, mediante os contactos estabelecidos entre os internados. O indivíduo será rotulado pela sociedade como desviante, podendo vir a assumir esse rótulo, identificando-se por isso com o conjunto de atitudes e valores de subculturas desviantes. Desta forma, a estigmatização tem um importante papel na discriminação social e na interiorização individual dos rótulos aplicados. O indivíduo institucionalizado desenvolve, portanto, uma carreira adaptativa à sua nova condição, a qual é portadora de um cariz estigmatizante aos olhos da sociedade que, além de rotular negativamente os internados, dificulta o seu processo de reinserção social.

## **2. 4. – Mortificação do eu e estratégias de adaptação**

A existência humana requer a satisfação de certas expetativas por parte dos indivíduos, pelo que cada qual possui um determinado papel, uma postura, uma função e uma ação a exercer na sociedade. Caso o indivíduo adote comportamentos diferentes dos esperados pela sociedade, irá necessariamente perder toda a anterior legitimidade e uma vez estigmatizado, pela sociedade, terá que se vincular ao papel que lhe é imposto. O processo de mortificação do eu desenvolvido pelos reclusos, tem um significativo impacto na identidade destes indivíduos, variando conforme o grau de vulnerabilidade de cada um, instituído pela ordem institucional. Assim, todo o processo de reclusão implica uma “desorganização” da personalidade do indivíduo, resultado de um enfraquecimento mental, devido à limitação de horizontes e a uma infantilização devida ao despoletar no indivíduo, sentimentos de impotência e de inferioridade no meio onde se encontra. A reclusão pressupõe que o indivíduo seja “abruptamente desumanizado e desindividualizado”, pelo que as suas roupas, os seus pertences, os seus hábitos, são-lhe retirados, em prol da segurança prisional (Braga, 2008). Resultado de toda esta sequência de acontecimentos, o indivíduo tende a dissipar todo o seu anterior referencial pessoal, para integrar um novo grupo de exclusão, o dos reclusos.

Desta forma, o processo de reclusão conduz o indivíduo à perda da sua identidade, intimidade, vontade e autonomia, constituindo por isso uma violação de direitos humanos e fundamentais, consagrados na Constituição da República Portuguesa (2005). De acordo com Baratta (2002) o processo de reclusão desencadeia um duplo movimento, de desculturação ou negação da cultura e de aculturação ou aceitação de uma nova (sub) cultura. Sendo por isso possível de identificar um locus de violação de direitos e de violência humana, na medida em que o sistema leva os cidadãos, em situação de privação da liberdade, a perderem a sua anterior personalidade, sendo configurados à semelhança dos interesses do sistema prisional.

Na sua análise, Goffman (1961) debruça-se sobre as técnicas de mortificação e de despersonalização postas em prática em todas as instituições totalitárias, capazes de despojar o indivíduo da sua personalidade anterior, modificando a imagem que possui de si mesmo e dos outros, endossando-lhe assim, um novo estatuto e conformando-o com o seu novo papel.

Neste sentido, o indivíduo, usualmente apelidado de “novato”, no momento de chegada à Instituição, possui uma conceção de si mesmo, construída através de várias disposições sociais estáveis, inerentes ao seu ambiente doméstico. Todavia, ao integrar o ambiente institucional, irá “despir” todo o conforto proporcionado pelas referidas disposições, dando início a um processo

pautado por rebaixamentos, humilhações, constrangimentos e violações do “eu”, sendo o indivíduo por isso, mortificado. Este indivíduo irá portanto, vivenciar profundas transformações na sua carreira moral, que por sua vez se traduz numa *“carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele”* (Goffman, 1961:24).

Nas instituições totalitárias, as obrigações são forçosamente numerosas e muito constrangedoras, uma vez que os indivíduos não beneficiam de um conjunto de direitos normalmente adquiridos no exterior, como o de se deslocarem em função das suas conveniências, de decidirem por si próprios as suas atividades de lazer ou, de poderem fazer defender os seus direitos perante uma determinada instância.

As cerimónias de admissão, caracterizadas por rituais de submissão e por vezes, acompanhadas de sessões de desnudamento de forte pendor simbólico, indicam cruamente que os indivíduos devem, em primeiro lugar, fazer-se “pequenos”, antes de revestirem o seu novo estatuto e de serem plenamente admitidos no novo universo. As violações de intimidade são também muito frequentes.

Desta forma, o processo de admissão, implica o desencadear de processos de mortificação e de perda. Na perspectiva da equipa técnica, os processos de admissão pressupõem a recolha de uma série de dados pessoais, que abrangem a construção de uma história de vida, por parte de cada indivíduo, a fotografiação dos mesmos, o registo do peso e da altura, a gravação de impressões digitais, a atribuição de números aos indivíduos e a identificação dos seus pertences (de forma a que possam ser guardados). Por conseguinte, o indivíduo será sujeito a rituais que implicam que se dispa, tome banho, seja desinfetado, corte os cabelos, vista roupas da Instituição e receba instruções de funcionamento institucional. Por último, o indivíduo ao integrar a Instituição, é automaticamente *“conformado e codificado num objeto que pode ser colocado na máquina administrativa do estabelecimento, modelado suavemente pelas operações de rotina”* (Goffman, 1961:26).

Derivada do processo de admissão institucional, surge uma outra forma de mortificação do eu, designada de “exposição contaminadora”. Ou seja, no mundo externo, ou pré-institucional, o indivíduo consegue manter objetos por si identificados como pertencentes aos seus sentimentos do “eu”. Todavia, quando o indivíduo integra uma instituição total, *“esses territórios do eu são violados, a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do eu são profanadas”* (Ibidem, 1961:31).

Assim sendo, primeiramente assiste-se a uma “violação da reserva de informação” quanto ao eu. No momento de admissão, os factos a respeito das posições sociais e do comportamento anterior do internado – “factos desabonadores” – são codificados e integrados num processo individual, à disposição dos técnicos. Mais tarde poderá desencadear-se uma confissão grupal ou individual.

Concluindo, a instituição total produz um doloroso processo de despersonalização do indivíduo. Ou seja, despoja o indivíduo dos seus papéis sociais e até, da sua personalidade anterior ao internamento, através de técnicas de mortificação do eu, que privam o indivíduo dos sinais associados à posição que ocupava no sistema social antes de entrar na Instituição. Tais técnicas, geralmente atingem decisivamente a dignidade do indivíduo, obrigando-o a modificar a imagem que possui de si mesmo. O grupo técnico, apenas permite a existência de algum conforto e de flexibilização de regras institucionais, somente aos que demonstrarem conformismo e atitudes de submissão às normas institucionais vigentes.

Em todas as instituições totalitárias, a adoção de comportamentos adequados é encorajada por um eficaz sistema de privilégios, que em grande parte fornece aos indivíduos a ossatura da sua nova personalidade e consagra a sua rotura com o mundo anterior. A instituição concede-lhes um conjunto de favores e de recompensas em troca da sua submissão e da sua colaboração. Assim sendo, as regras da casa são entendidas como sendo um conjunto relativamente claro e rígido, de ordens e de proibições, que informam os indivíduos acerca das exigências que lhe são impostas, ao longo do seu percurso institucional. Contudo, paralelamente verifica-se a existência de um sistema de pequenas recompensas que poderão ser obtidas em troca de obediências e respeito às normas vigentes. Desta forma, denota-se que o sistema de privilégios/recompensas, bem como o processo de mortificação do eu “*constituem as condições a que o internado precisa adaptar-se*” (Ibidem, 1961:59).

No entanto, ao integrar o ambiente institucional, o indivíduo irá desenvolver diferentes formas de adaptação, consoante as diferentes fases da sua carreira moral, podendo adotar diferentes estratégias comportamentais, num mesmo tempo. O processo de adaptação à prisão consiste na forma de cumprimento da pena escolhida pelo sujeito, que sofre a influência de fatores variados. Este processo assume diferentes contornos de indivíduo para indivíduo, sendo determinante na aplicação de medidas de flexibilização da pena e nos planos de tratamento prisional. Assim, no processo de adaptação institucional, o recluso desenvolve um mecanismo que o permite adaptar-se à nova realidade que dependerá, das condutas criminais e sociais, da experiência prisional, bem como da sua recetividade, às diversas mecânicas institucionais.



O facto de o indivíduo se encontrar privado de liberdade, poderá desencadear uma percepção subjetiva de “paragem” no tempo, pelo que ao sair em liberdade, terá que se readaptar às transformações sociais até então decorridas e inteirar-se da atualidade global. A “morte para o mundo” não invalida a existência de uma “vida institucional”, instrumento fulcral no tratamento dos internados. Gonçalves (2002), analisa os contributos da teoria dos sistemas na compreensão dos diferentes processos de adaptação à prisão desenvolvido pelos reclusos, visando a conceção da prisão como sistema aberto. Assim, o recluso surge simultaneamente como um ator e como um produto desse mesmo sistema, sendo por isso um elemento no qual, incidem os processos de transformação existentes, incutindo-lhe hábitos de trabalho (anteriormente inexistentes) e investindo na sua formação profissional ou escolar. O recluso pode ainda beneficiar de acompanhamento psicológico, de modo a adquirir competências pró-sociais e uma melhor compreensão e aceitação de si próprio, propiciando o emergir de expectativas e aspirações futuras no indivíduo e prevenindo assim, a sua reincidência criminal. Este tipo de percurso adaptativo enfatiza a ressocialização do indivíduo, investindo nele próprio para que possua maiores e melhores oportunidades futuras, iniciando eficazmente um novo processo adaptativo, o da retoma da liberdade.

Seguidamente procede-se a uma tentativa de compreensão da forma pela qual o internado caracteriza e assimila as relações estabelecidas com os restantes internados, quais os modelos de organização social adotados e qual a forma como se hierarquiza e estratifica este todo. Verifica-se então, que as relações sociais entre os reclusos são pautadas por um constante estado de tensão, que se traduz pela adoção de comportamentos individualistas, egoístas, por suspeições e por rivalidades. Esta situação resulta, não só da ação direta e indireta da cadeia, mas também, da saturação sentida pelos reclusos de si próprios e dos companheiros, gerando-se por vezes situações de conflito (delação, negócios mal resolvidos, dívidas e furtos).

É por isso, de ressaltar que os indivíduos, mesmo quando submetidos a regras fortemente coercivas, não se reduzem a seres condicionados. Ou seja, desenvolvem reações capazes de salvaguardar um mínimo de controlo sobre a sua própria vida, intituladas de adaptações secundárias. As adaptações ou ajustamentos secundários constituem modos, através dos quais, o indivíduo institucionalizado se afasta do seu papel e do seu novo eu (institucional), que lhe fora imposto. Podem ainda ser consideradas como *“qualquer disposição habitual pelo qual o participante de uma organização emprega meios ilícitos, ou consegue fins não-autorizados, ou ambas as coisas, de forma a escapar daquilo que a organização supõe que deve fazer e obter e, portanto, daquilo que deve ser”* (Goffman, 1961:160).

Os referidos mecanismos derivam das regras e costumes institucionais que privam os indivíduos da identidade constituída ao longo de todo o seu percurso de vida, contestam as suas disposições e inviabilizam a sua participação na gestão do seu universo quotidiano. Desta forma, o referido autor reconhece a existência de uma vida clandestina institucional.

Por outro lado, destaca-se ainda particular atenção para o caso de indivíduos que se adaptam à nova realidade institucional, dando provas de hiperconformismo, ou seja “fazendo demais”. Segundo esta ordem de ideias, o sucesso do processo de mortificação do eu, inerente ao processo de internamento, dependerá maioritariamente das estratégias de adaptação, utilizadas pelos internados, cuja submissão às normas institucionais poderá ser maior ou menor, podendo também alternar consoante as fases da carreira moral vivenciadas pelo indivíduo.

O estatuto individual e o prestígio do recluso surgem, então, diretamente ligados à sua experiência prisional que poderá facilitar o acesso do mesmo a determinados bens, regalias e à resolução atempada de problemas. A hierarquização e a estratificação social prisional dependem essencialmente, do conhecimento da vida prisional e do sucesso das estratégias adotadas pelos reclusos. Por isso, “*a posse de bens materiais é meio caminho andado para a aquisição de status*” (Ibidem: 200), pelo que a estratificação existente entre reclusos irá resultar essencialmente do comportamento do detido face à instituição, tendendo os reclusos a associarem-se àqueles que detenham bens e prestígio.

### III - Envelhecimento em contexto prisional

A importância do estudo em torno da complexidade do envelhecimento, bem como das suas particularidades e implicações, torna-se cada vez mais fulcral, nos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento, mediante o aumento da esperança média de vida.

Entende-se por envelhecimento demográfico o fenómeno assinalado pelo aumento da proporção das pessoas idosas no conjunto da população total. Esse aumento surge em detrimento da população jovem e/ou em idade ativa, assistindo-se então, a uma transição demográfica. Ou seja, a uma passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados para um outro em que ambos os fenómenos atingem níveis baixos. Todo este processo culmina num estreitamento da base da pirâmide de idades, com uma redução no número de jovens e um alargamento do topo, aumentando a quantidade de pessoas idosas. Assim, prevê-se um aumento do número de idosos *“na ordem dos 223%, ou seja, em 2025 poderão existir cerca de 1.2 biliões de pessoas com mais de 60 anos e em 2050 cerca de 2 biliões (80% a viver em países em desenvolvimento)”* (Cruz, 2009:9).

Estas previsões são reforçadas pelas informações divulgadas pela ONU (2002), referentes à II Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento, que preveem no ano de 2050, a existência de uma em cada cinco pessoas terá mais de sessenta anos e em cada cem pessoas idosas, sessenta pertencerão a países em desenvolvimento. Assim, nos países mais desenvolvidos, o rápido crescimento demográfico tem conduzido à redução das diferenças entre as pessoas idosas, em países como Portugal, Espanha, Grécia e Itália.

O envelhecimento demográfico não evolui de forma uniforme em todas as regiões do mundo. Desde a década de 60, os locais que apresentam índices de desenvolvimento mais elevados, foram os primeiros a vivenciar o fenómeno de transição demográfica. No caso português, verificou-se mais tardiamente o início deste processo, quando comparado com os países mais precocemente industrializados da Europa. A diminuição da natalidade portuguesa caracterizou-se pela sua rapidez e precisão, desde a década de 80. Mais concretamente, após o 25 de abril, assim que os retornados das antigas colónias se integraram na população portuguesa, a taxa de natalidade começou a descer drasticamente, pelo que, na década de 80, a chamada *“reposição de gerações”* deixou de se verificar e a população começou a diminuir (Cabral, 1998). Assim, no início dos anos 90, a taxa de natalidade portuguesa era das mais baixas do mundo.

Dados provenientes do Instituto Nacional de Estatística (2007) revelam que, no ano de 2006, a população idosa portuguesa representava 17,3% da população total, face a 15,5% de população jovem (com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos) e 67,3% da população em idade ativa (15-64 anos), pelo que a população com 80 e mais anos de idade representava 4,1% da população total. E se, em 1990, a população portuguesa tinha uma esperança média de vida à nascença, de cerca de 74,1 anos, esse mesmo valor viria a aumentar, em 2006, para os 78,5 anos.

Nas últimas quatro décadas, a população portuguesa com mais de 85 anos quadruplicou. Segundo os dados divulgados pelo Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa, referentes ao ano de 2011, a população que já ultrapassou a barreira dos 85 anos ronda os 200 mil indivíduos. Segundo a mesma fonte, a esperança média de vida dos portugueses passou dos 35 anos, no início do século XX, para os atuais 85 anos - mulheres - e 79 anos - homens.

A sociedade portuguesa vivencia atualmente um acentuado processo de envelhecimento demográfico, resultante, essencialmente da passagem rápida de um modelo de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo em que ambos os fenómenos atingem níveis particularmente baixos. Ou seja, o número de pessoas idosas cresce em ritmo maior do que a natalidade. Por este motivo, o envelhecimento da população portuguesa tem vindo a acentuar-se quer pela base da pirâmide etária, com a diminuição da população jovem, quer pelo topo com o incremento da população idosa. A pirâmide de idades deixou de ser triangular e apresenta um estreitamento na base, como resultado da baixa da fecundidade e um alargamento no topo, decorrente da maior longevidade. Assiste-se assim, ao fenómeno da "inversão" da pirâmide de idades.

Os fatores chave que impulsionaram este ciclo de modificações são de ordem variada (social, política, económica e cultural), pelo que usualmente se recorre a uma perspetiva de caráter individualista para tentar explicar a diminuição da taxa de mortalidade. Considera-se por isso relevante neste processo, as condutas dos indivíduos como produto das suas opções, escolhas, decisões, deliberações, ignorando o facto que os indivíduos nunca existem por si só, de forma independente dos contextos em que foram socializados.

O aumento dos índices da esperança de vida, pode ainda ser explicado através da evolução e difusão da medicina, das práticas de prevenção e de tratamento da morbilidade, que tiveram um importante papel na modificação das práticas face à doença e na diminuição da mortalidade infantil.

A Gerontologia entende que o envelhecimento não significa uma decadência mas sim uma sequência da vida, um processo que ocorre ao longo do ciclo de vida do indivíduo, com as suas peculiaridades e características. Em geral, a literatura classifica, didaticamente, as pessoas acima de 60 anos como idosos e participantes da Terceira Idade. Contudo, a chamada “idade da reforma” é simultaneamente tida como a “entrada na terceira idade”. A idade pode ser biológica, psicológica, ou ainda, sociológica à medida que se enfoca o envelhecimento em diferentes proporções das várias capacidades dos indivíduos. A vida humana desenvolve-se desde o nascimento, de tal forma, que a idade cronológica define-se consoante o avanço do tempo. E o tempo fica definido como um sinónimo para uma eternidade quantificada, ou seja, uma cota. Desta forma, o homem e o tempo influenciam-se mutuamente, resultando num aproveitamento diferente do tempo para diferentes pessoas (Goldfarb, 1998).

Os gerontologistas da atualidade têm avançado com estudos nos quais procedem a uma distinção entre envelhecimento primário e envelhecimento secundário. O primeiro reflete um limite intrínseco, que poderá ser pré-programado a nível genético da longevidade celular, (Spar & LaRue, 2005). O envelhecimento secundário, por seu turno, está voltado para questões externas ao indivíduo, sendo influenciado, por exemplo, pelo contexto etno-histórico em que os acontecimentos de vida tiveram lugar, pelas alterações de papel ocorridas no ciclo de vida, bem como pelos significados atribuídos pelo indivíduo a esses acontecimentos.

As modificações bio – psico – sociais advindas do processo de envelhecimento surgem tendencialmente de forma gradual, abrangendo um longo período de tempo, não havendo uma idade específica na qual seja possível apelidar um indivíduo de “velho”. Isto explica-se através dos diferentes processos de envelhecimento individuais, em várias dimensões (física, psicológica e social). É por isso errado, pensar no processo de envelhecimento descuidando o seu caráter global, *“analisar a velhice de forma separada é não refletir sobre a totalidade do fenómeno, que não implica em se apresentar como um dado biológico, mas também existencial, psíquico, histórico e cultural”* (Mercandante, 1998: 60). Neste sentido, a ação conjunta dos demais fatores endógenos e exógenos irão influenciar de diferente forma cada indivíduo, desencadeando diferentes repercussões no processo de envelhecimento de cada qual.

Face às diferentes designações de envelhecimento explanadas, entende-se portanto, por envelhecimento, o processo que abrange a segunda metade da vida (frequentemente apelidada de meia-idade) dos indivíduos, pressupondo a ocorrência de uma série de transformações a vários níveis, biológico, psicológico e social. Estas transições encontram-se diretamente condicionadas pelos percursos de vida de cada indivíduo em particular. No entanto, coexistem distintas formas de envelhecer, não dependendo somente de componentes genéticos ou do fator

sorte. A forma de envelhecer poderá também, ser condicionada pelas ações e escolhas de cada indivíduo ao longo do seu percurso de vida.

Os termos envelhecimento ativo e bem-sucedido são usados para explicar o processo de envelhecer bem. Assim, o conceito de Envelhecimento Bem – Sucedido surgiu nos anos 80, resultante das alterações demográficas e consequentes necessidades promotoras de uma adaptação otimizada à nova etapa da vida. Segundo Rowe & Kahn (1997), consiste numa forma de envelhecer sob condições favoráveis e propícias ao desenvolvimento psicológico. Pressupõe portanto, uma reduzida probabilidade de doença bem como a incapacidade a ela associada, uma elevada capacidade cognitiva e funcional e por último, um envolvimento ativo com a vida (existência de relações interpessoais e o desenvolvimento de atividades produtivas). Para que um indivíduo possa considerar o seu processo de envelhecimento como sendo bem – sucedido, é necessária a existência de condições promotoras à qualidade de vida do mesmo. Desta forma, adotando a definição proposta pela Organização Mundial de Saúde (2005), entende-se por Qualidade de Vida a percepção que o indivíduo tem da sua posição na vida, dentro do contexto da sua cultura e do seu sistema de valores, em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.

Mediante a dificuldade anunciada por este modelo na definição de padrões de sucesso, surge o conceito de Envelhecimento Ativo, proposto pela Organização Mundial de Saúde (2005), como sendo mais consensual na medida em que preconiza a qualidade de vida e a saúde dos mais velhos com manutenção da autonomia física, psicológica e social, em que todos os idosos estejam integrados em sociedades seguras e em que assumam cidadania plena. Este modelo é aplicado desde que o indivíduo nasce e perpetua a ideia, de que para atingir níveis de envelhecimento ótimos, cabe a responsabilidade ao Estado e ao Indivíduo. Consiste num processo de otimização das oportunidades de saúde, de participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida em que as pessoas ficam mais velhas. Os seus determinantes, segundo Ribeiro & Paúl (2011) podem ser agrupados segundo uma ordem pessoal (fatores biológicos, genéticos e psicológicos), comportamental (estilos de vida saudável e participação ativa no cuidado da própria saúde), económica (rendimentos, proteção social, oportunidades de trabalho digno), do meio físico (acessibilidade a serviços de transporte, moradias e vizinhança seguras e apropriadas, água limpa, ar puro e alimentos seguros), sociais (apoio social, educação e alfabetização, prevenção de violência e abuso) e relativos aos serviços sociais e de saúde de usufruto dos indivíduos (orientados para a promoção da saúde e prevenção de doenças, sendo acessíveis e de qualidade). Por sua vez, cada um destes determinantes reparte-se em inúmeros indicadores.

Considerando que nem todos os indivíduos beneficiam das mesmas condições de envelhecimento, é um facto que as pessoas idosas podem constituir um grupo vulnerável à pobreza e à exclusão social. O processo de envelhecimento pode portanto, acarretar uma perda de autonomia e tendência de isolamento, com a agravante de, em muitos casos, estas pessoas residirem em locais afastados dos seus parentes e/ou de difícil acesso a serviços de apoio social. Geralmente, os poucos recursos económicos destes indivíduos, impossibilitam a contratação de serviços pessoais privados. Contudo, em muitas situações, são os próprios indivíduos que rejeitam beneficiar da prestação de determinados cuidados, por derivados motivos, nos quais os traços de personalidade assumem uma influência fulcral.

Na qualidade de disposições endógenas, estáveis e geralmente herdadas, os traços de personalidade caraterísticos das pessoas idosas, poderão ter uma pequena, mas permanente, influência das práticas educativas da sua infância. Contudo, estes indivíduos à medida que envelhecem, tendem a desenvolver uma personalidade de tipo defensivo, revelando uma forte motivação para continuar a trabalhar, tentando “provar” que ainda são jovens. Em contrapartida, o ser humano, ao atingir uma idade avançada defronta-se com uma necessidade constante de enfrentar a diminuição do desempenho dos diferentes domínios funcionais (Costa, 2007).

Apesar da existência de inúmeros estudos referentes ao envelhecimento da sociedade contemporânea, verifica-se que os crescentes casos de pessoas idosas reclusas passam despercebidos, transmitindo “*a falsa impressão de que quase não existem pessoas da terceira idade atrás das grades*”, situação contra argumentada pelas estatísticas prisionais, que dão conta de uma “*realidade desoladora*” (Silveira, s.d.). Dados estatísticos atestam a existência de aproximadamente 199 reclusos “*com mais de 65 anos a viver nas prisões*” (Pereira, 2012), pelo que “*a maioria ingressou no sistema pela primeira vez já em idade avançada e por crimes graves como homicídios (...) e violação*” (Ibidem).

Para uma possível compreensão dos diferentes processos de envelhecimento em contexto prisional – finalidade do presente trabalho de investigação - é fundamental estudar a conduta humana, nomeadamente os motivos que geralmente desencadeiam a prática criminal em indivíduos de idade avançada.

Nesta sequência, torna-se fundamental apresentar uma breve noção de criminalidade, como sendo o conjunto de padrões comportamentais reconhecidos como ilegais (Costa, 2007). Considerando o facto do número de práticas criminais tender a diminuir em função do aumento da idade (Negreiros, 2001), é inevitável refletir sobre o porquê de indivíduos de idade avançada, cometerem algum tipo de delito, cuja condenação implique o cumprimento de pena de prisão.

Assim sendo, é fundamental pensar nos diferentes casos de práticas criminais em idade tardia, de um modo global, não “olhando” apenas para contingentes externos ou simples atributos que classificam os indivíduos em função da idade, *“não pode ser algo especial, mental, cronológico, sem ser isso tudo numa totalidade, sem assumir e levar para diante seus atributos e transformá-los em várias dimensões de seu ser”* (Martins, 1989).

Relativamente aos crimes manifestados na faixa etária da terceira idade e no caso particular de indivíduos do sexo masculino, predominam os abusos sexuais, as burlas, o fogo posto e os homicídios (essencialmente na forma tentada). Apesar de se verificar um decréscimo na redução dos crimes mediante o aumento da idade dos indivíduos, registou-se no ano de 2006 um total de 706 crimes cometidos por indivíduos com 65 e mais anos do sexo masculino, comparativamente com o ano de 2001, no qual se registaram apenas 149 crimes, verificando-se um aumento de 557 crimes num período de 6 anos (Costa, 2007).

O autor justifica o aumento do número pessoas de idade avançada envolvidas em práticas criminais, através de um conjunto de fatores que explicam as dificuldades destes indivíduos no processo de adaptação ao envelhecimento. Designadamente, o baixo nível de instrução, a baixa condição socioeconómica, a residência em áreas degradadas, a falta de ocupação, a solidão, o isolamento social, os traços de personalidade pautados por *“elevado neuroticismo e baixa extroversão, e os distúrbios psicopatológicos traduzidos por ansiedade-depressão e hostilidade-desconfiança”* (Ibidem:41-42). A isto acrescem determinadas questões que tendem a agravar as dificuldades quotidianas do idoso na realização das demais atividades de vida diária (básicas e instrumentais), enquanto infratores da lei, como é o caso da existência de doença (s) crónica (s), a ocorrência de acidente vascular cerebral (antigo ou recente), a imobilização, o discurso verbal confuso, os poucos recursos económicos, a fraca ou inexistente retaguarda familiar, os problemas conjugais, os défices auditivos e/ou visuais, a excessiva medicação, as quedas, os abusos e as perturbações mentais. Destacam-se ainda os casos de deterioração cognitiva e de desgaste físico-emocional, que constituem *“caraterísticas fundamentais dos que se tornam delinquentes pela primeira vez depois dos 65 anos”* (Ibidem: 42).

Os hábitos alcoólicos frequentes e o alcoolismo crónico, também influenciam determinantemente os crimes cometidos por pessoas idosas do sexo masculino, *“dos homens, a maioria foi internada após ter cometido crimes de homicídio e ofensas corporais, e em menor número de natureza sexual (...) para a prática do qual não é normalmente necessária força física”* (Ibidem: 45-58), variando mediante as limitações físico-cognitivas do infrator. Os infratores consumidores de álcool, revelam uma maior predisposição no desenvolvimento de patologias mentais, conducentes (por vezes) a situações de inimizabilidade criminal, mediante as capacidades intelectuais e emocionais das personalidades destes indivíduos. Conclui-se



portanto que estes indivíduos, com tendência a isolarem-se, revelam dificuldades de socialização, uma insensibilização afetiva e uma carência intelectual. Esta situação pode ser explicada pelo facto de que à medida que a idade avança, o Homem “pensa mais e pensa melhor”, (pelo que o seu nível educativo terá uma forte influência), não querendo dizer que pense mais acertadamente, mas possui uma menor margem para dominar as emoções que guiam a sua conduta (Alba:1992), podendo isto originar incidências criminais primárias por parte destes indivíduos.

O contexto prisional, constitui um caso específico de concentração de pessoas numa instituição, podendo caracterizar-se pela presença de sentimentos de frustração, ócio, desacreditação no futuro próximo, violência, rotura de laços familiares e sociais, desenvolvimento de perturbações mentais, entre outros, que quando conjugados entre si, poderão prejudicar a qualidade de vida do seu público e de certo modo, acelerar o seu processo de envelhecimento.

Assim, uma vez detidos, verifica-se que no “horizonte” destes indivíduos, o envelhecimento não se encontra presente, estando substituído pela liberdade, e respetivas esperanças nela depositadas. O tempo no qual o indivíduo se encontra preso é o mesmo tempo em que se encontra a envelhecer. Contudo, *“este envelhecer, muitas vezes, surge travestido com uma roupagem diferente daquela usada na vida das pessoas livres. Para o preso, a contagem do tempo é regressiva. As horas, os minutos, os segundos são subtraídos da sua existência. Na relação tempo-envelhecimento prisional, o tempo deveria voar, pois, se o tempo voasse, mais rápido os presos teriam de volta a sua liberdade. Nessa relação o processo de envelhecimento prisional é marcado pela espera do retorno à vida em liberdade* (Suelma, 2003: 16). A pena de privação de liberdade, através da reclusão, é *“descontada em anos, horas, minutos e segundos, ou seja, desconta-se no tempo, que se transforma em valor monetário”* (Ibidem:20), pelo que o indivíduo recluso envelhece ao mesmo tempo em se encontra a pagar uma dívida por um erro cometido. Essa dívida é paga à sociedade através da sua liberdade, com o seu tempo, pelo que a liberdade adquire também um valor económico.

O envelhecimento prisional tem uma dupla dimensão temporal, na medida em que representa o tempo vivido, bem como o tempo “interno” de cada indivíduo, que Martins (1998) apelida de “Kairós”. O “Kairós” representa por isso, um tempo presente que é vivido, através de uma determinação consciente e efetiva da existência do indivíduo, indicando-lhe novas direções a seguir. E o tempo institucional ou cronológico é aquele no qual, o indivíduo durante um determinado período, desenvolve a mesma rotina quotidiana imposta pela instituição.

Assim, considera-se a longevidade como sendo uma realidade atual, que acarreta consigo a necessidade constante de adaptação a perdas, ocorridas ao longo do ciclo de vida do indivíduo. O facto de o indivíduo viver “mais tempo” pode implicar que este assista à “partida”

dos seus entes mais próximos, sendo necessária uma (re) adaptação constante às idiossincrasias sociais. Neste sentido, a pessoa idosa é “forçada” a reconstituir vínculos sociais, a procurar novas formas de ocupar o seu quotidiano, muitas vezes, desprovida de suporte familiar. As pessoas idosas, vivenciam por isso um conjunto de novos desafios e adaptações necessárias, que se repercutem em várias dimensões das suas vidas, requerendo uma “reformulação” das suas relações formais e informais, assim como dos seus papéis e identidade, que terão um impacto multidimensional nas suas condições objetivas e subjetivas de vida.

Em contexto prisional, o indivíduo, considerado idoso, sujeita-se a uma nova aprendizagem de convívio com indivíduos, na mesma condição, que lhe são totalmente desconhecidos, após um percurso de vida marcado pelo convívio com quem mantinha laços afetivos, tendo também que descuidar do seu estilo de vida pessoal e quotidiano, para se adaptar a uma nova realidade. Sendo por isso, neste contexto que o recluso irá reconstituir o seu quotidiano, empenhando todos os seus sentidos, capacidades intelectuais, sentimentos, ideias e estratégias adaptativas. A reclusão aliada à idade cronológica dos indivíduos poderá acelerar o seu processo de envelhecimento, na medida em que o indivíduo terá um acesso mais restrito aos cuidados de saúde. Estudos indicam que o aumento de problemas de saúde se encontra relacionado com o evoluir da idade, tendência agravada no caso daqueles que envelhecem na prisão *“geriatric prisoners experience more health problems than the general population (...) an incarcerated person’s health is notably worse than that of a community senior citizen’s or a younger inmate’s”* (Kozlov, 2008:7). As doenças crónicas são as que incidem em maior prevalência nos reclusos mais velhos. A autora afirma que o declínio da saúde dos reclusos, deve-se essencialmente ao contexto prisional em si, na medida em que afasta estes indivíduos das suas atividades de vida diárias, tornando-os mais vulneráveis aos abusos dos restantes reclusos, por sinal mais jovens e saudáveis. O facto de não haver uma separação etária nas prisões, é justificado pelo facto de a Instituição tender a evitar a discriminação dos reclusos mais velhos em função da idade, pelos mais novos. Contudo, o facto de convergirem diferentes escalões etários num mesmo espaço, provoca uma maior exposição dos reclusos mais velhos a fatores de stress, *“stress is always high, you’re always scared”* (Ibidem: 22).

A autora destaca ainda a existência de outros fatores prévios à institucionalização do indivíduo, contribuindo ativamente, para a deterioração do estado de saúde dos reclusos mais velhos. É o caso do consumo de substâncias psicotrópicas, da inexistência de hábitos de alimentação saudável, de problemas de saúde, de comportamentos de risco, entre outros. Verifica-se portanto, uma rápida deterioração do estado de saúde, físico e psicológico dos reclusos, que inevitavelmente acelera o processo de envelhecimento de cada um.

Desta forma e na qualidade de recluso, o indivíduo privado de liberdade e em rotura com o seu anterior estilo de vida, desenvolve diferentes formas e estratégias de sobrevivência,

nomeadamente através do isolamento, da subserviência e submissão total às normas, da adoção de comportamentos (des) adequados às normas institucionais, entre outras. A institucionalização de indivíduos, privados da liberdade, constitui portanto um indicador de exclusão social, não só devido ao carácter totalitário exercido sobre eles, mas também pelo facto de afastar os condenados da sua vida social normal, que poderá repercutir-se no período de pós reclusão.

## IV - O sistema prisional português

### 4.1. – Origem e evolução histórica

Em Portugal a primeira metade do século XIX, destacou-se pela forte conflitualidade política e social existente, motivo pelo qual, a atenção dos governantes, ainda que de forma ténue, dirigiu-se apenas para questões de justiça criminal e do sistema penal. Neste período, influenciado pelo nascer do Liberalismo, a prisão era regida pelo Antigo Regime.

Mais tarde, na segunda metade do século, assistiu-se a um profundo debate e a uma tentativa de concretização de reformas na justiça criminal portuguesa. Surgiram novas formas de violação da lei criminal, acompanhadas de novas interpretações e entendimentos sobre o crime e respetivas formas de combate e prevenção. Assim sendo, *“será essencialmente durante a segunda metade de Oitocentos que se vão enunciar e procurar concretizar as principais medidas reformadoras do sistema prisional”* (Vaz, 2003:13).

Tendo em consideração toda a sequência de acontecimentos, constata-se que na segunda metade do século XIX, a prisão tornou-se num elemento dotado de fulcral importância, por questões de ordem variada. Por consistir no elemento central do sistema penal, a prisão é tida como a melhor pena a aplicar aos condenados, *“ela era a pena que por excelência permitia aliar o sofrimento que a perda de liberdade implicava com a possibilidade de regeneração do delinquente”* (Ibidem:11).

Paralelamente, é também aplicada uma outra pena em Portugal, comumente apelidada de “degredo”, que consistia numa pena de deportação de condenados para as colónias portuguesas em África. Considerando a sobrelotação dos estabelecimentos prisionais portugueses, surge a pena de deportação, como alternativa (ou complemento, no caso de reclusos que já haviam cumprido um longo período de reclusão) à pena de prisão. Esta pena, assume-se como sendo desadequada e aplicada indevidamente, por não trabalhar a regeneração do indivíduo. Como tal, corria-se o risco de os indivíduos condenados à pena de “degredo”, manterem o seu comportamento, prévio à institucionalização, podendo por isso, perturbar a tranquilidade e segurança das comunidades, em cumprimento de sentença.

A prisão, assume agora um papel de destaque, ao tornar-se no elemento central do sistema penal. Por sua vez, a pena de prisão (principal pena prevista nos códigos penais) deveria

ser cumprida em locais específicos - estabelecimentos prisionais -, a fim de recuperar os condenados. Esta medida traduz-se na privação de liberdade, tida como recomendável e útil, pois aliava o sofrimento (inerente à perda de liberdade) à regeneração do indivíduo através do trabalho, da educação e da reflexão interior, preparando-o para uma futura reinserção social.

Verifica-se assim, que as penas privativas de liberdade tiveram a sua origem noutra tipo de penas, pelo que “*enquanto aguardavam a execução (pena de morte, desterro, galés, etc.), os sentenciados ficavam privados da liberdade de locomoção*” (Mirabete, 1999:248), vindo mais tarde, a prisão a constituir uma forma própria de sanção penal.

A crença na regeneração do delinquente, herança do Iluminismo, acontecia mediante um processo de crítica e reflexão introspetiva, nas quais pesavam os contributos advindos da educação, da reaprendizagem de valores morais e do trabalho, levados a cabo pelo indivíduo enquanto institucionalizado. Para tal, “*a regeneração do indivíduo delinquente passava por uma reflexão interna, sendo desejável que o indivíduo se encontrasse em isolamento para a poder concretizar*” (Vaz, 2003: 13).

Data-se ainda, em 1867 a regulamentação da prisão celular e a aprovação do modelo de Filadélfia, como sendo o mais adequado para os fins a que a pena privativa de liberdade se propunha, pelo que a Penitenciária de Lisboa constitui o melhor exemplo.

Mais tarde, mediante as influências do Iluminismo e a necessidade de cumprimento de pena, com carácter regenerador, foi criada em 1885 a Cadeia Geral Penitenciária do Distrito da Relação de Lisboa. Neste espaço destinado a penas mais longas, os reclusos eram expostos a um regime de isolamento e separação total – diurna e noturna -, com visitas controladas e trabalho obrigatório executado no interior das celas. O referido modelo vigorou até 1913, altura em que foi substituído pelo sistema de Auburn que, na época, já se encontrava “completamente ultrapassado”.

Entre 1891 e 1897 o distrito de Lisboa foi o que maior número de condenados apresentou, assistindo-se por isso, a uma sobrelotação das prisões desta cidade. As cadeias encontravam-se no referido período, em muito más condições de conservação. A alimentação fornecida aos reclusos, era de fraca qualidade prejudicando a sua saúde. Acrescem ainda fatores, como a falta de higiene existente, a promiscuidade geral entre reclusos, a exploração exercida no seio dos reclusos, os maus tratos e abusos de poder (verificados no interior da prisão) e o trato discriminatório atribuído aos reclusos (derivado das suas condições socioeconómicas).

Perante esta situação, anunciam-se propostas de “*ultrapassagem da degradada e incorreta situação em que os condenados cumpriam as penas de prisão que referem a*

*necessidade de se construírem novas prisões, para além da reforma das já existentes.”* (Vaz, 2003:15). Estas propostas previam também uma divisão de reclusos mediante o sexo, a idade, o tipo de crime praticado, a duração da pena e o grau de “perigosidade”.

Em 1885, entrou em funcionamento a Penitenciária de Lisboa, destinada ao cumprimento de penas de prisão maior celular e cuja construção fora aprovada pela Reforma Penal e Prisional de 1 de julho de 1867. Neste local, os reclusos eram expostos a um regime de isolamento e separação total, diurna e noturna, com visitas controladas e trabalho obrigatório, executado no interior das celas.

Contudo, em princípios do século XX, poucos reparos tinham sido feitos em prol do melhoramento do estado de conservação das prisões na cidade de Lisboa. Paralelamente, assistia-se a um gradual aumento do número de condenados a penas de prisão. O progressivo aumento da preferência por esta forma de punir, *“afastara qualquer hipótese de as reformas e as medidas parcelares que iam sendo tomadas, visando uma melhoria das condições prisionais, produzirem qualquer resultado.”* (Ibidem: 18).

Os estabelecimentos prisionais que condicionavam a legitimidade das formas de tortura física e dos castigos de degredo, derivados das relações sociais praticadas (pré-modernas), propuseram-se a criar novas formas de atuação, mediante as quais desenvolveram um novo conjunto, mais complexo, de funções sociais. Mais concretamente, conciliaram novas formas normalizadoras de castigos com estratégias de reintegração social, como forma de representar a justiça. O exercício da autoridade na gestão destas Instituições, passou a basear-se em regulamentos administrativos específicos, investindo-se por isso na redução das demais despesas e no treino da resistência dos indivíduos a qualquer forma tentação proibitiva. Propuseram-se ainda a *“evitar o contacto funesto dos condenados com os modos de vida social degradados que sustentaram a delinquência, reunir todos os condenados em espaços de execução de penas de cariz industrializado”* (Dores, 2003:78).

Desacreditando a ideia que a prisão existiu sempre como nos dias de hoje, confirma-se que a instituição prisional é conduzida por objetivos gerais e por tendências de transformação características de cada época, motivo pelo qual sofreu influências jurídicas, administrativas, políticas e públicas.

Neste sentido, apesar de se ter assistido a uma ligeira descida das taxas de reclusão, resultado da aplicação de medidas pontuais, indicadoras de incomodidade perante os padrões negativos apresentados pelo sistema prisional, *“é nítida a retoma de uma lógica repressiva, com a neocriminalização de comportamentos no âmbito da condução automóvel, o agravamento do*

*regime penal das armas e a ampliação da intervenção dos chamados agentes encobertos*” (Costa, 2003:102).

Atualmente, a pena de prisão é geralmente consequência da violação da norma. A sua durabilidade deve ser proporcional entre o crime cometido e a tipificação penal. Ao longo da história da humanidade praticaram-se diferentes tipos de penalidades/castigos, com maior ou menor incidência e que ainda hoje vigoram nalguns países. Os principais marcos evolutivos da classificação penal, incidem em torno dos castigos físicos, nomeadamente os suplícios e as torturas, o exílio, o degredo, a pena de morte, os trabalhos forçados e a privação de liberdade. No entanto, *“se é certo que nos dias de hoje a privação de liberdade constitui o principal meio punitivo, há ainda recurso nalguns países a um ou outro dos restantes processos”* (Gonçalves, 1993:78).

Em suma e num olhar atento de Moreira (1994), a pena privativa de liberdade traduz-se numa decisão de justiça, pelo que a detenção, mediante a legislação, constitui apenas a privação de liberdade. Assim que aplicado esse tipo de sanção, verifica-se que a reclusão constitui um processo técnico, pelo que a sua gestão, qualidade e rigor fica a cargo de um mecanismo autónomo capaz de controlar os efeitos da punição no interior do próprio sistema. Neste seguimento, a prisão é responsável pela transformação da medida penal de privação de liberdade, numa operação “penitenciária” que através da pena, é possível qualificar o recluso, tornando-o útil para a sociedade. Sendo ainda de ressaltar, o caráter reabilitador da prisão, através das suas interdições, punições e recompensas.

## **4.2. Reformas do sistema prisional**

A prisão sofreu modificações assinaláveis desde o seu aparecimento até à atualidade. A evolução do sistema penal obedeceu a uma transformação entre (primeiramente) o ato de exposição do corpo do condenado e respetivas torturas físicas, que levariam à sua morte, para uma privação da sua liberdade, ao longo da qual, iria vivenciar todo um processo de sofrimento psicológico e não físico. Inicialmente, a aplicação da pena era feita em praça pública, pelo que atualmente àquele que infringe a lei e lhe é decretada pena de prisão, o encarceramento assume-se na *“única terapêutica capaz de isolar os indivíduos perniciosos para a sociedade”* (Gonçalves, 1993: 90).

A reforma da prisão é tida como algo que foi sempre, neste tipo de Instituição, como parte integrante do seu programa. Por isso, desde os seus primórdios, requeria a existência de uma *“série de mecanismos de acompanhamento, que aparentemente devem corrigi-la, mas que parecem fazer parte do seu próprio funcionamento, de tal modo têm estado ligados a sua existência, em todo o decorrer de sua história”* (Foucault, 2001: 197).

Ao longo de mais de cem anos de história legislativa, várias foram as leis reformadoras do sistema prisional, das quais se destacam essencialmente três diplomas. Sendo eles, o Regulamento das Cadeias Cíveis do Continente, do Reino e Ilhas Adjacentes, de 21 de setembro de 1901 e a Reforma da Organização Prisional de 1936, que viria a ser substituída em 1979 por uma Nova Reforma.

O Regulamento das Cadeias Cíveis do Continente do Reino e Ilhas Adjacentes de 1901 (publicado no Diário de Governo em 21 de setembro) regeu a execução da pena de prisão nestes estabelecimentos até à publicação da Reforma da Organização Prisional de 1936. Este documento previa a elaboração de um regulamento geral das prisões, capaz de aperfeiçoar e desaprovar regulamentos anteriores. Os principais enfoques deste documento consistem na consolidação dos deveres dos presos, dos castigos e das recompensas advindos do seu percurso prisional, na implementação da obrigatoriedade do trabalho para os reclusos e na criação de uma associação de patronato, de apoio a famílias de reclusos e ex-reclusos, ao longo da sua reinserção social. O Regulamento de 1901 visa portanto, responder a questões ligadas à *“execução das penas, desde os deveres dos empregados da cadeia à integração do recluso na sociedade após a sua libertação, revelando uma clara preocupação em melhorar as condições das cadeias e um espírito inovador”* (Ministério da Justiça, 2004: 10).

Mais tarde, em 1933 através do Decreto n.º 22708, de 20 de junho, a Administração e Inspeção-Geral das Prisões foi convertida em Direção-Geral, pelo que em 1935, o Decreto n.º 25016, de 7 de fevereiro, centralizou nela todas as questões prisionais, que até à data se encontravam sob a responsabilidade de outras entidades. Atualmente, a orgânica dos serviços prisionais é regulada pelo Decreto-Lei n.º 268/8, de 16 de setembro (Revogado pelo Decreto-Lei n.º 125/2007, de 27/4), determinando, no seu artigo 1.º, onde declara que *“à Direção-Geral dos Serviços Prisionais (...) incumbe orientar os serviços de detenção e execução das penas e medidas de segurança, superintender na sua organização e funcionamento e efetuar estudos e investigações ao tratamento dos delinquentes”*.

Posteriormente, em 1936, é publicado o Decreto-Lei n.º 26 643, de 28 de maio, autor da Reforma da Organização Prisional, que *“colocou o direito penitenciário português entre os mais progressivos da Europa no tratamento da execução das reações criminais privativas da*



*liberdade*” (Ministério da Justiça, 2004: 13). Este documento organiza os serviços destinados ao cumprimento da pena de prisão, bem como das medidas de segurança, admitindo novos processos e formas de execução da pena. São então criados dois grandes grupos de estabelecimentos prisionais, as prisões gerais e os estabelecimentos de medidas de segurança. Estes por sua vez dividem-se em diversas modalidades, consoante o tipo de pena ou de medida de segurança. Assim sendo, as prisões gerais ramificam-se em cadeias comarcãs (destinadas ao cumprimento de pena de prisão até três meses, possuem também uma cadeia preventiva para cumprimento de penas de prisão de curta duração), em cadeias centrais (para cumprimento de penas de prisão superiores a três meses) e em cadeias penitenciárias (para o cumprimento de penas de prisão de longa duração). Simultaneamente, foram criados vários tipos de prisões especiais, adaptados ao tipo de delinquente, como é o caso das prisões-escola, das prisões-sanatório, das prisões-maternidade e das prisões para criminosos políticos.

O referido Decreto-Lei, criou um fio condutor em torno de toda a organização prisional, declarando que a base de todos os regimes prisionais assentava no final de pena. Deste modo foi possível pôr fim ao exercício de variadas práticas regulamentares, regidas por múltiplas legislações, muitas vezes baseadas em princípios orientadores divergentes. Por isso e em *“harmonia com esta política planificadora, a legislação de 1936 regulava minuciosamente tudo o que à organização prisional dizia respeito”* (Moreira, 1994: 28). Mais acresce que a especificidade dos estabelecimentos prisionais consubstanciou-se, numa combinação entre a categoria e os tipos de penas aplicadas aos reclusos a que se destinam. Por este motivo, a definição dos regimes a seguir em cada cadeia, fez-se em função dos resultados que se prendiam obter com as sanções penais que aí se iriam cumprir.

Seguidamente, através das leis n.º 2000, de 16 de maio de 1944 e do Decreto-Lei n.º 34 553, de 30 de abril de 1945, foi criado o Tribunal de Execução de Penas, que atribui competência a uma jurisdição especializada, capaz de fiscalizar as limitações dos direitos dos reclusos, acarretada pela execução de uma pena privativa de liberdade. Sendo de destacar que, a nível europeu, apenas a Itália precedeu a Portugal no que respeita a este tipo de “iniciativa”. No entanto, a organização prisional de 1936 requereu alterações nos documentos mencionados *“atribuindo-se aos tribunais de execução das penas a declaração de perigosidade dos delinquentes, bem como a prorrogação das penas, a modificação, substituição ou prorrogação das medidas de segurança, e a concessão da liberdade condicional”* (Decreto-Lei nº 184/72 de 31 de maio de 1972).

A lei penal portuguesa, na qual se inclui a lei processual e a lei penitenciária, “*é tributária, nas suas grandes linhas, do movimento reformador do direito penal dos anos 60, que propôs a descriminalização dos “crimes sem vítima”*” (Costa, 2003:93).

Posteriormente à Revolução do 25 de abril de 1974, surge a Reforma Penitenciária de 1979, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 265/79, de 1 de agosto, mais tarde modificado pelo Decreto-Lei n.º 49/80, de 22 de março e pelo Decreto-Lei n.º 414/85, de 18 de outubro. Esta Reforma foi como pioneira na edificação de um novo direito prisional europeu, juntamente com as leis de Itália em 1975, da Alemanha em 1976 e da Espanha em 1979, implementando a importância da reinserção social dos reclusos e do caráter individualista de execução de pena. Este documento define ainda um conjunto de direitos dos reclusos, presentes na Constituição da República Portuguesa (2005), através dos quais estes indivíduos passam de “objetos” a “sujeitos” na execução da pena. Inclui ainda uma normalização capaz de flexibilizar a execução de penas privativas de liberdade, com o intuito de “*possibilitar a construção da ideia de prisão aberta e em interação com as comunidades locais, de acordo com as circunstâncias históricas e as capacidades do sistema prisional, prevendo formas concretas de participação das comunidades locais na vida prisional*” (Ministério da Justiça, 2004: 20-21). Por último, é ainda estabelecida a regulamentação dos principais aspetos da vida prisional, no que respeita às regras de vestuário, alimentação, correspondência e saídas. Importa ainda referir que esta Reforma consolida um ideário moderno de execução de medidas de segurança aplicadas a inimputáveis perigosos.

Mais tarde, o Decreto-Lei n.º 319/82 de 11 de agosto criou o Instituto de Reinserção Social, com o intuito de desenvolver as atividades de serviço social prisional e pós-prisional, promovendo a prevenção criminal através da reinserção social. Este documento viria a ser substituído pelo Decreto-Lei n.º 215/2012 de 28 de setembro, que criou a Direção – Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). Este organismo, resultante da junção entre a Direção-Geral dos Serviços Prisionais e da Direção-Geral de Reinserção Social, visa simplificar a estrutura a nível central e racionalizar os serviços desconcentrados.

Por último, surge a fase final de modificações do sistema prisional, na qual o estabelecimento prisional admite que, para prevenir a infração da lei, não é suficiente o isolamento dos indivíduos. Nasce por isso, a vontade de os (re) ensinar, (re) educar, incutindo-lhes novas formas de viver em liberdade, sem violar as normas. A reeducação, através do trabalho, conduz todo um processo de combate ao comodismo da vida prisional, numa tentativa de implementar artes recreativas. Por outras palavras, prevê-se “*a promoção possível de um bem-estar intra-muros que pudesse constituir-se como um primeiro passo de transformação da*

*personalidade e aquisição de competências interpessoais, sociais e de trabalho, capazes de permitir a retoma da liberdade” (Gonçalves, 1993:91).*

Atualmente, verifica-se a existência de um consenso doutrinário que afirma a falência do sistema prisional, devido à situação de crise que atravessa. Os meios de comunicação social, divulgam casos de corrupção, insurreições, maus tratos, organizações criminosas e fugas, emanados no seio das prisões, contribuindo para a falência do sistema. E por falência, entende-se “*um estado ou situação de impossibilidade de satisfazer adequadamente as obrigações assumidas*” (Rampin, 2011: 31). Como tal, todas as situações mencionadas, agem de forma controversa aos princípios da pena privativa de liberdade, que visa uma recuperação do delinquente, na medida em que o indivíduo, apesar de recluso, encontra-se inserido num meio propício à prática contínua de atos ilícitos.

## **B. Enquadramento Empírico**

### **V - Procedimentos metodológicos**

#### **5.1. - A recolha de informação**

Admitindo que o ponto de partida de qualquer investigação científica requer a existência de uma situação-problema, causadora de inquietação e mal-estar, surge a necessidade de procurar uma explicação do “fenómeno” (Fortin, 1999). Este capítulo visa portanto, englobar uma justificação e um enquadramento do instrumento que foi concebido para cumprir a primeira parte deste estudo. Pretende-se por isso, construir um modelo de análise adequado ao objetivo geral e respetivos objetivos específicos delineados.

Neste sentido, os procedimentos de recolha de dados que enquadraram o presente estudo, sustentaram-se num paradigma interpretativo da realidade. Este paradigma defende ser mediante a interpretação da realidade, que *“as pessoas vão estabelecendo uma monitorização reflexiva da sua ação, pela qual vão construindo e atualizando o conhecimento de si e dos outros”* (Roths, 2009:298). Assim sendo, optou-se por adaptar todo este estudo a uma metodologia qualitativa.

Até à década de 70, a produção de conhecimento científico sobre a realidade social, era influenciada pelo paradigma positivista das metodologias quantitativas, que defendia a existência de uma realidade externa, verdadeira e estática. Essa realidade, através de específicos métodos e de instrumentos standardizados, era passível de ser verificada, quantificada, caracterizada e interpretada (Lima, 1995).

Após a década de 70, denotou-se uma progressiva apologia referente à investigação qualitativa (Flick, 2005). Esta metodologia de investigação científica, cujos métodos se apresentam como sendo mais amplos e flexíveis, permite uma abordagem da complexidade da realidade social, alcançando situações tidas como não verificáveis e generalistas. A validade de uma investigação de tipo indutivo, resulta da *“fundamentação dos resultados obtidos no material empírico, e uma escolha e aplicação de métodos ao objeto de estudo”* (Flick, 2005:5).

A opção por uma metodologia qualitativa, neste estudo, teve em conta que a produção de conhecimento em curso, tenciona ser uma construção edificada, através de uma análise interpretativa e subjetiva da realidade semântica, socialmente reconstruída pelos reclusos considerados idosos.

Os procedimentos qualitativos resultam de uma determinada necessidade de leitura dos fenómenos, de um certo tipo de conceção da realidade e de um certo tipo de instrumentos de observação da realidade e de recolha e análise de dados. O método qualitativo obedece, essencialmente, ao uso de técnicas de observação participante, a etnografia, as biografias e as entrevistas em profundidade ou não estruturadas. A principal preocupação deste método, por sinal bastante flexível, consiste em obter conclusões generalistas e não-verificáveis. Fornece ainda, dados de ordem contextual, possibilita o acesso a representações, a trajetórias e a conceções do mundo por parte do interlocutor (Ingold & Ingold, 1990).

Estes métodos pressupõem ainda, um determinado grau de interação entre investigador e investigado, atribuindo elevada importância à compreensão das ações dos participantes com base nas suas experiências de vida. Neste processo, o investigador constitui um elemento primordial no processo de análise e nas conclusões obtidas. Estas assumem-se não só numa construção do entrevistado mas também do entrevistador. Estes métodos permitem ainda, a realização de análises intensivas, possibilitando assim, a análise do fenómeno na sua totalidade e a compreensão aprofundada do facto social (Lima, 1995).

O objetivo destes métodos é portanto, definir processos e significados, privilegiando-se as “*dimensões vividas*” (Foddy, 1996:15), as interações sociais captadas, entre outras, através do uso de perguntas abertas. A análise dos significados, a descoberta dos sentidos, as razões dos atos, a relação entre o sujeito e o seu mundo, entre o mundo objetivo e subjetivo, são alvos da análise qualitativa.

Toda a dimensão individual do investigador, as suas preferências teóricas e consequente entendimento dos fenómenos, desagua numa grande diversidade de dados produzidos (Moreira, 1994). O envolvimento, a implicação e o comprometimento do investigador neste tipo de investigação, pressupõe a execução de um trabalho particular e impossível de incumbir a outras pessoas.

Esta metodologia qualitativa de estudo de casos ou análise intensiva consubstanciou-se portanto, na opção mais indicada, na medida em que se pretende estudar com maior profundidade os contributos dos participantes inquiridos, para uma melhor compreensão das suas vivências. O estudo de caso consiste portanto num “*plano de investigação que envolve o*

*estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o caso*” (Coutinho & Chaves, 2002:223).

Dentro das várias técnicas de investigação, possíveis para o desenvolvimento deste estudo, optou-se pelo uso de entrevistas semidiretivas, enfatizando por isso, o discurso, nomeadamente as verbalizações dos sujeitos, como meio privilegiado de penetração no domínio representacional de cada indivíduo. A entrevista constitui uma técnica de interação objetiva e contextualizada, entre o entrevistado e o entrevistador.

Contudo, também se recorreu à técnica de análise documental, na medida em que foi facultada a consulta dos processos individuais dos reclusos, previamente à aplicação das entrevistas, num dos espaços empíricos de recolha de dados. A análise documental procura identificar informações factuais nos documentos (Lüdke & André, 1986). Na consulta dos processos individuais dos reclusos, enfatizou-se a análise de informações respeitantes ao tipo de crime (s) cometido (s) e à trajetória biográfica dos indivíduos. A eleição destas temáticas deveu-se essencialmente, à sua especificidade, uma vez que em situação de entrevista, poderiam não fluir espontaneamente no discurso do entrevistado, podendo despoletar situações constrangedoras.

Segundo a classificação de Quivy e Campenhoudt (1995), o tipo de entrevista utilizado é semidiretiva, não podendo ser considerada aberta pois obedece a um guião específico, nem fechada porque é o entrevistado quem define o caminho a percorrer, permitindo flexibilidade, dentro de determinados parâmetros. A esta técnica de investigação far-se-á corresponder uma técnica de análise de conteúdo, explorada a seu tempo.

As questões colocadas na entrevista, centram-se num “*ponto de vista pessoal*” (Foddy, 1996:91) e personalizado, até mesmo “*intimista*”, enfatizando a experiência pessoal de cada um e garantindo uma maior “*certeza*” dos inquiridos responderem, alinhados numa única perspetiva. Todo o instrumento de observação delineado, teve como referência os objetivos do estudo.

Importa ainda esclarecer que as questões aplicadas na entrevista se inspiraram num modelo desenvolvido por Elissa Kozlov (2008), aluna da Universidade de Wesleyan, nos Estados Unidos da América. Esta foi uma das investigações pioneiras em torno do envelhecimento prisional, intitulada de “*Aging While Incarcerated: A Qualitative Study of Geriatric Prisoners in America*”.

Partiu-se portanto, de um guião de perguntas capaz de nortear o diálogo a desenvolver. A entrevista começava desde logo pelo estabelecimento de um “*contrato de comunicação*”

(Foddy, 1996:23), no qual o entrevistador se apresentava, explicava a modalidade de recolha de informação, os objetivos do estudo, o pedido para uso do gravador e assinatura da declaração de consentimento informado que garante o anonimato. Desta forma, evita-se interpretações duvidosas por parte dos inquiridos, *“quando a informação fornecida sobre os objetivos da inquirição é vaga, os inquiridos vêem-se na contingência de tentar adivinhar o que é que o investigador pretende (...) estas hipóteses influenciam as respostas que vão dar.”* (Ibidem:23). Optou-se pelo uso de uma única entrevista, cujos tópicos delineados incluem as qualidades, tidas por vários autores como sendo “bons imperativos”, recorrendo-se ao uso de uma linguagem o mais simples possível.

Surgiu também a preocupação de iniciar a entrevista partindo progressivamente de perguntas de carácter mais genérico, para outras mais diretas e específicas, abrangendo assim, as várias dimensões do estudo. Esteve sempre presente uma preocupação metodológica que favorece a comunicação, não condicionando os aspetos que os entrevistados considerassem mais relevantes. Assim, objetivou-se que os entrevistados progressivamente se sentissem “à vontade” e confortáveis na presença do entrevistador, de modo a que “libertassem” a informação o mais naturalmente possível. Assim, foi feito um esforço por controlar a informação recolhida, sensibilizar os entrevistados para as situações mais próximas das suas realidades pessoais e sociais, de modo a beneficiar de um maior conteúdo de informação.

Este instrumento de recolha de informação, pretendeu também captar sentimentos, atitudes, cognições, comportamentos e “construções mentais”, não presentes no registo dos factos.

O uso de perguntas abertas possibilitou o fornecimento de uma maior diversidade de respostas. Contudo, em situações cujas respostas não foram clarificadoras, tentou-se explorar o máximo possível o conteúdo das respostas adquiridas.

Atendendo à necessidade de clarificação do grupo de análise e para além da “complexa” tarefa que seria envolver um largo número de indivíduos através de um instrumento de observação deste tipo, os autores Ghiglione e Matalon (1997) concluem que após um número de 20 a 30 entrevistas, não surgem novas informações. Mais informam que *“se esperamos das entrevistas livres um recenseamento de temas, uma tipologia, ou indicações sobre o vocabulário utilizado tendo em vista a conceção de um inquérito sistemático através de um questionário, vinte entrevistas serão, em geral, mais do que suficientes; as seguintes apenas confirmarão o que tivermos obtido com a análise das primeiras”* (Ibidem: 54). Por este motivo, foram exatamente vinte e cinco as entrevistas aplicadas a indivíduos do sexo masculino, com idade igual ou superior a 65 anos, a cumprir de prisão em Portugal, nomeadamente, nos

Estabelecimentos Prisionais Especiais de Vale do Sousa e Santa Cruz do Bispo e Regional de Paços de Ferreira. Em cada estabelecimento prisional, os reclusos a entrevistar foram selecionados pelo Diretor local, através de uma listagem dos reclusos que se incluíam nos critérios etários mencionados.

A realização de entrevistas nos três Estabelecimentos Prisionais diferentes, decorreu em salas e gabinetes isolados, com total privacidade, visando que o entrevistado se sentisse “confortável”, facilitando um maior e melhor fornecimento de informação possível. Esta escolha teve por base os contributos de Ghiglione e Matalon (1997) que avançam como sendo a situação ideal para realização de entrevistas, a escolha de um local e um tempo afastado, do que vinha a ser cumprido pelo entrevistado. Como tal, cumpriu-se este preceito, pelo que os reclusos, indicados pelo diretor de cada estabelecimento prisional a fim de serem entrevistados, foram “chamados” pelos guardas prisionais e acompanhados pelos mesmos ao gabinete onde iria decorrer a entrevista. Este procedimento necessitou de ser previamente combinado com os diferentes diretores e guardas prisionais.

Para que fosse possível a realização desta investigação, foi necessário contactar inicialmente e por carta registada, o diretor da Direção Geral dos Serviços Prisionais, Dr. Rui Sá Gomes, solicitando autorização para realização do estudo. O pedido datou a 09 de agosto de 2013.

A primeira resposta por parte da entidade, datada de 27 de agosto de 2012, solicitou o envio do resumo do projeto juntamente com o guião de entrevista e respetiva declaração do estabelecimento de ensino que comprovasse a situação académica. Estes documentos foram enviados a 25 de outubro de 2012. Mais tarde, a 06 de dezembro de 2012, foi autorizada a realização do presente estudo.

Nesta sequência de acontecimentos, foi realizado um primeiro contacto com o Estabelecimento Prisional Regional de Paços de Ferreira no sentido de marcar uma primeira reunião. Nessa reunião, foi agendada a realização das entrevistas, tendo sido também solicitada a autorização para uso de gravador de voz nas mesmas.

Seguidamente foram também contactados os diretores dos restantes Estabelecimentos Prisionais envolvidos no estudo, a fim de acordar as datas de realização de entrevistas, bem como solicitar o uso de gravador de voz (disponibilizado pelo ISSSP).

Por conseguinte, na data de 03 de janeiro de 2013 foram realizadas três entrevistas no Estabelecimento Prisional Regional de Paços de Ferreira. Apesar de inicialmente terem sido



selecionados cinco reclusos (incluídos nos requisitos do estudo) para entrevistar, dois deles recusaram-se a participar no estudo.

Posteriormente, na data de 07 de janeiro de 2013 realizaram-se sete entrevistas no Estabelecimento Prisional Especial de Vale do Sousa. Sendo apenas sete o número de reclusos que se integravam nos critérios pretendidos, todos aceitaram participar no estudo, pelo que apenas um entrevistado optou por não responder a algumas questões, referindo estar “esquecido” de determinados factos passados.

Mais tarde, nas datas de 15 e 16 de janeiro de 2013, foram aplicadas quinze entrevistas no Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo. Num momento inicial, o diretor do estabelecimento efetuou uma “visita guiada” ao espaço institucional, permitindo um melhor conhecimento do mesmo. Possibilitou ainda, a consulta dos processos individuais dos reclusos selecionados para participar no estudo.

Nesta Instituição, sendo vinte e quatro o total de reclusos incluídos nos critérios da investigação, selecionaram-se quinze indivíduos, tendo como fator preferencial, os de idade “mais avançada”. Contudo, alguns dos reclusos “mais velhos” não puderam ser entrevistados por se encontrarem internados na clínica de saúde mental, designada de DIP (Declarados Inimputáveis Perigosos). Neste espaço institucional, apenas um recluso se recusou a responder, alegando não dispor de nenhum tipo de “benefício” judicial mediante a sua colaboração na investigação, pelo que para o fazer, teria que ser recompensado.

Após a realização das quinze entrevistas nesta Instituição, completou-se o total pretendido, de vinte e cinco entrevistas. Para o possível tratamento dos dados recolhidos através da aplicação das entrevistas, recorreu-se à técnica de análise de conteúdo para obter uma leitura mais aprofundada das informações disponibilizadas pelos inquiridos.

A opção por esta técnica para tratamento dos dados, justifica-se pelo facto de permitir chegar ao *“rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade resultando na elaboração de indicadores (...) que devem levar o pesquisador a uma segunda leitura da comunicação, baseada na dedução, na inferência”* (Cappelle, s.d.). Tal escolha pode ainda, ser justificada pelo facto de se ter objetivado partir dos registos das entrevistas semiestruturadas aplicadas e respeitando os objetivos do presente estudo, deduzir-se os elementos fulcrais dos discursos dos inquiridos. Através do uso desta técnica, foi possível transformar a comunicação e os registos verbais dos atores institucionais, em elementos dotados de revelação e de significado da dimensão cognitiva do emissor (Quivy & Campenhoudt, 1995).

Desta forma, a utilização desta técnica possibilitou o acesso a informações subentendidas no discurso dos inquiridos. O uso desta técnica requer a explicitação de todos os procedimentos usados, na qualidade de regra garante de rigor e de objetividade (Vala, 1990).

A análise de conteúdo das entrevistas semidiretivas aplicadas no âmbito deste estudo, obedeceu a três importantes momentos, nomeadamente a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos com respetiva apresentação.

Na fase de pré análise foi organizado todo o material disponível, procedendo-se de seguida a uma seleção do conteúdo das entrevistas a analisar, mediante uma primeira leitura do material recolhido. Mais concretamente, procedeu-se à delimitação de unidades de registo e respetiva escolha de índices, em harmonia com os objetos de estudo delineados e respetiva problemática teórica. Optou-se por uma análise de conteúdo quantitativa/extensiva, na medida em que se analisou um número favorável de informações, procurando-se por isso a frequência destas e o número de vezes que surgiam certos elementos do seu conteúdo. Relativamente à escolha das regras de contagem, optou-se pela frequência simples (Bardin, 1977). Ou seja, todas as unidades de registo assumem a mesma importância, sendo esta tanto maior quanto mais elevado for o número de vezes com que surge.

Por sua vez, a exploração do material, operacionalizou-se através da codificação dos dados, organizados em diferentes temas, através dos quais se definiram as categorias de análise. Isto é, o momento de categorização pressupõe duas importantes fases, sendo elas o inventariar e o classificar. Relativamente ao inventariar, pressupõe-se a escolha e o isolamento dos elementos, pelo que o classificar implica inserir os elementos, emergindo as mensagens. Este momento de categorização, pode também requerer a prossecução de dois procedimentos, nomeadamente o de “caixas” e o de “milhas”, pelo que se optou pelo último neste contexto em particular. Assim sendo, Vala (2003) indica que a unidade de enumeração, condutora deste processo, assume-se no ponto de referência da quantificação, podendo ser geométrica ou aritmética. A primeira, sob a qual incidiu a escolha deste projeto, possibilita a contagem do *“número de vezes que aparece um determinado conteúdo”* (Gighglione & Matalon, 1997:92).

Assume-se numa análise de conteúdo de tipo temático, na medida em que se esforça por aceder às interpretações subjetivas dos inquiridos sobre o fenómeno do envelhecimento num contexto privativo de liberdade, através da exploração das unidades de registo selecionadas (Quivy & Campenhoudt, 1995), utilizando a “regra” da frase-ideia. Partiu-se por isso, das unidades de registo para extração de categorias e subcategorias, registando-se a frequência simples e enumerando-as geometricamente.

Sendo categorial simples e temática o tipo de análise de conteúdo adotada, propõe-se observar algo simbólico a partir de um sistema categorial, resultado de uma produção teórica e dos objetivos (geral e específicos) a explorar. Na perspectiva de Bardin (1977), parte-se do pressuposto que um elemento ou característica é tanto mais significativo quanto mais vezes for mencionado e como tal, quanto mais frequente for uma categoria, maior será a sua relação com uma certa realidade psicológica e/ou social. O objetivo consiste portanto, em calcular e relacionar, comparando o surgimento de certos elementos agrupados em determinadas categorias, que contemplarão todo o sistema de categorias. Nesta sequência e partindo de uma análise de registos, a escolha de categorias possibilitou o acesso a um novo conhecimento (Filho, 1996).

Num último momento de análise do conteúdo procede-se ao tratamento de dados e respetiva interpretação, de modo a que possam transmitir os significados e permitirem a leitura da realidade investigada, à luz do quadro teórico e dos objetivos modeladores de todo o estudo.

Como tal, inicialmente procedeu-se a uma análise intensiva das vinte e cinco entrevistas aplicadas. Seguidamente e atendendo ao extensivo número de questões, integrantes do guião de entrevista, procedeu-se à delinação de temas de análise, nos quais se inserem os diferentes conjuntos de questões aplicadas. Posteriormente, foram delimitados os elementos presentes nas unidades de registo das demais entrevistas, apurando-se qual a frequência com que ocorrem e delineando-se as respetivas categorias e subcategorias, nas quais os referidos elementos se inserem.

## **5.2. - Espaços empíricos de recolha de dados:**

### **Estabelecimentos Prisionais Especiais de Vale do Sousa e de Santa Cruz do Bispo e Regional de Paços de Ferreira**

Todas as comunidades bem ordenadas, inclusive os Estabelecimentos Prisionais, precisam funcionar dentro de um conjunto de regras, constantes num Regulamento, perceptível aos membros da comunidade de forma justa e equitativa. O Regulamento visa garantir a segurança de cada indivíduo (funcionários e reclusos), pelo que cada grupo deverá ser responsável pela gestão das regras nele previstas. O sistema prisional deverá por isso, dispor de um regime claramente definido de regras, infrações disciplinares e sanções para que, aqueles que se desviem do seu cumprimento, sejam corrigidos de forma imparcial e justa.

Assim sendo, o regime adotado pelos estabelecimentos prisionais encontra-se definido na legislação reguladora da execução das medidas privativas de liberdade. Contudo, o regulamento interno de cada prisão engloba as determinações legislativas, enumera as regras e normas disciplinares e delineia os mecanismos institucionais para usufruto dos reclusos na resolução dos seus problemas penais e pessoais. O tipo de atividades desenvolvidas por cada estabelecimento prisional é organizado, tendo em consideração a estrutura física dos seus espaços.

De seguida, proceder-se-á a uma breve análise dos espaços empíricos de recolha de informação, respeitantes ao presente estudo.

O Estabelecimento Prisional Regional de Paços de Ferreira, antiga Cadeia Central do Norte, entrou em funcionamento em finais do ano de 1957. Situa-se na serra da Agrela, na freguesia de Seroa, município de Paços de Ferreira, distrito do Porto. A sua área engloba “*15.000 m<sup>2</sup>, dispondo de 200 hectares de terrenos para cultivo*” (Gonçalves, 1993: 122). A arquitetura deste estabelecimento obedece a uma disposição quadrangular, sob a forma de um “H”, respeitante à zona celular na parte central do conjunto, com maior elevação e exposição solar. Os restantes dois edifícios, situados nos cantos posteriores, sediam a enfermaria e o pavilhão de observação. Na zona frontal que une as hastes do “H”, situa-se a área administrativa. Consiste num Estabelecimento Prisional Central fechado, cercado por um muro de quatro metros de altura, com torres de vigilância nos quatro cantos. Obedece a um estilo arquitetónico de tipo “concentracionario” ou fechado sobre si próprio, estando os reclusos concentrados na zona central da infraestrutura. Os edifícios da zona envolvente albergam as oficinas e os pátios.

Este estabelecimento abrange a zona prisional, constituída por duas alas (A e B), a enfermaria, o setor disciplinar, a seção e segurança e uma zona extramuros, onde se situam as oficinas e uma área para a prática de agricultura e pecuária. No setor agropecuário, foi criada uma estufa para cultivo de sementeiras e posterior transplantação. De acordo com o Relatório de Atividades (Ministério da Justiça: 2010) realizou-se uma separação das alas e do refeitório, implicando a criação de normas de execução permanente. Assim, os reclusos entram e saem do refeitório através da Ala na qual se encontram alojados, não tendo contacto nem passagem para a outra Ala. Foram também criados dois bares para reclusos nas respectivas Alas, requerendo um aumento da ordem e segurança internas.

Inicialmente, este estabelecimento destinava-se a condenados com penas de prisão maior (de seis meses a dois anos). Contudo, devido às alterações sofridas neste Estabelecimento Prisional “*já deram entrada reclusos a cumprir penas que vão desde 6 meses até ao máximo atual (25 anos)*” (Gonçalves, 1993: 129). Atualmente, apenas vigora o critério respeitante à masculinidade e à situação de cumprimento efetivo de pena.

Por sua vez, o Estabelecimento Prisional Regional de Vale do Sousa, também se localiza na freguesia de Seroa, município de Paços Ferreira, distrito do Porto. Inicialmente e num período de cinco anos (de 2004 a 2009), este estabelecimento foi parte integrante do Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, tendo a designação de “Pavilhões Complementares”.

No entanto, a 1 de julho de 2009, mediante o decreto-lei nº 149/2009 de 29 de junho, este espaço constituiu-se oficialmente como unidade própria. Tem lotação de 300 reclusos e acolhe indivíduos condenados em regime fechado e regime aberto, pelo que alguns beneficiam ainda de regime de visitas íntimas.

Relativamente à ocupação profissional destes reclusos, destacam-se as diversas atividades de limpeza e manutenção, os serviços de restauração e similares, a prática de agropecuária, a construção civil, a mecânica, o comércio de móveis, a manufatura de calçado, a biblioteca, o desporto e a barbearia. Através da colaboração da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, foi também possibilitado a alguns reclusos, o exercício de funções profissionais a favor da autarquia, pelo que a outros reclusos foi possibilitada a integração no quadro de pessoal de uma empresa privada (Intermarché). As relações existentes entre esta Instituição e a autarquia permitem ainda, a participação de reclusos em atividades culturais, desportivas e de voluntariado.

A população reclusa deste estabelecimento beneficia também de um sistema de ensino e de formação profissional diversificado. Relativamente à ocupação de tempos livres, destacam-se as práticas de futsal, atletismo, voleibol, ténis de mesa, matraquilhos, basquetebol, remo-indoor, ginásio e de diversos jogos de mesa (cartas, damas, dominó e xadrez).

Em último lugar, o Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo situa-se na freguesia de Santa Cruz do Bispo, município de Matosinhos, distrito do Porto. As anteriormente denominadas colónias penais ou colónias agrícolas, são exemplificadas através destas Instituição que possui, uma considerável área para cultivo agrícola, não sendo “*cercados por muros altos*” (Gonçalves, 1993:104).

O espaço físico deste estabelecimento engloba um edifício prisional, uma Clínica de Psiquiatria e Saúde Mental e dois edifícios distintos, a Unidade Livre de Drogas e a Casa de Acolhimento de Santo André. Este último, destina-se ao alojamento de reclusos que se encontrem a cumprir de pena de prisão em regime de dias livres e pena de prisão em regime de semidetenção.

Este estabelecimento prisional, encontra-se individualizado no Projeto Global de Reorganização, reunindo portanto, condições para integrar indivíduos em cumprimento de pena de prisão em regime de dias livres, reclusos condenados em cumprimento de pena em regime comum, em regime aberto no interior, em regime aberto no exterior, inimputáveis a cumprir medida de segurança na Clínica de Psiquiatria e Saúde Mental, imputáveis a cumprir pena em estabelecimento voltado para inimputáveis e condenados a cumprir pena de prisão em regime de semidetenção (Ministério da Justiça:2010).

Relativamente às atividades laborais desempenhadas, pelos reclusos deste estabelecimento, no ano de 2010, verificou-se a ocupação permanente de cento e oitenta e um postos de trabalho em vários setores, nomeadamente, refeitórios, padaria, biblioteca, limpezas, barbearia, ginásio, mecânica, serralharia, eletricidade, construções, atividades agrícolas, lavandaria, entre outros (Ibidem). Os reclusos beneficiaram ainda de vários cursos de formação profissional.

Quanto à ocupação dos tempos livres, destacam-se as atividades de hidroginástica, futsal, voleibol, musculação, jogo da malha, ténis de mesa, remo – indoor, damas, liga da inclusão, xadrez e dominó. Algumas destas atividades implicam a saída dos reclusos ao exterior. São também regularmente comemorados diversos eventos culturais.

Seguidamente, desenha-se uma breve caracterização do universo inquirido composto por vinte e cinco indivíduos, do sexo masculino, com idade igual ou superior a 65 anos de idade, a

cumprir pena privativa de liberdade em diferentes estabelecimentos prisionais – Estabelecimento Prisional Regional de Paços de Ferreira, Estabelecimento Prisional Especial de Vale do Sousa e Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo. Os dados analisados circunscrevem-se ao escalão etário, ao tipo de reclusos, às habilitações literárias, ao tipo de crime praticado e à duração das penas privativas de liberdade.

**Tabela n.º1- Escalão etário**

<b>Idades</b>	<b>Frequência</b>
65	1
66	2
67	2
68	<b>5</b>
70	2
71	2
72	1
73	2
74	2
75	3
77	2
84	1
<b>Total</b>	<b>25</b>

Fonte: própria

Relativamente ao escalão etário dos vinte e cinco reclusos entrevistados, verifica-se que a faixa etária cronológica se estende dos 65 aos 84 anos, pelo que a média de idades se concentra nos 68 anos. Isto é, neste universo entrevistado, cinco reclusos possuem 68 anos de idade.

**Tabela N.º2 - Tipo de reclusos**

<b>Tipo de reclusos</b>	<b>Frequência</b>
Reincidentes	11
Primários	<b>14</b>
<b>Total</b>	<b>25</b>

Fonte: própria

Num universo de vinte e cinco entrevistados, verifica-se o número de catorze indivíduos em situação de privação da liberdade primária, sendo portanto, a mais frequente, comparativamente com os restantes onze indivíduos reincidentes no sistema prisional.

**Tabela N.º3 - Habilitações Literárias**

<b>Habilitações literárias</b>	<b>Frequência</b>
Não sabe ler nem escrever	2
1º Ciclo do ensino básico incompleto	4
1º Ciclo do ensino básico	<b>10</b>
2º Ciclo do ensino básico	1
3º Ciclo do ensino básico incompleto	1
3º Ciclo do ensino básico	2
Ensino secundário	4
Doutoramento	1
<b>Total</b>	<b>25</b>

Fonte: própria

Em matéria de habilitações literárias, verifica-se num total de vinte e cinco entrevistados, uma maior incidência de indivíduos com o primeiro ciclo do ensino básico (dez), pelo que apenas dois não sabem ler nem escrever e só um é detentor de qualificação do ensino superior, designadamente do grau de doutor.

**Tabela N.º4 - Tipo de crimes praticados**

<b>Tipo de crime</b>	<b>Frequência</b>
Homicídio qualificado	<b>10</b>
Tráfico de estupefacientes	4
Emissão de cheques sem provisão	1
Assalto à mão armada	1
Abuso sexual de menores	2
Falsificação de dólares	1
Homicídio por negligência	1
Rapto	2
Lenocínio	2
Peculato	1
<b>Total</b>	<b>25</b>

Fonte: própria



Verifica-se uma maior prevalência do número de indivíduos penalizados por crime de homicídio qualificado, pelo que num total de vinte e cinco entrevistados, dez praticaram o referido tipo de crime. Destes dez casos analisados, ressalva-se que três homicídios resultaram na morte do cônjuge/companheira do entrevistado. Destaca-se ainda o caso de um indivíduo condenado a pena máxima de prisão em Portugal, vinte e cinco anos, acusado trinta e cinco crimes de homicídio, dos quais treze consumados e vinte e dois na forma tentada. O crime de tráfico de estupefacientes é o segundo tipo de crime com maior incidência, sendo quatro os indivíduos acusados. Os crimes de abuso sexual de menores, rapto e lenocínio também se evidenciam no universo inquirido, sendo um total de dois indivíduos acusados por cada tipo de crime referido.

Quanto à duração das penas privativas de liberdade (medidas em anos) ao universo entrevistado, verifica-se que a pena mais curta tem apenas a duração de dois anos (aplicada apenas a um indivíduo), pelo que a pena mais longa respeita os vinte e cinco anos de prisão, tendo sido aplicada a dois dos inquiridos. Nestes casos em particular, a decisão pela pena máxima de prisão em Portugal, deveu-se ao tipo de crime praticado, nomeadamente “abuso sexual de menores” e “homicídio qualificado”. A média das penas aplicadas situa-se nos cinco anos de duração e abrange apenas quatro indivíduos.

## VI – Conclusões finais

A fase de exploração do material consistiu na codificação dos dados, organizados em catorze temas, a partir dos quais se definiram trinta e quatro categorias e onze subcategorias de análise. Mais concretamente, após a codificação de dados, procedeu-se a uma articulação das unidades de registo com as respetivas categorias e subcategorias delineadas, por sua vez, enquadradas em diferentes temáticas de análise.

Em última instância, procedeu-se ao tratamento e interpretação dos resultados obtidos junto dos reclusos inquiridos, com base no enquadramento concetual realizado, de modo a possibilitar uma articulação entre ambas as partes.

### **Tema N.º 1 - Significado de envelhecimento e de velhice na perspetiva do sujeito**

Relativamente à primeira temática, “significado do envelhecimento e de velhice na perspetiva do sujeito”, delinearão-se quatro categorias, anunciadas segundo o critério de frequência mais elevada.

Na primeira categoria, “relação do envelhecer com a doença e incapacidade”, verifica-se uma tendência de associação, por parte dos inquiridos, do envelhecimento com o surgimento de determinadas doenças e incapacidades. Na análise dos discursos dos inquiridos, apura-se um total de doze registos situados nesta categoria, sendo por isso a que maior incidência apresenta. Estes indivíduos manifestam o seu entendimento face ao envelhecimento e à velhice, como sendo um momento no qual o ser humano adoece e se torna incapaz de realizar a generalidade das atividades de vida diárias (básicas e instrumentais) sozinho, necessitando de apoio de terceiros, bem como de ajudas técnicas e de apoio medicamentoso. Denota-se por isso que os inquiridos vislumbram o envelhecer como a “entrada” numa situação de dependência, quase que total, do ser humano. Esta situação pode ser analisada á luz dos contributos de Costa (2007) que atribui especial importância ao facto de as pessoas idosas enfrentarem uma progressiva diminuição dos seus diferentes domínios funcionais. Destacam-se alguns registos ilustradores desta categoria: *“A velhice é sermos velhos, deixar de ter as capacidades que tínhamos quando éramos mais novos” (3ª entrevista); “a velhice é a pessoa que não se move bem pelos próprios meios, tem que andar com canadianas ou cadeira de rodas” (7ª entrevista); “Por velhice, para mim é quando chega a um ponto em que já se depende dos outros” (21ª entrevista).*

A segunda categoria, “percepção do envelhecimento e da velhice como sequência do curso de vida”, entendimentos face ao envelhecimento e à velhice, como sendo uma sequência natural do curso de vida dos indivíduos. São por isso, frequentes os discursos que entendem o processo de envelhecimento de forma natural, que envolve várias dimensões e constitui parte integrante da vida do ser humano. Na análise dos discursos, foi ainda perceptível o uso de expressões como “faz parte da vida”, no caso de alguns inquiridos, que denunciavam um conformismo face à sua situação atual. Foi um total de sete inquiridos cujas respostas se situam nesta categoria de análise. Destacam-se portanto os seguintes registos: *“Envelhecimento é uma questão de idade, ter mais idade, à medida que os anos passam as pessoas vão ficando mais velhas, com mais dificuldade em conseguir emprego” (9ª entrevista)*; *“Há dois conceitos que tenho de envelhecimento, cronológico e intelectual. Cronológico que se baseia na idade efetiva, o outro, é como a pessoa se sente na vida” (18ª entrevista)*; *“Velhice é a pessoa ir envelhecendo mais, ficando mais madura” (19ª entrevista)*.

A terceira categoria, “sentimentos negativos”, com uma frequência de três registos, associa o envelhecimento e a velhice ao emergir de sentimentos de conotação negativa, sendo por isso perspectivados como um “fim”, como uma fase última da vida humana, repleta de sofrimento, à qual os indivíduos não manifestam vontade em “chegar”. Esta situação é possível de verificar através do seguinte testemunho: *“Envelhecimento é perda de força e de vontade, desistir do mundo...a velhice é o último episódio da vida do ser humano” (2ª entrevista)*.

Em quarto lugar, a categoria “resistência ao envelhecimento” abrange, tal como o nome indica, (três) unidades de registo reveladoras de atitudes de resistência face ao envelhecimento. Estes indivíduos alegam não se sentir a envelhecer por ainda se sentirem jovens, travando por isso uma luta constante, contra o envelhecimento. Nesta “corrida contra o tempo” confirma-se, por exemplo, através do envolvimento diário destes indivíduos em atividades ocupacionais. O convívio e o envolvimento em atividades, permite-lhes distanciarem-se da percepção de envelhecimento, por muitos entendida com um sentido de finitude. Através dos contributos de Costa (2007), confirma-se que as pessoas idosas, tendem a desenvolver uma personalidade de tipo defensivo, demonstrando uma forte necessidade de continuar a trabalhar, tentando “provar” que ainda são jovens. Esta categoria apresenta uma frequência de três registos. A título de exemplo destacam-se os seguintes registos: *“Envelhecimento...eu não sinto isso, sinto-me jovem, mas também faço por isso...luto... sei que estou a caminhar para esse fim mas sou lutador por natureza” (1ª entrevista)*; *“Não sei, não me sinto velho, também não me sinto jovem” (24ª entrevista)*.

## **Tema N.º 2 - Significado de ingresso na prisão**

Relativamente ao significado de ingresso na prisão delinearam-se três categorias de análise. A primeira categoria e também a mais frequente, apresenta uma incidência de doze registos e agrega interpretações subjetivas referentes ao ingresso na prisão, como tendo sido um “acontecimento traumatizante”. Consiste portanto, na forma de eleição que os inquiridos utilizam, capaz de ilustrar o seu ingresso no mecanismo prisional. A reclusão, tida por estes indivíduos como acontecimento traumatizante, faz-se acompanhar por interpretações de conotação negativa, acerca da realidade institucional, levando-os a uma situação de desesperança e descrença na possibilidade de conseguir ultrapassar ou até mesmo “aguentar” o período de pena aplicado. Sendo que, em determinados registos, é perceptível a vivência, por parte destes indivíduos, de momentos de angústia, sofrimento e desespero, mediante a pena aplicada, capazes de despoletar imaginários suicidas. Contudo, estes imaginários suicidas, tendem a surgir essencialmente no período de adaptação institucional, pelo que com o passar do tempo, estes indivíduos encontram formas para melhor se adaptarem ao espaço e às regras institucionais, “conseguindo” portanto, contornar a vontade inicialmente desejada. A título de exemplo enfatizam-se os seguintes registos: *“É a coisa mais triste, mais dolorosa” (1ª entrevista)*; *“foi horrível, não sabia o que fazer à minha vida” (4ª entrevista)*; *“Foi o pior que me podia ter acontecido, estava bem na vida” (12ª entrevista)*; *“Para mim é um tormento muito grande, não propriamente por uma questão de liberdade, de estar num espaço limitado...É o não poder estar em contacto com as pessoas que gosto, os amigos que tenho, frequentar os espetáculos que gosto de frequentar e fazer os estudos a que me dedico” (18ª entrevista)*; *“Morrer aos bocadinhos e envelhecer” (21ª entrevista)*.

A segunda categoria, “quotidiano institucional rotineiro como fator de stress” surge como segunda categoria e apresenta uma frequência de dez registos.

O quotidiano institucional rotineiro é potenciador de stress nos inquiridos, que denunciam a existência de rígidos horários e normas, produtoras de um quotidiano de caráter extremamente rotineiro e não aliciante. Este quotidiano, é também pautado por uma monotonia significativa, resultante da programação de atividades e constante repetição das mesmas, tendendo a afetar as relações entre reclusos, que tendem a demonstrar elevados índices de dificuldade comunicativa.

Em respeito à alimentação, cada estabelecimento prisional garante a aquisição, confeção e distribuição de refeições alimentícias, mediante regras e horários especificamente delineados.

Contudo, a qualidade da confeção alimentar e as “filas” de espera de elevada dimensão potenciam nestes indivíduos uma maior exposição ao stress e nervosismo, influenciando negativamente o processo adaptativo destes indivíduos. O facto de estes indivíduos serem ainda responsáveis por guardar os próprios talheres de alimentação na cela após cada refeição, pela conservação e lavagem do próprio vestuário, tido como propriedade individual (o uso de farda não é por isso de carácter obrigatório nos estabelecimentos prisionais), pela preservação da própria imagem (tamanho e corte de cabelo, uso ou não de bigode e/ou barba), geram neles próprios, uma constante ansiedade e nervosismo. Destacam-se os seguintes registos ilustrativos: *“Acordo, às vezes nem se dorme, só com comprimidos senão anda-se toda a noite a bater...depois vou trabalhar e de dia paga-se quando não se dorme de noite...trabalho na lavandaria. Às onze e meia almoço...há quem vá para a cela da meia hora às duas, eu às vezes também fico porque não me correu bem o dia, já se sabe é cadeia....vou trabalhar...à noite jantar e às sete horas fecha a cela e cama...ao fim de semana as regras são iguais, mas eu e os mais velhos aproveitamos e ficamos na cama até às onze e meia, aproveitamos porque cá fora é muita confusão já se sabe” (3ª entrevista); “É acordar, limpar a cela, tomar banho, fazer a barba, tomar o pequeno-almoço e a medicação, ir para a escola, almoçar, recreio (jogar dominó ou cartas), jantar e cela” (4ª entrevista). “Acordar, fazer a higiene, tomar o pequeno-almoço, tomar café no bar, ir para a escola, almoçar, descansar, ir para a escola, ir para a cela buscar os talheres, jantar, tomar café, conversar, deitar, ver televisão e dormir” (9ª entrevista); “Eu compreendo que o que vou dizer exista, choca-me, mas compreendo que exista...eu gostava de não estar em filas, para comer, para a enfermaria, eu gostava muito disso...quando não estava na casa Santo André<sup>1</sup>, as grades, os horários, choca um bocado” (18ª entrevista).*

Por último, alguns dos registos situados nesta categoria, denunciavam que o facto de se encontrarem “presos”, num espaço fechado, privados de contacto com o exterior, constitui, por si só, num fator potenciador de stress. Aliado a isto surge o facto de, alguns registos, afirmarem que o facto de estarem dependentes de outrem na resolução que qualquer tipo de situação, é também gerador de stress. Esta situação deve-se, essencialmente, ao facto de alguns inquiridos perspetivarem a reclusão como estado de privação total e necessária submissão total à Instituição, levando-os a sentirem-se dependentes e incapazes de resolverem qualquer tipo de situação por si só, necessitando de consentimento de terceiros. Estes indivíduos devem, portanto, moldar os seus comportamentos aos padrões institucionalmente impostos, evidenciando-se, nos registos, o termo “escravo”, usado pelos inquiridos para melhor caracterizarem a sua total submissão à Instituição. Certifica-se assim, a capacidade institucional

---

<sup>1</sup> Edifício integrante do Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo (masculino).

de desnudamento dos seus internados, parte integrante do processo de despersonalização e de mortificação do eu a que estes indivíduos são expostos (Goffman, 1961).

O "conformismo", terceira categoria e com uma frequência de três registos, delimita atitudes conformistas, face à forma pela qual os reclusos interpretam a pena que lhes fora atribuída. Assim sendo e apesar de alguns dos inquiridos considerarem justa ou injusta a sentença aplicada, três referem ter aceite a decisão judicial e se terem conformado face à mesma. Destaca-se o seguinte registo ilustrativo "*Faz parte da vida...reajo bem, porque todos nós temos de cumprir na Terra o que está estipulado*" (14ª entrevista).

Destaca-se ainda particular atenção para os registos que dão conta do impacto negativo que o tráfico e o consumo de estupefacientes assumem, no interior do estabelecimento prisional. Esta atividade, é tida como "inquietante", potenciadora de stress e de desconforto a ele associado, para os reclusos que assistem a determinadas práticas de tráfico e de consumo de estupefacientes. Os conflitos gerados entre reclusos, por vezes, implicam o recurso à violência e por consequência, à intervenção do corpo de guardas prisionais. Estes, por sua vez, recorrem também ao uso da força física, transmitindo para alguns dos reclusos, uma imagem de insegurança e de inconstância do ambiente prisional, agravando o nervosismo sentido.

### **Tema N.º 3 - Entrada e adaptação à prisão**

Mediante esta temática, pretende-se uma análise do momento de entrada e respetivo processo faseado de adaptação à instituição prisional.

A primeira categoria, "importância da prática laboral e formativa como estratégias de reclusão", com uma frequência de treze registos, constituindo portanto, na forma a maioria dos reclusos elegeram, para melhora se adaptarem ao mecanismo e "mais facilmente" alcançarem o fim da pena prevista.

O período de reclusão possibilita ao indivíduo, a inserção num posto de trabalho cujos princípios gerais, visam a aquisição, a manutenção e o desenvolvimento de capacidades profissionais (pelo recluso) permitindo-lhe "*ganhar vida após a libertação*" (Gonçalves, 1993: 61). Assim, a distribuição de reclusos pelos diferentes setores de atividades profissional existentes em cada estabelecimento prisional, deverá ter em consideração um processo de seleção racional, não colocando em causa a segurança e a ordem do estabelecimento, em função das capacidades físicas e intelectuais do recluso, bem como a sua experiência e aspiração

profissional. Devem ainda ser tidos em conta na atribuição de postos de trabalho, fatores como a duração da pena privativa de liberdade e as expectativas laborais, pós-prisionais, do recluso.

A frequência escolar e formativa é também uma estratégia de integração institucional. A possibilidade destes indivíduos se instruírem, para além de os “auxiliar” a ocupar o quotidiano, permite-lhes ainda o acesso a novos conhecimentos e saberes, até então desconhecidos, por falta de oportunidades ou por falta de motivação. A título de exemplo destaca-se o caso de um inquirido que afirma ser o “mais velho na escola” e, por sinal, o que melhor aproveitamento escolar tem.

O sistema de aprendizagem de cada estabelecimento prisional pressupõe a existência de cursos de formação e de aperfeiçoamento profissional, bem como uma escola onde são lecionadas aulas de instrução. No entanto, Capucha (2005) revela que, apesar do elevado número de reclusos que participam em formação escolar e/ou detêm um posto de trabalho na Instituição, estas ocupações não influenciam positivamente a sua inserção, no período de pós-reclusão. Estes indivíduos, quando em liberdade, apresentam dificuldades de acesso e de gestão adequada de um posto de trabalho, “considerado normal e minimamente satisfatório”, bem como de uma estrutura familiar e comunitária estável. A título de exemplo destacam-se os seguintes registos ilustrativos: *“sinto orgulho na escola por ser o mais velho e ter melhor aproveitamento” (9ª entrevista)*. *“Eu tenho um escape, estou sempre a escrever e trabalho 10 a 12 horas por dia, escrupulosamente. Neste momento é impossível cumprir as encomendas de livros que tenho...não tenho tempo” (18ª entrevista)*; *“Foi arranjar trabalho, voluntariamente, comecei no algodão...depois fui pra escola” (22ª entrevista)*.

A “tendência de isolamento por precaução de segurança social”, surgem como segunda categoria e apresenta uma frequência de sete registos. Estes indivíduos tendem a estabelecer poucos contactos com terceiros, mantendo uma reduzida rede de sociabilidades institucionais. Além de ser tido como “difícil”, o relacionamento interpessoal neste tipo de Instituição, a diferença etária surge também como obstáculo, na medida em que alguns dos indivíduos não se identificam com as restantes faixas etárias, tendendo a isolarem-se.

A tendência destes indivíduos em se isolarem, em prol da sua segurança, permite-lhes a salvaguarda de si próprios, bem como do seu espaço, nomeadamente a cela, essencialmente no período noturno, não criando possibilidade de confraternização e de socialização com os demais reclusos. A desconfiança que os reclusos depositam nas suas próprias relações institucionais, conduzem ao frequente emergir de qualquer tipo de insignificância, bem como ao surgimento de disputas, contagiando o período de reclusão como um ambiente de tensão entre reclusos e agravando a tendência de isolamento manifestada por alguns dos inquiridos.

Assim sendo, na ocupação dos tempos livres geralmente os reclusos optam pelas atividades laborais ou de aprendizagem. Destacam-se ainda os registos de reclusos que depositam extrema importância na prática de exercício físico, como estratégia de reclusão. Estes indivíduos, canalizam para a prática desportiva, todas as suas preocupações, descontentamentos, inseguranças e medos, procurando encontrar forças necessárias capazes de ultrapassar os obstáculos emergentes do contexto institucional.

No entanto, os indivíduos que não integram nenhuma das referidas atividades, “confrontam-se com o nada para fazer ao longo de vinte e quatro horas” (Moreira, 1994: 65), o que contribuirá para o isolamento de alguns indivíduos que não se identifiquem com os grupos existentes, tendendo a isolarem-se nas celas. Destacam-se os seguintes registos: *“Dou-me com pouca gente...só lido com pessoas que trabalham comigo...só falo com três ou quatro pessoas... o facto de me dar pouco com as pessoas já é uma maior segurança para mim...por afastamento, até porque o nível etário é muito mais baixo e não me revejo nos hábitos nem na educação dessa gente”* (2ª entrevista); *“Passo o dia na cela”* (15ª entrevista).

A “necessidade de integração institucional” e terceira categoria, apresenta uma frequência de cinco registos, que manifestam vontade em se integrarem na dinâmica institucional, elegendo, por isso, variadas formas de convívio. Esta forma, eleita por três dos inquiridos, para melhor se adaptarem à nova realidade, resulta da aceitação e interiorização da pena aplicada, surgindo a necessidade de cumprirem a sentença, da “melhor” forma possível. Surgem os seguintes exemplos ilustrativos: *“ia tomar um cafezinho de vez em quando para me adaptar ao ambiente”* (5ª entrevista); *“A melhor forma é entrar no campo deles e jogar com eles. Eles faziam uma asneira, eu chamava à atenção...respeitar os guardas...respeitar a farda”* (14ª entrevista).

#### **Tema N.º4 - Condições objetivas e subjetivas de vida anteriores à reclusão**

O que se pretende através desta temática é uma análise por parte do inquirido relativamente à sua situação económica, de saúde e de conhecimento e/ou sabedoria, previamente à sua entrada na instituição prisional. Assim sendo, a primeira categoria, respeitante à “situação económica”, subdivide-se em duas subcategorias, “estável” e “instável”. Nesta sequência, vinte e dois dos inquiridos denunciam ter uma situação económica, prévia à institucionalização, pautada por índices de estabilidade, pelo que apenas três dos inquiridos asseguram ter vivido períodos de elevada instabilidade económica. Destacam-se os seguintes



exemplos ilustrativos relativamente à situação económica instável: *“A situação económica não era estável, metia-me muito no vinho... Era só eu a trabalhar, de vez em quando a fazer biscoitos”* (13ª entrevista). Em relação à situação económica estável surge o seguinte exemplo *“Antes era muito rico, tinha duzentos mil contos no banco, uma vivenda com piscina, parque infantil”* (8ª entrevista).

O “estado de saúde” surge como segunda categoria e divide-se em duas subcategorias, designadamente “estável” e “débil”. Assim, quinze dos inquiridos caracterizam o próprio estado de saúde, prévio à institucionalização, como sendo estável, *“a saúde lá fora era boa”* (8ª entrevista), pelo que os restantes dez inquiridos referem ter tido uma saúde debilitada, *“já sofria do coração, já tinha sido operado”* (2ª entrevista).

Contudo, relativamente à situação de conhecimento e/ou sabedoria no período pré-institucional, os inquiridos não se pronunciaram, motivo pelo qual a categoria de análise “índices culturais” não se encontra presente nesta temática.

#### **Tema N.º 5 - Condições objetivas e subjetivas de vida posteriores à reclusão**

Na análise comparativa dos sujeitos relativa a determinados aspetos que sofreram alterações prévias e posteriores à institucionalização, mais concretamente em termos da sua conjuntura económica, de saúde e de padrões culturais, emergiram as três categorias referentes à pós institucionalização dos reclusos. Designadamente, “situação económica”, a qual catorze dos inquiridos afirmam vivenciar um período de instabilidade económica, agravado essencialmente, desde o início de cumprimento de pena. Destacam-se os seguintes registos para uma melhor ilustração desta categoria: *“agora roubaram-me tudo, depois de já estar preso...assinei uma procuração e tiraram-me tudo”* (8ª entrevista); *“antes tive uma boa estabilidade económica, tive sempre um salário acima da média”* (9ª entrevista). Alguns destes inquiridos tendem a comparar a sua situação económica atual com a situação passada, evidenciando sinais de ter sido melhor que a atual. Constitui-se portando na subcategoria mais frequente.

Por outro lado, onze dos inquiridos anunciam a sua situação como sendo “estável”, em muitos dos casos devido à “entrada” na idade da reforma, posteriormente à institucionalização, permitindo-lhes beneficiar de um rendimento económico mensal fixo, capaz de suprir determinadas despesas. Destaca-se a título de exemplo, o seguinte registo: *“Agora economicamente a minha situação está melhor porque me reformei”* (9ª entrevista).

O “estado de saúde” surge como segunda categoria e subdivide-se em duas subcategorias. Nomeadamente, “débil” respeitante a dezanove dos inquiridos, que afirmam ter assistido a um agravamento do estado de saúde após a institucionalização, sendo por isso a subcategoria mais frequente. A título de exemplo destaca-se o seguinte registo: *“A minha saúde está pior, já fui operado à próstata” (8ª entrevista)*. O estado “inalterado”, delimita seis registos que anunciam não ter “sentido” alguma alteração no seu estado de saúde: *“A saúde não melhorou porque aqui dentro ninguém melhora...mas também não agravou, apesar de aqui haverem hepatites, sídas, todos os problemas, em termos higiénicos” (1ª entrevista)*.

Em último lugar surge a categoria de “índices culturais”, que por sua vez se desmembra em três subcategorias, reveladoras de “melhoria”, de “agravamento” e de casos tidos como “inalterados”. Por outras palavras, quer isto dizer que, nove dos inquiridos afirmam ter sentido uma “melhoria” a nível dos seus padrões culturais, em parte devido à frequência escolar e profissional que o contexto prisional lhes facultou. Sendo por isso a subcategoria mais frequente. Destacam-se os seguintes registos, como exemplo: *“estou agora metido no TIC de computadores, aprendi cá também a regra dos três simples que na quarta classe não davam isso” (17ª entrevista)*; *“A cultura melhorou, no meu caso melhorou (24ª entrevista)*.

Contudo, dez dos inquiridos afirmam não ter verificado qualquer tipo de alteração dos seus padrões culturais, essencialmente devido ao facto de se encontrarem privados de “tudo”, podendo isso constituir um obstáculo ao desenvolvimento cultural e intelectual. A título de exemplo, destacam-se os seguintes registos: *“A cultura está igual, é difícil ter mais...há reclusos aqui que têm seis e sete cursos, mas se lhes derem um serrote não sabem cortar um pão...mas têm um diploma” (1ª entrevista)*; *“A minha cultura mantém-se e inclusive, incuto a outros o que posso” (20ª entrevista)*.

Em último lugar, seis dos inquiridos afirmam ter tido um “agravamento” dos seus índices culturais desde que institucionalizados, destaca-se os seguintes registos exemplificadores: *“o nível de cultura diminuiu” (21ª entrevista)*; *“na cultura, estou pior” (19ª entrevista)*.

## **Tema N.º6 - Estrutura identitária pós reclusão**

Através desta temática pretende-se que o indivíduo seja capaz de fazer uma introspecção de reflexão sobre o seu “eu”, suscetível de modificação, mediante a sua situação de privação de

liberdade, bem como todo o processo de despersonalização e de mortificação do eu a que está sujeito (Goffman, 1961).

Nesta sequência, surgem duas categorias de análise, nomeadamente, a “não alteração do eu”, sendo a mais frequente, na qual quinze dos inquiridos afirmam não ter sentido qualquer mudança em si mesmos, mediante o processo de institucionalização a que (necessariamente) se submeteram. Destacam-se os seguintes registos: “*Não mudou, não houve nenhuma descoberta em mim com a prisão*” (2ª entrevista); “*Eu sou diferente porque estou privado da liberdade, de resto sou o mesmo homem que era antigamente*” (6ª entrevista); “*Não mudou, eu considero que foi um momento um pouco irrefletido da minha vida, tem a ver com crime económico, não houve violências*” (20ª entrevista).

Na segunda categoria, “metamorfose do eu”, posicionam-se dez dos inquiridos que, afirmam ter sofrido modificações de carácter psicossocial, essencialmente devidas ao carácter totalitário da instituição. A instituição prisional, devido ao seu forte poder normativo e coercivo, é capaz de despojar os reclusos da sua personalidade anterior. Por este motivo os indivíduos referem sentir-se mudados, devido ao poder que a prisão exerce sobre eles, “obrigando-os” a refletir sobre os seus atos. Alguns dos registos analisados consideram a mudança como sendo de carácter positivo, pelo que os restantes encaram a mudança de forma negativa. Destacam-se os seguintes registos: “*Hoje estou mais humilde e muito mais moderado nas atitudes, porque a cadeia para pessoas como eu faz-nos pensar muitas vezes*” (3ª entrevista); “*Antes nunca pensei ser capaz de chegar a uma situação destas, custou um bocado...foi uma mudança negativa, mas com as coisas más também se aprende para não voltar a repeti-las*” (9ª entrevista).

Verifica-se desta forma que o recluso que se encontra a cumprir pena e a envelhecer, num longo período de tempo, tem por isso a oportunidade de refletir mais intensamente. Esta categoria delimita portando os registos reveladores que os indivíduos sofrem um processo de transformação pessoal aquando reclusos, assistindo a novas descobertas interiores, nomeadamente a nível de resistência interna, que até ao momento desconheciam ter. Estes indivíduos são colocados “à prova”, ficando surpreendidos com a sua capacidade de resistência a determinadas adversidades. Goffman (1961) através dos seus contributos teóricos, introduz o conceito de quotidiano de destituição, a respeito de todo o processo de despersonalização e destituição, ao qual o indivíduo, neste caso recluso, é submetido.

Um outro aspeto não menos importante é o facto de um dos inquiridos referenciar que em situação de reclusão, sem contacto com o exterior, se encontram sujeitos a um envelhecimento mais acelerado, interpretando este período como uma “paragem no tempo”.

## **Tema N.º 7 - Representação social da população reclusa anterior à reclusão**

O que se pretende agora é uma análise das representações que os inquiridos possuíam acerca da população reclusa, anterior à sua própria privação da liberdade e qual a perspetiva que, no entender destes mesmos indivíduos, a restante sociedade possui. Assim sendo, mediante a análise dos registos, delinearão-se duas categorias.

A primeira categoria de análise é também a mais frequente, respeita ao “estigma” que vinte dos inquiridos consideram estar presente, nas suas próprias representações acerca da prisão e respetivos reclusos, considerando que a restante população possui a mesma “imagem” da população prisional. Goffman (1975) foi o autor escolhido para analisar o carácter estigmatizante deste tipo de instituição, bem como as representações estigmatizantes socialmente edificadas sobre, neste caso, os reclusos, dificultando todo o seu processo de reinserção social. Destacam-se os seguintes registos: *“às vezes lia e pensava: é bem feito! A sociedade vê muito mal...quem é recluso é marginal. Não são capazes de entender...a pessoa quando se consciencializa que fez o estrago, tem que pagar e demonstrar que o erro está gerado” (1ª entrevista); “Tinha perceção do recluso aquele que rouba por prazer, que mata por prazer...Há uma falta de civismo por parte da sociedade...É negativa a imagem que têm” (14ª entrevista).*

A segunda categoria, “perceção realista”, delimita apenas cinco registos, nos quais os indivíduos afirmam desde “sempre” terem tido uma perceção real sobre o contexto prisional. Mais concretamente, estes indivíduos afirmam que, previamente à sua reclusão, já haviam tido oportunidade de refletir e clarificar o seu imaginário referente à Instituição prisional, bem como às vivências no seu interior, que se assemelham com o que acontece na realidade: *“Eu tinha uma visão humanista, portanto ser recluso não significava algo que estava enclausurado e como era advogado tinha contacto” (18ª entrevista).*

## **Tema N.º 8 - Representação atual da prisão e da população prisional**

Relativamente à imagem atual que os reclusos possuem sobre a prisão e respetiva população, evidenciam-se duas categorias. Uma primeira categoria, sendo a mais frequente, delimita treze registos, que dão conta da existência de uma “diferenciação entre reclusos”. Assim sendo, através da leitura dos registos é perceptível a tendência de alguns dos inquiridos

necessitarem de se distinguir dos restantes reclusos, mediante o tipo de crime praticado. O delito cometido por estes indivíduos é interpretado pelos mesmos, com tendo uma conotação menos grave, comparativamente com os restantes reclusos que praticaram crimes “mais graves”. Destacam ainda particular atenção para o facto de acreditarem, na facilidade de se ser privado da liberdade, por delitos, tidos por eles como sendo insignificantes. Surgem os seguintes registos exemplificativos: *“Gostava que muito povo soubesse lá fora que muitos são criminosos e outros estão aqui por azar e haviam de dar uma oportunidade a essas pessoas que se calhar roubaram para comer, porque isto da cadeia, muitos não têm direito a nada”* (4ª entrevista); *“Que nem todos os reclusos são perigosos...há crimes simples e que quando saem não têm trabalho”* (12ª entrevista).

Por conseguinte, surge a “descrença na reinserção social”, na qual se situam doze dos inquiridos, que não acreditam na capacidade regeneradora e de reinserção da prisão. Acreditam por isso que, o facto de estarem presos, futuramente constituirá um obstáculo para a prossecução de determinados objetivos pensados. Destacam-se os seguintes exemplos de registos: *“Deviam haver debates...há debates académicos de reinserção mas na prática não acontece”* (2ª entrevista); *“Penso que devia ser mais benévola com os presos, com a reinserção dos presos”* (20ª entrevista).

O facto de os reclusos não acreditarem na capacidade regeneradora da prisão deve-se, essencialmente, à perceção por parte do recluso do porquê da pena que lhe fora atribuída e aos objetivos que a prisão se propõe a conseguir. Estes indivíduos acreditam que apenas se pretende *“obter comportamentos passivos e submissos em que cada preso, abdicando da sua personalidade, se transforma num eco da instituição”* (Gonçalves, 1993: 126). Os reclusos creem por isso que a função regeneradora da prisão depende da força de vontade de cada um. Assim, fatores como o tempo de pena, geralmente tido como um desperdício, aliado à tendência de isolamento social dos reclusos, colocam em causa a sua (re) inserção social, bem como a função regeneradora da instância prisional. No final do processo de reclusão, os padrões de conduta institucional deixarão de ter aplicabilidade no contexto de vida em liberdade, pelo que *“se impõe agora ao ex-recluso uma nova ordem de espaços, tempos, pessoas e vivências que ele terá que se readaptar”* (Gonçalves, 2002: 137).

## **Tema N.º 9 - Representação da população prisional acerca da idade**

Na sequência desta análise de informações, surge a necessidade de clarificar a questão referente à forma, através da qual, os inquiridos assistem à convivência de grupos de indivíduos de diferentes faixas etárias e qual o tipo de trato entre reclusos, em função da idade.

Assim sendo e, como primeira categoria, surge a “diferenciação etária nas práticas quotidianas”. Sendo a categoria mais frequente, com um total de quinze registos, pelo que se verifica, através dos mesmos, a existência de uma distinção entre os diferentes grupos etários. A distinção é perceptível a vários níveis nomeadamente na ocupação dos tempos livres, nos quais os reclusos mais novos optam por práticas desportivas intensas (futebol e basquetebol). Por seu turno, os reclusos mais velhos, dão preferência a jogos tradicionais (cartas e damas) tidos como sendo mais “calmos”. Destacam-se os seguintes registos como exemplo: *“os mais novos dão-se com os mais novos e os mais velhos procuram distrair-se a jogar às cartas e às damas, enquanto que os mais novos jogam futebol e basquetebol”* (2ª entrevista); *“ajudam os mais novos com conselhos e experiência de vida. Até nos jogos é diferente, os mais novos jogam à bola, os mais velhos às cartas”* (4ª entrevista).

Desta forma, os tempos livres, nomeadamente os períodos de recreio, decorrem em pátios vigiados, sendo utilizados pelos reclusos para *“jogarem futebol, passearem em pequenos grupos, conversarem e negociarem tudo o que seja suscetível de render dinheiro ou satisfazer necessidades e vícios individuais”* (Moreira, 1994: 65-66). A curiosidade de observar quem chega à prisão, saber a sua procedência, formar grupos, entregar-se aos vícios, tentar fugir, transgredir as regras, são algumas condutas que os presos mais velhos já superaram. O objetivo é “pagar” o que devem, da melhor forma possível, de modo a voltar a adquirir a liberdade, essa “riqueza” que lhes fora retirada. Destacam-se os seguintes registos: *“Estamos todos no mesmo barco, entre reclusos não há diferenciação...tanto vale ter dezoito anos como ter sessenta e cinco anos, somos todos iguais”* (1ª entrevista); *“É tudo igual, era importante haver distinção”* (11ª entrevista); *“É tudo por igual. Os mais velhos se se meterem na sociedade dos mais novos, são iguais. Não há benefícios, há menos respeito pelos mais velhos”* (19ª entrevista).

Na análise dos registos, evidencia-se ainda, a existência de uma diferenciação etária sob a forma de “hierarquia” na qual, os indivíduos mais velhos se situam num patamar inferior, em detrimento dos mais jovens que são tidos como o grupo com mais “regalias”. Verifica-se ainda a existência de um respeito pelos mais velhos, em situações pontuais, através de determinadas

atitudes dos reclusos mais novos para com os mais velhos. Estes últimos, assumem-se ainda como tendo um importante papel na transmissão de valores aos reclusos mais jovens, mediante exemplos de boas práticas.

### **Tema N.º 10 - Relacionamentos extramuros**

Os contactos estabelecidos entre os reclusos e respetivos familiares, amigos, entre outras pessoas, podem ser feitos de diferentes formas, nomeadamente através de cartas escritas, de chamadas telefónicas e de visitas à prisão e/ou saídas precárias dos reclusos. Através da análise de registos, verifica-se a existência de uma única categoria, designada de “importância do apoio e dos contactos com familiares e amigos”. Assim sendo, os vinte e cinco registos determinam com sendo fundamental, os contatos estabelecidos com a família e amigos, constituindo uma ferramenta fundamental no processo de adaptação institucional e suprimimento da pena aplicada, o mais emocionalmente estável possível. Destacam-se os seguintes registos: “*Já, muito regularmente, só não vêm mais porque eu não quero...é muito importante para mim o contacto com os meus filhos, irmãos e alguns amigos...*” (2ª entrevista); “*Já, as visitas são muito importantes, sempre tive muitos amigos, vem muita gente visitar-me...os contactos são regulares e muito importantes*” (3ª entrevista).

Apesar da importância das visitas à instituição prisional, destaca-se o registo de um indivíduo que, por sua vontade, não “quer” receber visitas, para não causar transtorno aos visitantes que, devido à sua idade avançada, a viagem até à instituição prisional pode-lhes causar “transtorno”. A título de exemplo: “*De dois em dois meses tenho precárias, estou com os meus pais, filhos e netos...mas não quero visitas, os meus pais já estão muito velhinhos para virem aqui...mas telefono duas vezes por dia, é muito importante*” (8ª entrevista). Destaca-se ainda um outro registo que evidencia uma preocupação relativa aos excessivos gastos em transportes, por sinal de escassa frequência, por parte dos seus visitantes, que impedem a regularidade de visitas à prisão.

Verifica-se, portanto, que a frequência e o tipo de contactos estabelecidos pelos reclusos com o mundo exterior, dependem de fatores de ordem variada, mais concretamente, a duração da pena aplicada, o comportamento dos reclusos, a (in) existência da rede de sociabilidade destes indivíduos, bem como as condições de vida dos visitantes que poderão “ditar” a frequência de contactos, nomeadamente de visitas realizadas à instituição.

Assim sendo, as visitas constituem a forma única de contato humano direto com o exterior, pelo que a sua frequência dependerá de diferentes fatores. Nomeadamente, do tipo de relação pessoal existente prévio à institucionalização, da distância entre o estabelecimento prisional e a zona de residência dos visitantes do recluso, bem como da disponibilidade económica desses mesmos visitantes para se deslocarem à prisão. Assim, os dias de visita são esperados pelos reclusos com elevada ansiedade, pelo que este momento conota no indivíduo uma sensação de bem-estar, permitindo-lhe carregar energias, assegurando-lhe um enquadramento sociofamiliar no seu mundo de pertença, no período de reinserção social. O apoio de amigos e familiares torna-se fulcral para que o indivíduo possa obter saídas precárias e liberdade condicional. Em suma, os visitantes proporcionam ao recluso não só um suporte moral e uma imagem de integração social, mas também lhes asseguram por vezes peças de vestuário, *“ajudas económicas e suplementos alimentares que atenuam as carências individuais e permitem um intercâmbio comercial com profundas influências no dia-a-dia da cadeia”* (Gonçalves, 1993: 169).

As chamadas telefónicas e o correio constituem formas de comunicação que a prisão permite o usufruto por parte dos reclusos, mediante o cumprimento de determinadas regras. No caso do telefone, é permitido aos reclusos a sua utilização não só para estabelecimento de rápidos contatos com a família, mas também para o tratamento de assuntos particulares. Por sua vez, a troca de correspondência é submetida a um determinado controle, por necessidade de manutenção da segurança.

Os *mass media*, nomeadamente os jornais, o rádio e a televisão, são os meios eleitos pelos reclusos e também os que transmitem uma imagem mais concreta da realidade exterior. Contudo, o acesso a estes meios pressupõe a existência de determinadas regras, pelo que nem todos os reclusos beneficiam do acesso a estes meios de forma igual (Ibidem, 1993).

### **Tema N.º 11 - Trajetória prisional**

Relativamente à trajetória dos reclusos na instituição prisional, todo o universo inquirido apresentou respostas unânimes que evidenciam a existência de um “percurso sem sanções disciplinares”, linear, sem aplicação de qualquer tipo de sanção. Destacam-se os seguintes registos: *“Cumpro sempre estritamente as regras do estabelecimento”* (9ª entrevista); *“Faço o melhor possível, acima de regular”* (14ª entrevista); *“Um percurso exemplar, estou*



*detido deste dezassete de agosto de 2005 e até hoje não tenho uma chamada de atenção, sem reparos” (1ª entrevista).*

A tendência e necessidade de todos os inquiridos referirem terem tido, desde o momento de entrada na Instituição até à realização das entrevistas, um percurso linear, conforme aos padrões institucionalmente estabelecidos, justifica-se pela vontade manifestada de sair em liberdade, antes do fim da pena, assim como, poderem usufruir de saídas precárias e de outros “benefícios” institucionais. Contudo esta situação, referente ao percurso destes indivíduos como sendo “linear”, poderá não ser inteiramente verdade, na medida em que não foi confirmado pelos serviços prisionais.

### **Tema N.º 12 - Perspetivas da trajetória de vida sem reclusão**

Foi solicitado aos reclusos inquiridos que idealizassem a sua vida caso não tivessem sido presos. Assim, mediante os registos analisados, edificaram-se duas categorias. A primeira e mais frequente, delimita em vinte e dois registos, uma “perspetiva positivista”, na qual os indivíduos pressupõem que teriam dado continuidade a determinadas atividades ocupacionais, bem como a relacionamentos afetivos, interrompidos mediante a sua privação da liberdade. Esta perspetiva considera portanto, a necessidade de o indivíduo estar o mais possível socialmente integrado. Destacam-se os seguintes registos: *“Era bem melhor do que a que tenho hoje, continuava o que tinha e que tive que fechar...tenho tudo a estragar-se, máquinas...ainda tenho ideias e projetos, não penso parar” (1ª entrevista); “A minha vida estaria muito melhor, o meu filho não deixava de estudar, a minha mulher está muito magrinha, ficou tudo a cargo dela” (22ª entrevista).*

A segunda e última categoria, dá conta da existência de apenas três registos que uma “incapacidade de idealização” das suas vidas sem que tivessem sido privados da liberdade. Surgem os seguintes exemplos de registos analisados: *“Não sei, não sei se estava vivo, se estava morto. A vida é assim mesmo” (14ª entrevista); “Sei lá, não sei se era melhor, se era pior” (16ª entrevista).*

### **Tema N.º 13 - Trajetória de vida após a reclusão**

Em matéria de idealização de perspectivas de vida futuras, evidenciam-se quatro categorias ditadoras dos planos futuros dos inquiridos.

A primeira categoria, “(re)estabelecer laços afetivos, é também a mais frequente e delimita nove registos, que atribuem especial importância à necessidade de (re)aproximação familiar e de procura de “companhia”, nesta “última” etapa da vida. Nesta categoria salienta-se ainda a vontade manifestada por um inquirido, em assistir ao desenvolvimento do ciclo de vida familiar dos filhos, sendo essa a sua maior ambição. Destacam-se os seguintes registos: *“Reconstituir a minha vida, nunca gostei de viver só...dar o meu melhor em prol do meu filho ”* (1ª entrevista); *“Sim, quero ir para fora com a mulher viva para lhe dar conforto ”* (11ª entrevista).

Em segundo lugar verifica-se uma necessidade, por parte de sete dos inquiridos de “retoma da prática laboral”, tida como o recomeço de uma nova etapa da vida, o mais integrada possível a nível social e profissional. Surgem os seguintes registos como exemplo: *“Viver o resto da vida sem problemas e sem complicações, arranjar um género de trabalho de reparador de máquinas ”* (9ª entrevista); *“ir dirigir uma secção de uma nova editora de e-books ”* (18ª entrevista).

Verificam-se seis situações de “ausência de planificações de vida futuras”, em seis registos, pelo que estes indivíduos desacreditam na possibilidade de sobreviver até ao final da pena. Caso isso aconteça, estes indivíduos perspectivam estar demasiado incapacitados para traçar objetivos de vida, tendo por isso, perdido a esperança. Destacam-se os seguintes registos: *“Não tenho, sou velho, fiz a minha casinha bonita, agora olhe...”* (6ª entrevista); *“Ai não, não, agora já não, agora vai ser para descansar, estou reformado já, o que vou fazer com 65 anos?”* (7ª entrevista).

Apenas três indivíduos manifestam vontade de “transição para a reforma”, sendo a sua prioridade assim que saírem em liberdade, como “garante” da sua subsistência. Surgem os seguintes exemplos: *“Sim, receber a minha reforma ”* (2ª entrevista); *“Tudo pode acontecer, política nunca mais, é possível que enverede pela reforma ”* (20ª entrevista).

Assim sendo, o tempo de reclusão, direcionado para a realização de projetos, poderá constituir uma alternativa, principalmente para aqueles que se encontram a envelhecer, em regime de privação de liberdade.

Os reclusos desenvolvem portanto, uma forma própria de ser e de organizar as suas vidas. Apesar de se encontrarem limitados e sem uma data certa para regressarem “a casa”, possuem projetos de vida e procuram preparar-se para a sua saída, fazendo planos atuais para o futuro próximo. O presente e o futuro são encarados por estes indivíduos como sendo uma totalidade, na medida em que o tempo constitui a força capaz de manter os eventos interligados. Assim, os acontecimentos marcantes ocorridos na vida de cada indivíduo, poderão ser determinantes na elaboração de projetos futuros. Contudo, o facto de um indivíduo ser ex-recluso e apresentar uma idade avançada, poderá constituir um entrave à concretização de determinados planos, pois o facto de ter estado preso constitui uma “marca”, que terá que transportar para sempre.

Salientam-se os casos de indivíduos que planeiam o futuro voltado para a atividade laboral, contando com os próprios recursos e com o apoio de familiares/amigos.

Os futuros são revestidos com uma forte componente de esperança pelos entrevistados, mediante o seu desejo de regresso ao convívio social. Em muitos dos casos, o período de reclusão constitui uma forma ativa de pensar no futuro e de apreciar a vida. Contudo, têm presente o facto de que irão enfrentar uma sociedade que tende a excluir ex-reclusos.

Durante a realização das entrevistas, foi possível perceber a existência de uma disposição para retomar o tempo passado e fazer determinadas coisas, atribuindo por isso importância ao “cuidar de si”. Contudo, ressaltam-se também as situações de indivíduos que se revelam preocupados de não conseguirem “sair” em boas condições de saúde que lhes permitam continuar a “viver”, estando o “medo de morrer” patente quando pensam no futuro próximo.

Verificou-se ainda que, os reclusos mais velhos, pensam na liberdade de forma concreta. Para estes indivíduos, sair “com a dívida paga”, de “cabeça erguida”, pela “porta da frente”, é motivo de orgulho, mesmo tendo presente a ideia do rótulo que a sociedade lhes coloca e pelo qual irão “sempre” ser julgados. Os reclusos, a cada dia que passa, privados da liberdade, constroem um modo próprio de viver e de compreender o mundo, pelo que cada dia representa um novo renascer para o mundo, o refazer de uma nova vida.

## **Tema N.º 14 - Motivos da prática do crime e respetiva interpretação**

Num momento final das entrevistas aborda-se o motivo pelo qual os inquiridos se encontram em situação de privação de liberdade e qual o motivo que desencadeou a prática criminal. Perante as interpretações subjetivas dos respetivos crimes, traçam-se três categorias de análise. Nomeadamente, o “arrependimento e assunção da culpa”, categoria mais frequente com um total de dez registos, os quais se revelam arrependimento por parte dos inquiridos face ao delito praticado. Estes indivíduos, apesar de interpretarem o período de reclusão como sendo “muito” custoso, encaram a pena aplicada como um castigo justo face ao ato praticado. Surgem os seguintes registos como exemplo: *“Má, foi um momento mau na vida. Não foi um crime violento de sangue, mas foi violento noutro aspeto. Estou profundamente arrependido e estou a procurar ressarcir a pessoa que lesei” (18ª entrevista)*; *“Interpreto-a mal...embora na altura pensasse que não havia nada de mal, eu não andava a vender nada” (21ª entrevista)*.

A segunda categoria, dá conta de uma tendência, por parte de dez inquiridos, de “vitimização por parte de outrem”. Estes inquiridos, tendem a canalizar a culpa do delito praticado em pessoas e/ou circunstâncias que lhes são externas e “impossíveis” de controlar, como é o caso das traições, entre outros. Destacam-se os seguintes registos: *“Foi um amigo meu, amigo da onça, que me foi desencantar a casa, dizendo que não podia ir naquela viagem, se eu queria ir na vez dele, tinha vindo de um casamento, veja lá, nada estava previsto eu ir nesse dia a Paris...estava para perder a viagem, cheguei atrasado, o check in já estava fechado, mas lá conseguiram que a gente entrasse e depois foi essa entrelaçada de acontecimentos que se sucederam” (2ª entrevista)*; *“Com revolta da traição que não merecia” (11ª entrevista)*.

A terceira categoria, “neutralização da culpa através do uso de substâncias”, respeita apenas a cinco dos inquiridos que, no momento da prática criminal, se encontravam sobre o efeito de substâncias de índole medicamentosa e também alcoólica. O consumo de substâncias alcoólicas, neste caso em particular, influencia a prática criminal nas pessoas idosas (Costa, 2007). Destacam-se os seguintes registos: *“Não sei o que é que aconteceu mas aconteceu, mas sei que fiz a asneira e tenho que cumprir, mas se a justiça fosse justiça...eu tomei medicação, tomei para aí quatro ou seis, não sei, não me lembro de nada, estava fora de mim, não era eu, mas o juiz quanto a medicação, apesar de terem visto a caixa de medicação vazia na mesinha de cabeceira mas como não haviam testemunhas” (1ª entrevista)*; *“Mal...não havia de ter feito o que fiz, mas o álcool assim o permitiu” (6ª entrevista)*.

Nesta categoria, situam-se ainda os registos de indivíduos que afirmam não poderem ser responsabilizados pelo delito praticado. Esta situação deve-se, essencialmente, ao facto destes

indivíduos acreditarem não ter sido eles próprios a agir, transmitindo a ideia de crença na presença de uma “força” externa, que atuou sobre os seus corpos, incitando-os à prática do crime. Um dos inquiridos, afirma “*foi o diabo que se meteu em mim*” (25ª entrevista). Este imaginário, pode ser justificado pelo facto destes indivíduos, no momento da prática criminal, se encontrarem sob o efeito de substâncias, medicamentosas ou alcoólicas.

À luz dos contributos teóricos analisados, verifica-se que os indivíduos com maior predisposição para a prática criminal primária, denunciam uma inexistente ou diminuta retaguarda familiar (Costa, 2007). Sendo portanto, a inexistência ou escassez de suporte familiar, que poderá influenciar, notoriamente, a tendência destes indivíduos a enveredarem por uma conduta criminal, em idade tardia.

A prisão é portanto, o local de residência de indivíduos que, sob a orientação do poder disciplinar, passam um período da sua vida, no qual poderão desenvolver-se intelectualmente, amadurecerem enquanto seres humanos e também onde poderão cuidar de si próprios.

É possível afirmar que, na generalidade dos casos abordados, o processo de envelhecimento torna os indivíduos resistentes à vida prisional, de modo a poderem regressar a uma vida livre. Vivenciam por isso uma preparação diária, cada um de uma forma peculiar, por exemplo através da prática de exercício físico, da leitura, da ocupação de um posto de trabalho, da frequência escolar, dos jogos tradicionais, distanciando-se das tentações. De salientar os casos de indivíduos que tendem a distanciar-se dos reclusos mais jovens, sob forma de “não cederem à tentação”.

Estes indivíduos que, após a descoberta do(s) delito(s) praticado(s), viram a sua vida privada exposta, têm noção que se encontram a pagar uma “dívida” pelo erro cometido, contudo tendem a distanciar-se dos outros reclusos, desvalorizando o ato praticado, como sendo de menor gravidade que os restantes.

Estes indivíduos, no seu quotidiano, travam uma “luta” constante contra as normas institucionais, nomeadamente através dos pedidos de recursos e contra o sistema prisional em si, devido às parcas condições de habitabilidade que lhes proporcionam.

Muitos dos reclusos entrevistados referem sentir necessidade de se distanciarem dos reclusos mais jovens, optando um ambiente mais tranquilo.

Mediante os relatos das entrevistas, foi possível perceber que os indivíduos que envelhecem na prisão, encontram-se no mesmo “pé de igualdade” que os restantes mais jovens, na medida em que não se concretiza um efetivo tratamento diferenciado entre os reclusos mais

jovens e os reclusos mais velhos. De salientar o facto que muitos reclusos reivindicam o facto de terem de enfrentar diariamente longas filas de espera para a toma das refeições, em pé, situação que lhes custa cada vez mais, sendo muito poucas as situações em que os reclusos mais novos “os deixam passar à frente”.

Relembrando o início do trabalho: torna-se, assim, pertinente considerar como preocupação fundamental, a reintegração social dos cidadãos reclusos, nomeadamente os de idade avançada, no conjunto dos desafios multidisciplinares, às quais as sociedades contemporâneas se esforçam por responder.

## Referências Bibliográficas

- Alba, V. (1992). *História Social de la vejez*. Barcelona: Laerte.
- Baratta, A. (2002). *Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal*. Rio de Janeiro: Revan.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barenys, M. (1990). *Residencias de Ancianos: Análisis sociológico*. Barcelona: Fundación Caixa de Pensions.
- Barreiros, J. (1980). *As Instituições Criminais em Portugal no Século XIX: Subsídios para a sua história*. In *Análise Social*, 15 (63), 587-612.
- Bentham, J. (1791a). *Panopticon: Or the Inspection-House*. London: Payne.
- Bentham, J. (1791b). *Panopticon: Postscript, Part 1*. London: Payne.
- Blumer, H. (1969). *Symbolic Interactionism*. New Jersey: Prentice Hall.
- Braga, A. (2008). *A identidade do preso e as leis do cárcere*. Universidade de São Paulo: Dissertação de Mestrado em Direito.
- Cabral, M. (1998). *O aumento da natalidade em Portugal*. Lisboa: Diário de Notícias.
- Campenhoudt, L. (2003). *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais*. Lisboa. Gradiva.
- Cappelle, M., Melo, M. & Gonçalves, C. (s.d.), *Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais*.
- Capucha, L. (2005). *Desafios da Pobreza*. Celta Editora: Oeiras.
- Costa, E. (2003). *Prisões: A Lei escrita e a lei na prática em Portugal*. In Dores, A. (org.). *Prisões na Europa: Um debate que apenas começa*. Lisboa. Celta Editora.
- Costa, J. (2007). *O idoso e o crime: Prevenção e Segurança*. Edições Colibri: Lisboa.
- Coutinho, C. & Chaves, J. (2002). *O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. In *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (1), 221-244. CIEd - Universidade do Minho.
- Cruz, P. & Paúl, C. (coord.). (2009). *Envelhecimento Ativo: Mudar o presente para ganhar o futuro*. Porto: REAPN.

- Cuff, E. & Payne, G. (1979). *Perspectives in Sociology*. London: Unwin Hyman.
- Dionísio, S. (1988). *Guia de Portugal I – Generalidades, Lisboa e Arredores*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dores, A. (org.). (2003). *Prisões na Europa – Um debate que apenas começa*. Lisboa. Celta Editora.
- Faucher, L. (1838). *De La Réforme des Prisons*. Paris: Angé.
- Filho, E. (1996). *Estratégias e medidas em análise de conteúdo*. In Pasquali, L. (Ed). *Teoria e métodos de medida em ciências de comportamento*. Brasília. Inep.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Foddy, W. (1996). *Como perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta Editora.
- Fortin, M. (1999). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Foucault, M. (2001). *Vigiar e punir: História da violência nas prisões* (24 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O Inquérito: Teoria e prática*. Oeiras. Celta Editora.
- Goffman, E. (1961). *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- Goffman, E. (1975). *Stigmaté. Les usages sociaux des handicaps*. Paris: Éditions Minuit.
- Goffman, E. (1968). *Asiles. Etudes sur la condition sociale des malades mentaux*. Paris: Éditions Minuit.
- Goldfarb, C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gonçalves, R. (1993). *A adaptação à prisão: Um processo vivido e observado*. Lisboa: Direção-Geral dos Serviços Prisionais.
- Gonçalves, R. (2002). *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Ingold, F. & Ingold, S. (1990). *La Complémentarité des Approches Quantitative et Qualitative*. Paris: S.E.
- Irma, R. (2001). *Hospital de Dia, Metodologia de Insercion Social*. Buenos Aires: Espacio Editorial.
- Kozlov, E. (2008). *Aging While Incarcerated: A Qualitative Study of Geriatric Prisoners in America*. Conneticut: Wesleyan University.



- Lefebvre, A. (1979). *L'intervention psychologique en milieu carcéral*. Univ. Libre de Bruxelles: Thèse de doctorat.
- Lima, M. (1995). *Inquérito Sociológico: problemas de metodologia*. Lisboa: Editorial Presença.
- Lopes, A., Bastos, S., Cunha, M., Medeiros, C., Coelho, M. (1991). *Do desvio à instituição total: subcultura, estigma, trajetos* (vol. 2). Lisboa: Gabinete de Estudos Jurídico-Sociais do Centro de Estudos Judiciários.
- Lüdke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Marteleira, J. (2002). *Análise de um Colégio de Reinserção Social com base no conceito de Instituição Total de Erving Goffman*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Martins, J. & Bicudo, M. (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes.
- Martins, J. (1998). *Não somos cronos, somos Kairós*. In: *Revista Kairós*, 1. São Paulo: EDUC.
- Mead, H. (1934). *Mind, Self and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist* (vol.1). Chicago: University of Chicago Press.
- Medeiros, C., Coelho, M., Gersão, E., Moreira, J., Cunha, M. (1991). *Do desvio à instituição total: subcultura, estigma, trajetos* (vol. 1). Lisboa: Gabinete de Estudos Jurídico-Sociais do Centro de Estudos Judiciários.
- Mendras, H. (1979). *Elements de sociologie*. Paris: A. Colin.
- Mercandante, F. (1998). *A identidade e subjetividade do idoso*. In *Revista Kairós*. São Paulo: Educ, 1.
- Messuti, A. (2003). *O tempo como pena*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Ministério da Justiça (2004). *Relatório final da comissão de estudo e debate da reforma do sistema prisional*. Lisboa: MJ.
- Ministério da Justiça (2010). *Relatório de atividades de 2010* (vol.2). Lisboa: MJ.
- Mirabete, J. (1999). *Manual de direito penal* (vol. 1). São Paulo: Atlas.
- Moreira, A. (1954). *O Problema Prisional do Ultramar*. Coimbra. Coimbra Editora.

- Moreira, J. (1994). *Vidas encarceradas: estudo sociológico de uma prisão masculina*. Lisboa: Gabinete de Estudos Jurídico-Sociais do Centro de Estudos Judiciários.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis, Trajetórias, Intervenções e Prevenção*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Nogueira, P. (2000). *Curso Completo de Processo Penal* (11ª ed.). São Paulo: Ed. Saraiva.
- OMS, Organização Mundial de Saúde (2005). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan – Americana da Saúde.
- ONU (2002). *Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento*. Centro de Informação das Nações Unidas em Portugal.
- Pereira, A., & Poupa, C. (2006). *Como escrever uma tese, monografia ou livro científico usando o Word*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pereira, G. (2012). *Velhos não querem sair da cadeia por falta de recursos*. Porto: Jornal de Notícias.
- Pereira, J. (1881). *As Prisões, Dissertação Inaugural*. Porto: Typographia de V. Gandra.
- Queiroz, J. & Ziolkowski, M. (1997). *L'interactionnisme symbolique*. Presse Universitaires de Rennes: Didact Sociologie
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rampin, T. (2011). *Mulher e sistema penitenciário, a institucionalização da violência de género*. In Borges, P. (org.). *Sistema Penal e Género, Tópicos para a Emancipação Feminina*. São Paulo: Cultura Académica Editora.
- Ribeiro, O. & Paúl, C. (coord.). (2011). *Manual de Envelhecimento Ativo*. Lisboa: Lidel.
- Rothes, L. (2009). *Liderança, Género e Poder em Contexto Educativo*. In Macedo, E. & Koning, M. (org.) *Reinventando Lideranças: Género, Educação e Poder*. Porto: Fundação Cuidar o Futuro & Livpsic.
- Rowe, J., & Kahn, R. (1997). Successful aging. In *The Gerontologist*, 37 (4), 433-440.
- Santos, M; Alchieri, C; Filho, F. (2009). *Encarceramento Humano: Uma revisão histórica*. In *Gerais: Revista interinstitucional de Psicologia*. 2, 170-181.
- Santos, K. (1947). *Nova Organização Prisional Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.

- Silveira, V. (s.d.). Idosos atrás das grades. Disponível em:  
<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/pforum/vmm5.htm>
- Simmel, G. (1998). *Les pauvres* (1ª ed.) Paris: Puf.
- Siqueira, M.M.M. & Padovam, V.A.R. (2008). Bases teóricas de bem – estar subjetivo, bem – estar psicológico e bem – estar no trabalho. In *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 24 (2), 201-209.
- Spar, J. & La Rue, A. (2005). *Guia Prático de Psiquiatria Geriátrica*. Lisboa: Climepsi.
- Suelma, I. (2003). *À espera da liberdade: um estudo sobre o envelhecimento prisional*. São Paulo: Dissertação de Mestrado.
- Vala, J. (2003). *A Análise de Conteúdo*. In: Silva, A., Pinto, J. (org). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- Vaz, M. (2003). *Prisões de Lisboa no último quartel do século XIX: Elemento para o seu estudo*. In: Dores, A. (org.). *Prisões na Europa: Um debate que apenas começa*. Oeiras: Celta.
- Viegas, S. & Gomes, C. (2007). *A identidade na velhice*. Porto: Ambar.
- Wacquant, L. (2000). *As Prisões da Miséria*. Oeiras: Celta.
- Waele, J. & Depreew, W. (1985). *Formation du personel penitentiaire*. Bruxelles: Ministère de la Justice/Moniteur Belge.

#### **Documentos eletrónicos consultados:**

- <http://www.legislacao.org/diario-primeira-serie/1926-11-16/0/seguinte>
- [http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/DL\\_268\\_81.htm](http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/DL_268_81.htm)
- [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=162&tabela=lei\\_velhas&nversao=2](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=162&tabela=lei_velhas&nversao=2)
- <http://www.redeconhecimentojustica.mj.pt/Category.aspx?id=78>
- [www.institutodoenvelhecimento.ul.pt](http://www.institutodoenvelhecimento.ul.pt);
- [www.ine.pt](http://www.ine.pt)

**Legislação consultada:**

- Regulamento das cadeias civis do continente do reino e das ilhas adjacentes. Diário do Governo, de 21 de Setembro de 1901.
- Decreto-lei n.º 22:708 de 20 de Junho de 1933. Diário do Governo nº 136/ Série I. Lisboa: Ministério da Justiça.
- Decreto-lei n.º 25:016 de 07 de Fevereiro de 1935. Diário do Governo nº 30/ Série I. Lisboa: Ministério da Justiça.
- Decreto-Lei n.º 184/72 de 31 de Maio de 1972. Diário de República Nº128, I Série. Lisboa: Ministério da Justiça.
- Decreto-Lei n.º 319/82 de 11 de Agosto de 1982. Diário de República Nº 184, I Série. Lisboa: Ministério da Justiça.
- Decreto-lei n.º 414/85 de 18 de Outubro de 1985. Diário da República Nº 240, Série I. Lisboa: Ministério da Justiça.
- Lei Constitucional n.º 1/2005 de 12 de Agosto. Diário da República Nº 155, Série I - A. Lisboa: Assembleia da República.
- Decreto-lei n.º 125/2007 de 27 de Abril de 2007. Diário da República N.º 82, Série I. Lisboa: Ministério da Justiça.
- Decreto-lei n.º 149/2009 de 29 de Junho de 2009. Diário da República N.º 82, Série I. Lisboa: Ministério da Justiça.
- Decreto-Lei n.º 215/2012 de 28 de Setembro de 2012. Diário da República N.º 189, Série I. Lisboa: Ministério da Justiça.

## **Anexos**

### **Anexo 1 – Tratamento de dados**

- **Agrupamento das questões da entrevista por temas de análise**

**Tema N.º1 - Significado de envelhecimento e de velhice na perspetiva do sujeito:** “O que entende por envelhecimento? E por velhice?”

**Tema N.º2 - Significado de ingresso na prisão:** “Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?”, “O que significa para si estar preso? Como reage a isso?”, “Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?”, “Na sua perspetiva que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?”, “Como caracteriza o seu quotidiano prisional?” “Qual (ais) a (s) forma (s) por si utilizada (s) para manter vivo (s) a esperança e o otimismo?”

**Tema N.º 3 - Entrada e adaptação à prisão:** “Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?”, “Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?”, “Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?”, “O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?”, “Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?”

**Tema N.º 4 - Condições objetivas e subjetivas de vida anteriores à reclusão<sup>1</sup>:** “Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão?”

**Tema N.º 5 - Condições objetivas e subjetivas de vida, posteriores à reclusão<sup>2</sup>:** “Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) atualmente?”

---

<sup>1</sup>; <sup>2</sup>; A questão respeitante ao tema 4 e ao tema 5 foi dividida em duas partes, para que pudesse ser analisada em temáticas distintas. No guião de entrevista aplicado, apenas existia uma questão que englobava as duas temáticas, antes e após a reclusão.

**Tema N.º 6 - Estrutura identitária pós reclusão:** “De que forma é que estar preso mudou a sua perceção acerca de si mesmo?”, “Quais as principais dificuldades que encontra na cadeia tendo em conta a sua idade?”

**Tema N.º 7 - Representação social da população reclusa anterior à reclusão:** “Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?”

**Tema N.º 8 - Representação atual da prisão e da população prisional:** “O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?”

**Tema N.º 9 - Representação da população prisional acerca da idade:** “De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?”, “Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?”, “Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?”

**Tema N.º 10 - Relacionamentos extramuros:** “Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contactos? E o que representam para si?”

**Tema N.º 11 - Trajetória prisional:** “Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?”

**Tema N.º 12 - Perspetivação da trajetória de vida sem reclusão:** “Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?”

**Tema N.º 13 - Trajetória de vida após a reclusão:** “Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?”

**Tema N.º 14 - Motivos da prática do crime e respetiva interpretação:** “Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?”, “Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?”

## - Análise de conteúdo: sistema de categorias

### Tema N.º 1 - Significado de envelhecimento e de velhice na perspectiva do sujeito.

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Relação do envelhecer com a doença e incapacidade (12)		<i>“...já ultrapassei a minha doença...”; ”dar conta que algo se está a aproximar...deixar de ter as capacidades que tínhamos quando eramos mais novos”; “a pessoa não se move bem pelos próprios meios, tem que andar de canadianas ou cadeira de rodas”; “doenças a afetar as pessoas”; “Velhice significa perder as forças e a saúde”; “Eu envelheço e tenho muitos problemas”; “A pessoa que seja mesmo velha tem uma capacidade diminuída”.</i>
Perceção do envelhecimento e da velhice como sequência do curso de vida (7)		<i>“O envelhecimento cronológico baseia-se na idade efetiva, o intelectual é como a pessoa se sente na vida”.</i>
Sentimentos negativos (3)		<i>“...é sempre triste, sei que estou a caminhar para esse fim”; “é perda de força de vontade, desistir do mundo...é o último episódio da vida do ser humano”.</i>
Resistência ao envelhecimento (3)		<i>“eu não sinto isso, sinto-me jovem, mas faço por isso, luto”; “não envelhecemos todos da mesma maneira”; “Não me sinto mais velho, também não me sinto mais jovem”.</i>

**Tema N.º 2 - Significado de ingresso na prisão.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Acontecimento traumatizante <b>(12)</b>		<i>“É a coisa mais triste, mais dolorosa”; “é uma privação de tudo, menos do pensamento”; “Desiludido, psicologicamente abatido”; “tortura”; “ É custoso”; “já me lembrou de pôr a corda”; “com muito custo, umas vezes com maus e outras com bons pensamentos” “a pessoa bate mal”.</i>
Quotidiano institucional rotineiro como fator de stress <b>(10)</b>		<i>“Os horários, o abrir e fechar portas, algumas atitudes hostis por parte dos guardas”; “todas as regras não são fáceis”; “Acordar, fazer a higiene, tomar o pequeno-almoço, tomar café no bar, ir para a escola, almoçar, descansar, ir para a escola, ir para a cela buscar o jantar, tomar café, deitar” “estar num espaço limitado”; “estar em filas para comer, para a enfermaria...as grades, os horários, choca um bocado”.</i>
Conformismo <b>(3)</b>		<i>“Pronto não podia fazer nada, que remédio senão aceitar”; “Conformei-me em relação ao crime, encarei como um castigo justo”.</i>



**Tema N.º 3 - Entrada e adaptação à prisão.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Importância da prática laboral e formativa como estratégias de reclusão (13)		<i>“são melhores a trabalhar, pontes e feriados é monótono, se não tiver ocupação é chato”; “trabalho para passar o tempo com facilidade”; “ir para a escola”; “sinto orgulho na escola por ser o mais velho e ter melhor aproveitamento”.</i>
Tendência de isolamento por precaução de segurança pessoal (7)		<i>“O facto de me dar com poucas pessoas já é uma maior segurança para mim, por afastamento...estou na cela das dezanove horas às oito horas da manhã, é o meu território, é um alívio”; “não me sinto seguro...tenho de andar sempre de canto em canto”; “nunca tive muita ligação com os outros presos”; “Paz e agarrar-me muito a mim”; ”o relacionamento é muito difícil”; “Dou-me com pouca gente, só lido com pessoas que trabalham comigo, três ou quatro”; “Não há com quem falar, a idade é um obstáculo...a parte cultural, a diferença é abissal”.</i>
Necessidade de integração institucional (5)		<i>“ia tomar um cafezito de vez em quando para me adaptar ao ambiente”; “Conviver”.</i>

**Tema N.º 4 - Condições objetivas e subjetivas de vida anteriores à reclusão.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Situação económica	Estável (22)	<i>“não era rico, tinha dívidas a abater”; “ganhava dinheiro para fazer uma vida boa”; “tive sempre um salário acima da média”.</i>
	Instável (3)	<i>“A situação económica não era estável, era só eu a trabalhar, de vez em quando a fazer biscates”; “A minha situação económica era má”.</i>
Estado de saúde	Estável (15)	<i>“tinha uma boa saúde também”.</i>
	Débil (10)	<i>“tive cancro no estômago e intestino”; “já sofria do coração, já tinha sido operado”.</i>

**Tema N.º 5 - Condições objetivas e subjetivas de vida, posteriores à reclusão.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Situação económica	Instável (14)	<i>“agora a minha situação económica é muito mais fraca, mas também não tenho aqui para gastar”; “agora roubaram-me tudo”; “estou a tratar da reforma”; “A situação económica é muito má, a família depende de mim...a minha mulher vive neste momento na miséria”.</i>
	Estável (11)	<i>“tenho a minha reforma, reformei-me depois de ter sido preso”; “economicamente a minha situação está melhor porque me reformei”.</i>
Estado de saúde	Débil (19)	<i>“havendo problemas psicológicos, vão atingindo os físicos”; “agora já fui operado, foi-me amputado um dedo”.</i>
	Inalterado (6)	<i>“a saúde não melhorou porque aqui dentro ninguém melhora, mas também não agravou”.</i>
Índices culturais	Melhoria (9)	<i>“quanto à cultura, adquirir mais cá dentro”; “cultura tenho mais porque ando na escola”.</i>
	Inalterados (10)	<i>“em relação à cultura continua igual”.</i>
	Agravamento (6)	<i>“na cultura estou pior”; “o nível de cultura diminuiu”; “sabedoria já perdi um bocado, há dias que a cabeça foge-me um pouco”.</i>

**Tema N.º 6 - Estrutura identitária pós reclusão.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Não alteração do eu <b>(15)</b>		<i>“sou o mesmo, não alterei”; “não houve nenhuma descoberta em mim com a prisão”; “estou arrependido mas não mudou”.</i>
Metamorfose do eu <b>(10)</b>		<i>“hoje estou mais humilde e muito mais moderado nas atitudes, porque a cadeia para pessoas como eu faz-nos pensar muitas vezes”; “sou diferente para melhor”; “O que eu era lá fora e o que eu sou aqui dentro”; “Foi uma mudança negativa, mas com as coisas más também se aprende para não voltar a repeti-las”; “aqui dentro as pessoas transformam-se”; “a descoberta foi o nível de resistência que um ser humano pode despelotar”.</i>

**Tema N.º 7 - Representação social da população reclusa anterior à reclusão.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Estigma (20)		<i>“é bem feito...quem é recluso é marginal”; “os meios de informação exploram a ideia de uma secreção da sociedade, uma sociedade doente...a população prisional reflete os problemas da sociedade”; “As pessoas vêm tudo pela mesma bitola”; “as pessoas imaginam que os reclusos são perigosos”; “Tinha perceção do recluso aquele que rouba por prazer, mata por prazer”.</i>
Perceção realista (5)		<i>“Eu tinha uma visão humanista, portanto ser recluso não significava algo que estava enclausurado”; “Que eram pessoas como as outras”.</i>

**Tema N.º 8 - Representação atual da prisão e da população prisional.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Diferenciação entre reclusos <b>(13)</b>		<p><i>“Muitos são criminosos e outros estão aqui por azar”; “Hoje vejo que há pessoas que fizeram mal e outras que nem tanto”; “nem todos os reclusos são perigosos, há crimes simples”; “há reclusos a trabalhar para matar a fome lá fora”; “hoje em dia acho que é muito fácil ser preso”; “uma pessoa pode ter um azar e vir cá parar”.</i></p>
Descrença na reinserção social <b>(12)</b>		<p><i>“há debates académicos de reinserção mas na prática isso não acontece”; “quando saem não têm trabalho”; “quem vem para aqui sai pior do que entrou”;</i></p> <p><i>“imagem negativa...depois para arranjar trabalho”; “Eu sou contra este sistema de reinserção social, acho que é um erro clássico”.</i></p>

**Tema N.º 9 - Representação da população prisional acerca da idade.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Diferenciação etária nas práticas quotidianas <b>(15)</b>		<p><i>“os mais novos dão-se com os mais novos e os mais velhos procuram-se distrair a jogar às cartas e às damas, enquanto que os mais novos jogam futebol e basquetebol”; “há um respeito dos mais novos: deixa o cota, respeita a velhice”; “muitos respeitam os mais velhos, até os guardas, tendo mais consideração”; “Os mais novos respeitam-nos muito”;</i></p> <p><i>“ Respeitam um bocado mais as pessoas idosas, acho bem porque o idoso não tem as possibilidades de se defender como tem o mais novo”.</i></p>
Indiferenciação etária <b>(10)</b>		<p><i>“Estamos todos no mesmo barco, entre reclusos não há diferenciação, somos todos iguais”.</i></p>

**Tema N.º 10 - Relacionamentos extramuros.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Importância do apoio e dos contactos com familiares e amigos <b>(25)</b>		<p><i>“é muito importante para mim o contato com os meus filhos, irmãos e alguns amigos”; “os contatos são regulares e muito importantes”; “telefonemas regulares é importante”.</i></p>

**Tema N.º 11 - Trajetória prisional.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Percurso sem sanções disciplinares (25)		<i>“percurso exemplar...até hoje não tenho uma chamada de atenção, sem reparos”; “o mais linear possível, não fazer ondas nem surfar nas ondas dos outros”.</i>

**Tema N.º 12 - Perspetivação da trajetória de vida sem reclusão.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Perspetiva positivista (22)		<i>“Teria sido bem melhor”; “Era muito boa, perdi milhares de contas e uma família que era importante para mim”; “Uma vida muito mais feliz”; “Estava feliz, tinha uma vida bonita e uma mulher em casa como sonhava” “continuava o que tinha e que tive que fechar”; “tinha o meu trabalho, tinha os meus amigos”; “tinha tido sempre trabalho”.</i>
Incapacidade de idealização (3)		<i>“Não sei se estava vivo, se estava morto, a vida é assim mesmo”; “Sei lá, não sei se era melhor se era pior”.</i>



**Tema N.º 13 - Trajetória de vida após a reclusão.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
(Re) estabelecer laços afetivos <b>(9)</b>		<i>“Reconstituir a minha vida, nunca gostei de viver só, dar o meu melhor”; “visitar os meus filhos”; “Ir para fora com a mulher, dar-lhe conforto”.</i>
Retoma da prática laboral <b>(7)</b>		<i>“abrir um tasco para me entreter a mim e às minhas filhas”; “arranjar trabalho no café do meu irmão”; “arranjar um género de trabalho de reparador de máquinas”; “Tenho uma promessa, para ir dirigir de uma nova editora”.</i>
Ausência de planificações de vida futuras <b>(6)</b>		<i>“Não tenho, sou velho”; “o que vou fazer com 65 anos?”; “Nesta altura da minha idade já não tenho grandes perspetivas para a minha vida”; “Perdi a esperança”; “Tenho de viver mais um ano ou dois, que é o que me resta, para mim acabou”.</i>
Transição para a reforma <b>(3)</b>		<i>“receber a minha reforma”; “ter a minha reforma”.</i>

**Tema N.º 14 - Motivos da prática do crime e respetiva interpretação.**

<b>Categoria (s) e Frequência (s)</b>	<b>Subcategoria (s)</b>	<b>Unidade (s) de registo</b>
Arrependimento e assunção da culpa <b>(10)</b>		<i>“arrependo-me, já não tenho o prazer de ter uma esposa ao meu lado”; “bateu-me mais a questão do erro”; “É mau, todo o crime é mau”; “sinto vontade de ser melhor no futuro”; “Não houve intenções de matar, tivemos de sofrer as consequências”; “Não foi um crime violento de sangue mas foi violento noutro aspeto, estou profundamente arrependido e estou a procurar ressarcir a pessoa que lesei”; “Um falhanço, pesa-me porque às vezes penso como é que eu falhei”; “Fui uma besta”.</i>
Vitimização por parte de outrem <b>(10)</b>		<i>“foi um amigo meu, amigo da onça”; “se não fosse eu do outro lado era do outro lado para mim”; “traição que não merecia”; “foi ela que se fez a mim com uma arma e correu mal para ela”; “Deveu-se a uma perseguição política”; “Como é que eu ia fazer mal a um cego?”.</i>
Neutralização da culpa através do uso de substâncias <b>(5)</b>		<i>“se a justiça fosse justiça...eu tomei medicação, para aí quatro ou seis, estava fora de mim”; “o álcool assim o permitiu”; “Sinto que foi tudo à base de medicação e álcool”.</i>

## **- Transcrição das entrevistas**

### **1ª Entrevista**

**Que idade tem?** *“Oitenta”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e dois anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Quarta classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Sete anos e três meses, a 17 de maio faço metade da pena”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Envelhecimento...eu não sinto isso, sinto-me jovem, mas também faço por isso...luto, gosto de exercício físico (caminhar)...é sempre triste, sei que estou a caminhar para esse fim mas sou lutador por natureza. Já ultrapassei a minha doença...A velhice é um bocado desagradável, pelo que me dá a observar é triste, não quando se tem apoio...os meus pais morreram felizes. Tiveram uma velhice bonita. Se se for abandonado...isso é que é triste. É como viver aqui, devíamos ter mais atenção”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Oito anos e três meses”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Quinze anos e meio...Já foi mais difícil, mas quando começamos a ver a luz ao fundo do túnel, torna-se fácil...espero ir embora a meio da pena...tenho consciência de tudo”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“É complicado...o melhor é passar tudo para trás...esquecer. Penso mas afinal o que é que eu estou aqui a fazer? Ainda podia ser útil em alguma coisa. É a coisa mais triste, mais dolorosa. Imagine um problema para resolver e ter de transmitir e pedir a outros. É uma limitação terrível. Sem comentários”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“As primeiras quarenta e oito horas não tinha noção nenhuma de onde estava e então quando vi foi assustador. Aqui dentro procurei esquecer...só posso viver aqui dentro fazendo assim. A minha forma de ser também ajudou...mas aqui o relacionamento é muito difícil, o que agora é verdade, daqui a cinco minutos já é mentira...não é fácil, mas também não é difícil, dou-me bem com tudo e com todos, conheço todos.”*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Havia um reparo...a maneira de ser...tenho um espírito jovem...aqui dentro as pessoas transformam-se”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“A forma foi simples, pensar que efetivamente estava preso...quinze anos dá vontade de desistir...selecionei, pensei, fui vencedor etapa por etapa. Interiorizei isto de uma forma prática...fiz a minha análise, tirei uma radiografia e disse: só tenho isto. Tenho que arranjar forma de conseguir. Tenho esta esperança por liberdade condicional antecipada. Quando sair daqui espero ainda poder caminhar”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Relativamente...não é fácil mas também não é difícil...cada um tem a sua posição”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Ser cumpridor, obediente, educado...não entro em rixas”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Sinto-me seguro em todos os locais e a qualquer hora do dia”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“São situações que se criam, o stresse de ter que passar aqui, acolá, etc. É muito fundamental o apoio familiar, uma visita”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Antes não era rico, tinha dívidas a abater...tive cancro no estômago e intestino...agora a minha situação económica é muito mais fraca, mas também não tenho aqui para gastar, não fumo, não há vícios. A saúde não melhorou porque aqui dentro ninguém melhora...mas também não agravou, apesar de aqui haverem hepatites, sídias, todos os problemas, em termos higiénicos. A cultura está igual, é difícil ter mais...há reclusos aqui que têm seis e sete cursos, mas se lhes derem um serrote não sabem cortar um pão...mas têm um diploma”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Sou o mesmo, não alterei...o meu filho tinha vergonha por eu estar preso...não me sinto orgulhoso do que fiz, tenho noção disso e que tenho que pagar...pensei que não me aconteceria mas aconteceu”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Nunca pensei...às vezes lia e pensava: é bem feito! A sociedade vê muito mal...quem é recluso é marginal. Não são capazes de entender...a pessoa quando se consciencializa que fez o estrago tem que pagar e demonstrar que o erro está*

*gerado”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Gostava que as pessoas soubessem que não é fácil, seja por que motivo, estamos distantes de tudo, sentimo-nos humilhados. Gostava que soubessem que é muito difícil e se o soubessem tinham outra postura”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Estamos todos no mesmo barco, entre reclusos não há diferenciação...tanto vale ter dezoito anos como ter sessenta e cinco anos, somos todos iguais”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Há um respeito dos mais novos: deixa o cota, respeita a velhice”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Ninguém tem benefícios”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Os obstáculos é não sair, não quero andar aqui a bater mal...tenho medo de continuar aqui e ver a idade a avançar e interrogar-me do porquê. O difícil é começar a interiorizar”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“São melhores a trabalhar...das nove horas às onze e meia e das catorze às dezassete horas. Pontes e feriados é monótono, se não tiver ocupação é chato”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Tenho precárias há quatro anos, frequentemente. Mantenho uma boa relação com o meu filho e com amigos”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Um percurso exemplar, estou detido deste dezassete de agosto de 2005 e até hoje não tenho uma chamada de atenção, sem reparos”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Era bem melhor do que a que tenho hoje, continuava o que tinha e que tive que fechar...tenho tudo a estragar-se, máquinas...ainda tenho ideias e projetos, não penso parar”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Reconstituir a minha vida, nunca gostei de viver só...dar o meu melhor em prol do meu filho, gostava de o ver casado, tal e qual como os irmãos, sabe como é a idade não perdoa e não tenho dezassete anos, tenho sessenta e nove”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Luto muito...é uma força interior, porque a olhar para o espelho penso éh páh, está a ficar...olhe corro, caminho, salto, faço os meus exercícios para manter a minha atividade física”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Estou condenado por homicídio, da minha companheira”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Não sei o que é que aconteceu mas aconteceu, mas sei que fiz a asneira e tenho que cumprir, mas se a justiça fosse justiça...eu tomei medicação, tomei para aí quatro ou seis, não sei, não me lembro de nada, estava fora de mim, não era eu, mas o juiz quanto a medicação, apesar de terem visto a caixa de medicação vazia na mesinha de cabeceira mas como não haviam testemunhas...eu estava num estado deplorável, eu estava na judiciária e muito mais tarde é que me comecei a aperceber, só quarente e oito horas depois”.*

## **2ª Entrevista**

**Que idade tem?** *“Sessenta e sete anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e três anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Décimo segundo e cumpri a Academia Militar”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Dez meses e alguns dias”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Envelhecimento é perda de força e de vontade, desistir do mundo. É uma coisa subtil, lentamente. A velhice é o último episódio da vida do ser humano”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Três anos, este ano faz quatro”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Dez anos e meio...muito mal, o meu único delito foi ter aceite uma viagem de avião a Paris...”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“É uma privação de tudo, menos do pensamento”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Muito mal...”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Dou-me com pouca gente...só lido com pessoas que trabalham comigo...só falo com três ou quatro pessoas...”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Exame de consciência...o tempo é mestre...entrar numa rotina diária, evitar pensar...agora estou distanciado, sei que o fim está perto...a família sempre apoiou”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)? O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“O facto de me dar pouco com as pessoas já é uma maior segurança para mim...por afastamento, até porque o nível etário é muito mais baixo e não me revejo nos hábitos nem na educação dessa gente”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Na cela, na biblioteca, contacto com livros e ajuda a abstrair-me. É uma forma de defesa e evasão daqui através da leitura, é como não estar cá”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Os horários, o abrir e fechar portas, algumas atitudes hostis por parte dos guardas...uns são mais simpáticos ou antipáticos que outros...a hora de maior alívio é quando se é fechado às sete horas”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Na saúde não tenho nenhum reparo a fazer, tenho sido bem acompanhado cá...já sofria do coração, já tinha sido operado...os serviços clínicos daqui funcionam bem. A situação económica é estável, mas quanto à cultura, adquirir mais cá dentro”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Não mudou, não houve nenhuma descoberta em mim com a prisão. A descoberta foi o nível de resistência que um ser humano pode despelotar”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Era um mundo que desconhecia, sem ideia definida. A sociedade tem uma ideia muito negativa e os meios de informação exploram. A ideia é a secreção da sociedade, uma sociedade doente. A população prisional reflete os problemas da sociedade”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Seria melhor que esquecessem, ignorassem...o resto da sociedade não*

*toca. Deviam haver debates...há debates académicos de reinserção mas na prática não acontece”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“A partir dos cinquenta...os mais novos dão-se com os mais novos e os mais velhos procuram distrair-se a jogar às cartas e às damas, enquanto que os mais novos jogam futebol e basquetebol”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“É um mito”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não existe”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Até agora não tive problemas de saúde”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“É passado na biblioteca, faço as refeições e estou na cela das dezanove horas às oito horas da manhã...é o meu território, é um alívio”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Já, muito regularmente, só não vêm mais porque eu não quero...é muito importante para mim o contacto com os meus filhos, irmãos e alguns amigos...”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Tem sido o mais linear possível, não fazer ondas e não surfar nas ondas dos outros...não abdiquei de nada nem caí nas facilidades”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Teria sido bem melhor, essa questão já esta ultrapassada, já me habituei a este castigo...ainda andei uns tempos avariado”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Sim, receber a minha reforma e visitar os meus filhos”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Contando os dias, é um a menos, foi o último Natal e ano novo...medido em etapas é um dia de cada vez”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Foi um amigo meu, amigo da onça, que me foi desencantar a casa, dizendo que não podia ir naquela viagem, se eu queria ir na vez dele, tinha vindo de um casamento, veja lá, nada estava previsto eu ir nesse dia a Paris...estava para perder a viagem, cheguei atrasado, o check in já estava fechado, mas lá*



*conseguiram que a gente entrasse e depois foi essa entrelaçada de acontecimentos que se sucederam”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“O meu único delito foi ter aceite, devia ter desconfiado, mas aceitei uma viagem de avião para ir a Paris, mas não sabia o que se estava a passar e fui associado à organização de droga”.*

### **3ª Entrevista**

**Que idade tem?** *“Sessenta e cinco anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e um anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Quarta classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Onze a nos e três meses”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Envelhecimento é tornarmo-nos mais velhos, começar a sermos mais flexíveis e dar conta que algo se está a aproximar. A velhice é sermos velhos, deixar de ter as capacidades que tínhamos quando eramos mais novos”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Três anos e três meses”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Catorze anos e meio...Tive que me habituar a um regime que não é nada fácil...escolhemos o melhor caminho para não tropeçar em ninguém”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Desiludido...psicologicamente abatido, nunca tinha tido situação igual”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Algo aconteceu de mal para que isso acontecesse...a pessoa bate mal e a pouco e pouco fui-me habituando à cadeia e estou mentalizado”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Há poucos reclusos da minha idade...por ter uma população muito jovem, por isso é complicado”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Passamos muito tempo nas celas, trabalho para o tempo passar com facilidade. Depois do trabalho há mais dificuldade porque a população junta-se toda num sítio pequeno e tenho que andar sempre de canto em canto”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Muito, muito, não me sinto seguro”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Fico dentro da cela”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Na cela quando está fechada”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Estar preso...todas as regras não são fáceis”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Desde jovem tive um percurso difícil...estive dezassete anos nos fuzileiros especiais na marinha, na guerra em Angola, na Guiné Bissau...fui ferido em combate e estive vinte e seis meses em tratamentos...depois fiquei reformado por invalidez...mais tarde fui para a construção civil por conta própria e para a política...fui presidente da junta durante dezasseis anos. Ganhava dinheiro para fazer uma vida boa...”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Hoje estou mais humilde e muito mais moderado nas atitudes, porque a cadeia para pessoas como eu faz-nos pensar muitas vezes”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Muito má...pensava pouco nisso porque nunca me passou pela cabeça ser preso. Acredito que a maior percentagem da população tem essa noção”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Tudo o que nós passamos cá...ter horas para banho, cela, recreio...ser muito bem comportado para não ter problemas acrescidos”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Dão nomes de, o mais velho, às pessoas da minha idade. É importante a diferenciação porque nós*

*acabamos por ser professores deles pela linha que traçámos, porque queremos ir embora e não pensar em voltar para a cadeia”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Existe uma hierarquia, os mais velhos enquadram-se mais em baixo, tentam dar bons exemplos aos mais novos, acho que é muito bom que os reclusos novos tomem atenção”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Cada preso tem o seu percurso...quem tem carreira boa é mais beneficiado, não com bens, mas com palavras mais doces dos guardas e os grupos que se tornam mais violentos, os guardas nunca olham para eles da mesma maneira que olham para nós”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Psicológicas, havendo problemas psicológicos também vão atingindo as físicas...as duas coisas ajudam a que a vida não seja muito fácil”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Acordo, às vezes nem se dorme, só com comprimidos senão anda-se toda a noite a bater...depois vou trabalhar e de dia paga-se quando não se dorme de noite...trabalho na lavandaria. Às onze e meia almoço...há quem vá para a cela da meia hora às duas, eu às vezes também fico porque não me correu bem o dia, já se sabe é cadeia....vou trabalhar...à noite jantar e às sete horas fecha a cela e cama...ao fim de semana as regras são iguais, mas eu e os mais velhos aproveitamos e ficamos na cama até às onze e meia, aproveitamos porque cá fora é muita confusão já se sabe”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Já, as visitas são muito importantes, sempre tive muitos amigos, vem muita gente visitar-me...os contactos são regulares e muito importantes”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Não é fácil...é difícil estarmos sempre na dúvida que se mudarmos se calhar pode ser pior, então vamo-nos limitando a ir passando o tempo aqui da melhor maneira, os comportamentos sem dúvida que são assertivos, porque já viemos com a educação de fora”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Continuava a ter uma vida boa porque tenho uma família, tinha o meu trabalho, tinha os meus amigos...”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Sim penso um dia que saia, ajudar os meus filhos”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Tenho coragem senão não atinjo os objetivos”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Homicídio qualificado”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“O facto de já ter cometido um homicídio depende das circunstâncias, se não fosse eu do outro lado, era do outro lado para mim, houve muita história má que faz com que por dentro eu possa estar tranquilo...conheço homens que cometeram homicídios que estão muito piores que eu, falam muito connosco do arrependimento, há aqui muitos homicidas, infelizmente há muitos”.*

#### **4ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e oito anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e dois anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Primeira classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Dez anos”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Não compreendo essa palavra...a velhice é quando uma pessoa deve ser respeitada em tudo olhando à sua idade”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Há cinco anos”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Quinze anos...”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Significa que aqui dentro é uma escola. Devia haver cadeias só para jovens. Uma pessoa aprende coisas que nunca passou pela cabeça. Para mim é uma aprendizagem. Sinto que cometi um crime e que devo pagar por isso, mas não durante quinze anos! Vou acabar aqui dentro...”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“A primeira vez foi horrível, não sabia o que havia de fazer à minha vida. Desta vez não foi tão difícil como da primeira”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não fazia distinção”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Meter-me no meu caminho, não ouvir este nem aquele...agora faço o mesmo”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sim, mas não tenho ninguém que me faça mal, mas o facto de estar na cadeia, uma pessoa está sempre preocupada”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Como...vou para a beira da minha porta e depois vou para dentro...estou numa cela individual”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Na cela à noite”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“A droga, aqueles que a consomem...causa stress porque muitas vezes eu vejo porrada disto e daquilo e a mim também me influencia”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Antes estava a trabalhar, nas vindimas...vivia pouco mais ou menos...passava cheques sem cobertura ou então ia cobrar os já passados, tinha uma boa saúde também...agora, acho que tenho uma cultura maior, tenho a minha reforma, reformei-me depois de ter sido preso e tenho a minha saúde mais ou menos controlada”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Mudou muito, estou muito arrependido, se fosse hoje não estava mais preso, sou diferente...para melhor”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Tinha medo e acho que as pessoas também o têm”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Gostava que muito povo soubesse lá fora que muitos são criminosos e outros estão aqui por azar e haviam de dar uma oportunidade a essas pessoas que se calhar roubaram para comer, porque isto da cadeia, muitos não têm direito a nada.”*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Há diferença dos mais velhos e dos mais novos...respeitam os mais velhos...muitos respeitam os mais velhos tendo mais consideração...é muito importante isso”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Andam direitinhos, não se vêm a meter-se em coisas...ajudam os mais novos com conselhos e*

*experiência de vida. Até nos jogos é diferente, os mais novos jogam à bola, os mais velhos às cartas”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Os mais velhos, até pelos guardas são mais respeitados. Têm uma certa consideração por eles.”*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Ter deixado de me entreter com qualquer coisa, como por exemplo arrancar umas ervas...sinto revolta...muita! Gostava de me sentir mais útil...Aqui é só comer, escola, recreio, é uma rotina...já me lembrou de pôr a corda, era mais útil lá fora...a comida também não é por aí além...”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“É acordar, limpar a cela, tomar banho, fazer a barba, tomar o pequeno-almoço e a medicação, ir para a escola, almoçar, recreio (jogar dominó ou cartas), jantar e cela”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Já, costumo receber as minhas companheiras, as minhas filhas e as minhas irmãs aos fins de semana e todos os dias lhes ligo...mas não gosto de visitas porque depois fico mais em baixo quando se vão embora”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Normal, sempre igual, não me meto em confusões”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Era capaz de estar melhor em tudo, muito pessoal dava-me trabalho”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Os objetivos que tenho são abrir um tasco para me entreter a mim e às minhas filhas e receber o dinheiro de França”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Penso sempre no juiz...que me dê uma oportunidade para me deixar ir embora a meio da pena”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Passei cheques sem cobertura “*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Não tive apoio nenhum de ninguém quando saí da cadeia e um amigo meu deu-me um livro de cheques”.*

## **5ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Setenta anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e dois anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Terceira classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Doze anos e seis meses”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Envelhecimento é uma pessoa de idade, idosa, que já deu o que tinha a dar...a velhice...é mau”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Desde 2005...há sete anos”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Vinte anos...lido mal...sou visitado pela minha filha e o meu netinho...mas já me conformei, eles é que mandam”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“A gente não está fechada, anda aí...não sei...não reajo nada, mas vejo-me à rasca quando quero fazer isto ou aquilo”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Senti amargura...eu sou daqui da beira, passava aqui todos os dias...”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não...considerava-me igual”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Ia tomar um cafezito de vez em quando para me adaptar ao ambiente”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Não tenho problemas nenhuns, dou-me bem com todos”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Tenho receio de pedir para fazer a cama...mas nada em especial”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Em qualquer sítio...é igual”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“A massa que anda por aqui...e o dinheiro...”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Antes trabalhava sempre, sempre, sempre, vivia bem, a minha vida era boa, tinha uma casinha...já sofria da coluna...e era culto e informado, trabalhava...agora olhe, começou a vir a minha reforma, estou estável, a reforma é boa, a saúde é boa, custa-me um bocado mas vou bem...em relação à cultura é que não melhorei nada”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Não me considero uma pessoa diferente”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Eu passava aqui muitas vezes e dava-me bem com alguns, tinha pena deles...os outros que estão lá fora também têm pena, penso que sim”.*  
**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Que nunca façam por cair nas favelas”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Somos todos iguais mas os mais velhos têm que ter mais respeito...sou muito respeitado, é importante”:*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Os mais velhos jogam ao dominó e os mais novos à bola”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não há benefícios”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Custa fazer a cama”:*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Acordo, às oito horas venho para baixo, não tomo pastilha, vou para o bar tomar café, depois almoço, vou para o bar e estou pelo corredor a jogar dominó ou pinto”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Com as minhas filhas e a minha afilhada...estou triste porque não tive visita este domingo”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“É bom, comporto-me bem”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Era bastante melhor, nem sei dizer”.*



**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Não tenho, sou velho, fiz a minha casinha bonita, agora olhe...”*.  
**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?**  
Não se aplica.

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Homicídio qualificado da esposa”*.

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“A minha mulher matou-se basicamente, ela estava nua e levantou-se para ir ao quarto de banho, eu ouvi um estrondo e levantei-me e peguei nela e pu-la em cima da cama, ela só dizia óh mor, óh mor, ela estava no chão e eu pu-la na cama o que é que eu havia de fazer? Ela matou-se, ela deu um tombo, deu com a cabeça no chão com força no cimento”*.

### **6ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Setenta e três anos”*.

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e três anos”*.

**Qual a sua escolaridade?** *“Sexto ano”*.

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Sete anos e alguns meses”*.

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“O envelhecimento quer dizer que a gente acaba, vai acabando...e a velhice significa que a melhor idade já passou”*.

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Faz dez anos em agosto”*.

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Dezassete anos...pronto não podia fazer nada, que remédio senão aceitar”*.

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Significa muita coisa, a gente não tem contacto com o exterior...com a sociedade...envelhece mais depressa porque não sai daqui de dentro, estamos fechados, não tenho com quem falar e distrair...é uma memória fechada e parada”*.

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Senti-me mal, senti-me privado da liberdade”*.

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Sentia-me igual a eles, estamos debaixo da mesma telha, do mesmo ramo”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Pedi para ir trabalhar e agora ainda trabalho no parque dos carros...fora da cadeia”.*  
**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sim, é a coisa mais importante que temos”:*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Respeito toda a gente para ser respeitado”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Quando estou a dormir”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Não vejo a família, não vejo ninguém...de dois em dois meses vou a casa...não tenho visitas devido ao transporte”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Antes a situação económica era e continua a ser boa, mas era melhor antes...desde que entrei tornei-me mais culto”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Eu sou diferente porque estou privado da liberdade, de resto sou o mesmo homem que era antigamente”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Pensava que fizeram mal e que tinham de ir para a prisão. Não sei que dizer acerca disso porque cada um é como quem é, tomara a muitos aqui não ir lá para fora”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Gostava que soubessem como é aqui. Eu não sei responder a esse ponto, para isso a sociedade tinha que vir aqui dentro ver como é”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Todos iguais, não há distinção, tanto vale”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Não são mais respeitados”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não há”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Muitas...por ter a idade que tenho, tinha todo o conforto lá fora”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Trabalhar, venho para dentro, espero por comer, depois vou para a cela e sou fechado porque quero...é tudo”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“De dois em dois meses vou a casa, não recebo visitas porque não há transportes”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Tenho um bom comportamento”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Muito melhor, era outra que não é agora”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Sim...tenho...poder viver acompanhado...poder ir passear”.*  
**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Faço tudo por tudo para não ser castigado e ir embora o mais depressa possível”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Homicídio”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Mal...não havia de ter feito o que fiz, mas o álcool assim o permitiu”.*

### **7ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e cinco anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Cinquenta e sete anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Quarta classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Seis anos e nove meses”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“O envelhecimento são os anos passados...a velhice é a pessoa que não se move bem pelos próprios meios, tem que andar com canadianas ou cadeira de rodas”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Sete anos e seis meses”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Catorze anos e três meses...faço meio tempo de pena em julho...tudo bem”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“É uma tortura, estou privado da liberdade...mas dou-me bem com todos, não me falta nada”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Fiquei furioso porque foi uma coisa não premeditada”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Considerava-me diferente pelo crime que cometi”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Fui sempre uma pessoa calma, nunca fui agressivo com os colegas e atualmente mantenho-me na mesma”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Assim-assim, nem bem nem mal”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Não faço distúrbios”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Em todo o lado...estou sempre seguro...quando não me meto em confusões estou seguro”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Nada”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Economicamente estava estável...lá fora a saúde era boa...agora já fui operado, foi-me amputado um dedo, economicamente estou mais ou menos...em relação à cultura continua igual”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Sou igual, há sempre coisas que mudam...o comportamento”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Não fazia uma pequena ideia...mas acho que a sociedade tem uma imagem boa dos reclusos. Têm pena dos presos”.*  
**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Que ninguém caia na infelicidade de vir para aqui”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?**

*“É tudo igual, todos se respeitam uns aos outros”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?**

*“Nenhum”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não existe”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Tenho a visão diminuída, devia haver mais iluminação e mais consultas, deviam dar resposta aos nossos problemas”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“É normal, trabalhei na sapataria, agora trabalho na agricultura, mas agora estou de baixa por ter estado hospitalizado em setembro”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Sim, muitas vezes, já tenho precárias desde 2010...de três em três semanas vou a casa, tenho muita família lá fora e amigos, é importante”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Assim-assim, foi sempre igual, tive sempre um bom comportamento com os colegas, com os guardas, com os chefes, todos”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Era sempre uma vida normal, tinha sempre trabalho”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Ai não, não, agora já não, agora vai ser para descansar, estou reformado já, o que vou fazer com 65 anos?”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo? A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.**

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Homicídio qualificado”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Interpreto que uma altura eu não saía de casa e estava a discutir com a minha ex esposa e ela disse que não foi ela, mas venderam-me o meu trator, venderam tudo e começou daí...e sim arrependo-me, já não tenho o prazer de ter uma esposa ao meu lado”.*

## **8ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e cinco anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Quarenta e sete anos”.*

**Qual a sua de escolaridade?** *“Quarto ano”.*

**Quanto tempo de pena que falta cumprir?** *“Dez anos aproximadamente”.*

**O entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Envelhecimento é estar mais perto da morte...a velhice não sei”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Completei quinze anos de pena em dezembro de 2012”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Vinte e cinco anos...mas quando completar dezasseis anos de pena, em dezembro de 2013, vou ter liberdade condicional...foi com muito custo, vou vivendo o dia a dia, tive a primeira precária só ao fim de dez anos”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“É horrível”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Quando vim preso chorei muito, passei muita fome...estive no pavilhão de segurança oito meses para ninguém me fazer mal...e trabalhei sempre no estaleiro de móveis”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Era igual a eles”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?**

*“Recebia visitas da mulher e dos filhos, dos meus pais, chorava muito”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Ninguém me faz mal, tenho muitos amigos”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Tenho um bom comportamento, normal de um homem...respeito”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Sempre, em qualquer lado”.*

**Na sua perspetiva, que tipos de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“O pensar em chegar ao fim da pena ou aos dois terços e ver se vamos embora ou não”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Antes era muito rico, tinha duzentos mil contos no banco, uma vivenda com piscina, parque infantil e a saúde lá fora era boa...agora roubaram-me tudo, depois de já estar preso...assinei uma procuração e tiraram-me tudo...e tenho muito menos conhecimento. A minha saúde está pior, já fui operado à próstata”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“O que eu era lá fora e o que eu sou aqui dentro...sempre fui educado, responsável...”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Tinha pena deles, conforme eles agora têm pena de mim, a sociedade também tem...há muitas injustiças na lei”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Não se saberá, só se viessem presos, gostava que pensassem na nossa alimentação, comemos muito mal, gostava que a população soubesse o que é uma cadeia”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?**

*“Há um respeito mútuo”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?**

*“Os mais novos respeitam-nos muito”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“É tudo igual”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“A alimentação”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“É passado no estaleiro de venda de móveis ao público, estou lá todos os dias, inclusive feriados e fins de semana”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“De dois em dois meses tenho precárias, estou com os meus pais, filhos e netos...mas não quero visitas, os meus pais já estão muito velhinhos para virem aqui...mas telefono duas vezes por dia, é muito importante”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Tive um comportamento sempre igual, respeito toda a gente, inicialmente foi mais difícil”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Era muito boa, perdi milhares de contos e uma família que era importante para mim”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Sim, ter a minha reforma aos sessenta e cinco anos e arranjar trabalho no café do meu irmão”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Com muito custo, umas vezes com maus e outras com bons pensamentos”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Fui acusado de ser mandante de um crime, que consistiu no incendio um bar de alterne em Amarante, no qual morreram treze pessoas. Quatro homens foram a prova contra mim”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Eu não fiz nada, fui enganado”.*

## **9ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e sete anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e cinco anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Nono ano...tenho um curso de industrial e atualmente estou a fazer o décimo ano”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Três anos e três meses”.*

**O entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Envelhecimento é uma questão de idade, ter mais idade, à medida que os anos passam as pessoas vão ficando mais velhas, com mais*



*dificuldade em conseguir emprego e doenças a afetar as pessoas...a velhice é quando já se está num estado de idade avançada”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Quarenta e três meses (três anos e sete meses)”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Inicialmente a sentença foi de trinta meses de vigilância eletrónica, mas quebrei as regras e fui condenado a sete anos de prisão efetiva...conformei-me em relação ao crime, encarei como um castigo justo”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“É custoso e toda a gente deve pensar bem nas consequências dos delitos, o desligamento da família...”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Triste, bateu-me mais a questão do erro”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não, não, nunca tive muita ligação com os outros presos...sinto orgulho na escola por ser o mais velho e ter melhor aproveitamento”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?**

*“Procurei nunca me meter com ninguém, nunca criar conflitos, andava na minha praia até arranjar umas quatro ou cinco pessoas com quem dialogar...tentei dar-me mais ou menos com os companheiros de cela, passei muito tempo na cela”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Não, não tenho razões para isso até ao momento”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Respeito as pessoas, obrigo as pessoas a respeitarem-me a mim”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Em qualquer lado e a qualquer momento”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“O tempo de pena...quando uma precária não é concedida”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Agora economicamente a minha situação está melhor porque me reformei...antes tive uma boa*

*estabilidade económica, tive sempre um salário acima da média...em relação à cultura aqui tenho mais porque ando na escola”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua percepção acerca de si mesmo?** *“Antes nunca pensei ser capaz de chegar a uma situação destas, custou um bocado...foi uma mudança negativa, mas com as coisas más também se aprende para não voltar a repeti-las”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Nunca pensei, achava que estar na prisão era mau, mas só estava preso quem tinha feito muito mal. Hoje vejo que há pessoas que fizeram muito mal e outras que nem tanto. As pessoas vêm tudo pela mesma bitola”.*  
**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Que no fundo a própria vivência na prisão não é assim uma coisa tão má, um bicho de sete cabeças como se pensa. A maioria das pessoas tem uma ideia muito negativa”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Respeitam um bocado mais as pessoas idosas...acho bem... porque os idosos não têm as mesmas possibilidades de se defenderem, como têm aqueles que são mais novos”.*  
**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Não há uma hierarquia”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não vejo benefícios”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Nenhumas”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Acordar, fazer a higiene, tomar o pequeno-almoço, tomar café no bar, ir para a escola, almoçar, descansar, ir para a escola, ir para a cela buscar os talheres, jantar, tomar café, conversar, deitar, ver televisão e dormir”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Sim de quinze em quinze dias...faço telefonemas regulares, é importante...custou muito no princípio”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Cumprir sempre estritamente as regras do estabelecimento”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Uma vida muito mais feliz”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Viver o resto da vida sem problemas e sem complicações, arranjar um género de trabalho de reparador de máquinas”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Procuro pensar que isto aqui não é para sempre, há de ter um fim”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Guardar droga...ainda não tinha idade para me reformar, a junta médica não me deu a reforma, independentemente da doença...tive um amigo que me fez uma proposta para ganhar dinheiro. Desde os meus dezassete anos que nunca me faltou dinheiro e chegar a uma altura que falta...é complicado.”*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“É mau, todo o crime é mau”.*

### **10ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Setenta e um anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Não me lembro”.*

**Qual a sua escolaridade:** *“Quarto ano do ensino primário”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Não tenho a minha situação definida”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Velhice significa perder as forças e a saúde”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Não me lembro”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Não me lembro”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Não me lembro”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Nem me lembro já”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade?** *“Não tenho nada a declarar”.*

**Considerava-se diferente?** *“Não me considero diferente, mas sinto vontade de ser melhor no futuro”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Não sei responder a isso”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sim”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Sinto-me seguro, nunca senti nenhum tipo de insegurança...a cela é o nosso espaço”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Sempre”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Não sei”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Atualmente, em termos económicos estou reformado e faço a minha vida dentro disso. De vez em quando dou uma ajuda à minha companheira”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Na prisão não há nada que nos leve a ser melhores, tem que ser por nós próprios, aliás, só se aprende a ser piores”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Não sei”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Não sei”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Não sei”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Não sei”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não sei”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Não sei”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Tomo o pequeno-almoço, vou para a sala até as onze e meia, jogo damas e fico por lá entretido”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Tenho a visita da minha companheira que já está velhota e doente mas liga-me todos os dias”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Percurso normal, não tenho castigos. Passei anos e anos a trabalhar cá dentro, à frente de um escritório mas há três anos que deixei, estou reformado”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Não sei”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Nesta altura da minha idade já não tenho grandes perspetivas para a minha vida, só quero ser melhor para a sociedade”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Não sei”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Assalto de uma estação de correios à mão armada”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Não comento”.*

## **11ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e oito anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“A primeira vez que estive detido foi em 1986 em Custóias, tinha quarenta e um anos...a segunda foi aos sessenta e quatro anos, fazia sessenta e cinco nesse ano”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Nunca andei na escola”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Dois anos aproximadamente”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Envelhecimento não sei o que quer dizer...a velhice é quando a pessoa está reformada, não pode trabalhar...deixou de trabalhar”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Há dois anos e alguns meses”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Cinco anos...fiquei muito triste porque não tinha nada a ver com esse caso”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“É ser um escravo e ter uma mulher com oitenta e cinco anos acamada em casa”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Fiquei muito triste”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Fugia de tudo, procurava senhores de idade”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Paz e agarrar-me muito a mim”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sim”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Dentro do respeito que tenho por mim e que tenho pelos outros”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Quando fecho...fujo de tudo para me manter seguro”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Para mim é quando falo com a mulher ao telefone”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Antes trabalhava por conta própria, era trolha e pintor, agora estou a tratar da reforma”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Mudou muita coisa”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Tinha medo e calculo que os outros também o sintam”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Muita gente não sabe como é...”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“É tudo igual, era importante haver distinção, principalmente quando vamos comer”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Havia de haver mais respeito”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não há grupo com mais benefícios”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“A falta de respeito, as filas para a refeição, os guardas”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Estar na cela e sair para telefonar e para as refeições”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Sim, todos os dias telefono três ou quatro vezes por dia...a minha mulher também vem cá...e a minha irmã vem de quinze em quinze dias”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Nunca tive castigos nem nada”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Estava feliz, tinha uma vida bonita e uma mulher em casa como sonhava”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Sim, quero ir para fora com a mulher viva para lhe dar conforto...ter trabalho”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Ter respeito mesmo que não tenha”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Tráfico de droga”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Com revolta da traição que não merecia”.*

## **12ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Setenta e dois anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Tinha sessenta e nove”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Oitavo ano”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Quatro anos”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“O envelhecimento é quando a gente já passou um certo número de anos...a velhice é o tempo passado”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Há dois anos e meio”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Seis anos e meio...tive que me conformar, fui mal interpretado e avaliado por juízes”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Foi o pior que me podia ter acontecido, estava bem na vida...”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“De rastos, senti-me humilhado”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não me considerava diferente...esperava encontrar gente que me respeitasse”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Dantes passava o tempo a ler...agora vou à ginástica, faço desporto duas vezes por semana, à tarde leio e vejo televisão”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Até à data tenho sido mais respeitado aqui”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Ocupo-me de mim, sou de poucas falas, dou pouca confiança”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“É igual”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“O stress de estar preso”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“A minha situação económica era estável, tinha ameaças de problemas de intestinos...agora economicamente continuo estável, mas sinto-me mais culto”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Sinto-me profundamente humilhado”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?**



*“Não tinha ideia nenhuma...as pessoas imaginam que os reclusos são perigosos”.  
O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam? “Que nem todos os reclusos são perigosos...há crimes simples e que quando saem não têm trabalho”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Há rapazes novos que respeitam os mais velhos, outros que não”.  
Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional? “Nós os mais velhos, pelo pessoal da prisão, somos tratados por igual”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não me apercebo de nada”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Nenhumas”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“É acordar, tomar o pequeno-almoço, ir ao ginásio, tomar banho, almoçar, vou ao bar, leito, vejo televisão e vou comer...ao fim de semana é igual”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contactos? E o que representam para si?** *“Tenho visitas semanais”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Sempre igual”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Tinha uma vida boa...feliz”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Dedicar-me à minha família mais próxima”.  
Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?* *“É a família que está pronta a ajudar”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Homicídio qualificado na forma tentada...fugi durante doze anos ao perigo... Porque o perigo ameaçava-me durante algumas décadas e a pessoa em causa continuou a perseguir-me e a tratar-me mal... o dia que deu origem ao crime que eu cometi foi ela que se fez a mim, uma mulher que tinha sido minha esposa e eu divorciei-me dela. E ela fez-se para mim com uma arma de lavoura e eu tirei-lha e depois correu mal para ela. O que se passou é que ela comprou parte da justiça e o advogado...e o advogado que eu tinha vendeu-se...claramente.”*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Interpreto que foi uma ameaça constante da mulher para mim, porque eu estava casado e tinha umas propriedades e ela não tinha direito a elas. Eu tinha comprado um terreno e fiz uma casa e ela só tinha direito a isso. Depois havia um bocado de dinheiro e tínhamos duas filhas. Fiz tudo para gastar esse dinheiro em proveito das filhas. Depois, no fim, quando fui com o processo de inventário para a partilha da casa, ela queria exigir o dinheiro que eu tinha gasto com as filhas e claro, eu justifiquei que o tinha gasto com as filhas e o mal dela foi não me poder pegar doutra maneira. E fez-se para mim para me bater e eu não deixei.”*

### **13ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e oito anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Cinquenta e cinco anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Terceiro ano”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Catorze anos”.*

**O significado de envelhecimento e de velhice, na perspetiva de cada indivíduo:** *“Não sei...”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Doze anos e seis meses”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Vinte e seis anos, quatro meses e quatro dias...reagi muito mal”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“São muitas dores de cabeça...não estar perto da família, tenho um filho toxicodependente, precisava estar lá fora e não estou, para pôr aquilo em linha”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Os colegas...estou na camarata, estou junto com mais três e vamos conversando, vai passando”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Diferente...em tudo”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Ajuda da família, da visita. Aqui não me ajudam nada, tenho dito. A precária já é a*

*sétima que meto, vamos a ver a ver se agora a advogada me manda, me ajeita a ir com liberdade condicional, estou próximo”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *”Preocupo-me”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Estou na sexta secção, num pavilhão à parte. Naquele pavilhão não há retaliações de ninguém, cada qual cumpre a sua pena e mais nada”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Naquele pavilhão sinto-me mais seguro, a qualquer hora do dia”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“É de vez em quando os guardas aí... há guardas aí que não vão com a minha cara e às vezes vinha o chefe de sala...não me deixam passar por aqui, querem que vá pelo pavilhão para eles me baterem...que eles batem-me”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“A situação económica não era estável, metia-me muito no vinho. A coluna, tenho artroses, tenho o L3, o L4 e o L5 danificado. A minha mulher estava doente dos pulmões. Era só eu a trabalhar, de vez em quando a fazer biscates. Atualmente estou igual, mas reformado”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Sou diferente. Estou arrependido. Sinto que foi tudo à base de medicação e álcool, que fazia essas... algumas até telefonava para a escola, para fazer o serviço e eu dava dinheiro. Agora estou diferente, para melhor”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Nada, não pensam, não têm família cá dentro, não querem saber”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Gostava que eles viessem para cá, para saberem o que custa, para darem valor ao que a gente come, que é uma mixórdia”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Há diferença de mais velhos, são mais bem tratados, têm mais benefícios”.*  
**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Os mais velhos são mais bem tratados”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Os mais velhos...”*.

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Esta mão, é isto, tremo da mão. Os novos não querem saber. Anda um médico a tratar-me, a dar-me uma medicação a ver se isto passa”*.

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Passo o dia na cama”*.

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Sim com a minha mulher de quinze em quinze dias, com a minha filha e às vezes com a minha cunhada...também telefono muitas vezes”*.

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Não tenho nenhuma repreensão de nada, nada que se aponte”*.

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Estava melhor, tinha trabalho, como trolha, estava em casa com a esposa e o meu filho”*.

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Perdi a esperança”*.

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Tenho reforma...aumentou agora”*.

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Abuso sexual de menores”*.

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Estou arrependido”*.

## **14ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e oito anos”*.

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e cinco anos”*.

**Qual a sua escolaridade?** *“Quarto ano do curso industrial, falta um ano para ter a categoria de Engenheiro Técnico”*.

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Um ano e três meses”*.

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Envelhecimento...todos nós temos que envelhecer, não envelhecemos todos da mesma forma...a velhice são os farrapos”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Há dois anos e alguns meses”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Três anos e três meses...lidei muito mal mesmo”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Faz parte da vida...reajo bem, porque todos nós temos de cumprir na Terra o que está estipulado por Jesus, eu não estou aqui para cumprir o que os homens me dizem, estou aqui porque Jesus assim quis, não fiz mal a ninguém”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Um vazio, senti um vazio”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Bem, isso é uma questão de cultura, diferente não sou”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“A melhor forma é entrar no campo deles e jogar com eles. Eles faziam uma asneira, eu chamava à atenção...respeitar os guardas...respeitar a farda”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Não, sinto-me seguro”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Respeito e sou respeitado”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Sim, em qualquer lugar. Pode haver um problema qualquer de segurança, mas não tenho medo”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Não é cá dentro, é lá fora, é o stress e a ansiedade de pensar no depois”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Era mais ou menos, vivia-se. Problemas de saúde já tinha, mas estou muito pior agora”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Estou igual”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Tinha perceção do recluso aquele que rouba por*

*prazer, que mata por prazer...Há uma falta de civismo por parte da sociedade...É negativa a imagem que têm”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Que há reclusos a trabalhar para matar a fome lá fora. Que são pessoas, que somos humanos”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“São tratados todos por igual”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“São todos iguais”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não há diferenças”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“É a saúde. De resto não tenho dificuldades nenhuma”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Leio muito, não posso trabalhar”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Sim com o meu ex sócio e a minha companheira, todos os dias telefone...”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Faço o melhor possível, acima de regular”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Não sei, não sei se estava vivo, se estava morto. A vida é assim mesmo”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Muitas”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Crença espiritual, rezo o terço”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Falsificação de dólares”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Deveu-se a uma perseguição política”.*

## **15ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Setenta e sete anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena:** *“Sessenta e quatro anos”.*

**Qual a sua escolaridade:** *“Quarta classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Oito meses”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Eu envelheço e tenho muitos problemas...a velhice seria uma pessoa depois de trabalhar, passar assim o resto da vida”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Dois anos e dez meses...faz hoje trinta e quatro meses que entrei”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Três anos e meio...lido mal”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Uma injustiça porque não fiz nada”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Entreí bem, eu não fugi, porque não fiz nada. Mas foi e será sempre um mau período”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não, sou igual a eles”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Passo o dia na cela...sinto toda a segurança”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sinto-me seguro”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** Não se aplica atendendo à resposta dada anteriormente.

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** Não se aplica atendendo à resposta dada anteriormente.

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“A falta de respeito. Os mais novos não respeitam, nem os guardas, quanto mais...”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Era estável...a saúde está mal, o acidente a mim pôs-me mal...sou mais culto que muitos que estudam”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Não mudou nada, sou a mesma pessoa”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Quem faz tem de pagar...nós da nossa idade devíamos estar num sítio à parte”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“A sociedade devia saber que quem vem para aqui sai pior do que entrou”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Não me apercebo disso”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** Não se aplica atendendo à resposta dada anteriormente.

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** Não se aplica atendendo à resposta dada anteriormente”.

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“A saúde”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Como na cantina...vou ao banho de manhã”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Tenho apoio familiar e recebo visitas semanais da esposa e dos filhos e ocasionais doutros familiares e amigos”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Foi sempre igual”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Andava a construir na Venezuela, tenho lá dinheiro que já não vou receber”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Vou-me meter um mês sem ver ninguém”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** Não se aplica atendendo à resposta dada anteriormente.



**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Homicídio por negligência”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Injustiçado...foi uma injustiça porque não fiz nada”.*

### **16ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e oito anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e quatro anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Não andei na escola”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Três anos”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Não sei, não entendo, desculpe mas não sei, não posso responder”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Três anos, completados em outubro de 2012”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Seis anos”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Ui é um inferno, já me morreu a mulher desde que cá estou”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Sabe Deus como me sinto”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Exato...às vezes até me batiam...”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Estive na escola...”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Não”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** Não se aplica esta questão atendendo à resposta dada pelo entrevistado.

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** Não se aplica esta questão atendendo à resposta dada pelo entrevistado.

**Na sua perspectiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Não sei”*.

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Era estável economicamente...a saúde já estava mal”*.

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Considero-me a mesma pessoa”*.

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Não tinha ideia nenhuma...não sei o que os outros pensam”*.

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“O que interessa é o respeito”*.

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Somos todos iguais, não somos mais respeitados pelos mais novos...nem pelos guardas”*.  
**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Não sei responder”*.

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não sei responder”*.

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“A dificuldade é o que se passa lá fora...a dificuldade é essa”*.

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Aqui não faço nada...estou sempre na cama”*.  
**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Já, por visitas, todas as semanas e telefone todos os dias”*.

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Respeitei as regras, foi sempre igual...nem castigos, nada a dizer”*.

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Sei lá, não sei se era melhor, se era pior”*.

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Tenho, só quando morrer é que deixo de pensar nisso...”*.

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Lá fora tenho terrenos, tenho animais, é o que vou fazer”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Sequestro de um cego”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Não sequestrei...como é que eu ia fazer mal a um cego?”.*

### **17ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Setenta e quatro anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Setenta e dois anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Quarta classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Três anos e seis meses”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“É da idade...há pessoas que estão velhas e com pouca idade...o ser velho pela idade, isso consta-nos a nós todos”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Faço um ano em janeiro”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Quatro anos e seis meses”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Dentro da realidade, fomos mal encaminhados e mal preparados pelos advogados”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Encontrei-me muito mal com a situação, embora fôssemos muito bem tratados, mas nunca estive preso na vida”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Aqui pouca gente tem a minha idade...não me considero nada diferente”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Conviver”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sim”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Nada”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Sinto-me seguro, em qualquer hora do dia”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“É uma situação que a gente está conformada com a pena que tem a fazer...como temos sempre esperança de ir para fora...”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Não estava muito mal, não tenho grandes vícios, não fumo, nada disso...tenho problemas de saúde, na próstata, embora estivesse controlada...estou agora metido no TIC de computadores, aprendi cá também a regra dos três simples, que na quarta classe não davam isso”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Não, eu era igual. Só a nível de aprender cá o que aprendi, mais nada”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo?** *“Não, nem sabia avaliar isso.”*

**Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Naquele tempo, antes de ser preso, dizia que era uma vergonha uma pessoa ser presa, hoje em dia, é fácil ser-se preso”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“É mau, é mau isto”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Consideram tudo igual...há algum respeito pelos mais velhos, os guardas também respeitam”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“É ser preso... nada me agrada derivado à minha mulher que também já tem muita idade...está sozinha durante o dia e faço-lhe muita falta”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Na manhã, parte dos dias é a trabalhar, da parte da tarde também, TIC é só uma vez por semana, Inglês também uma vez por semana”.*

**Já teve oportunidade de contatar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Todos os fins de semana...a minha mulher, filha, nora e telefone todos os dias”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Estou aqui dentro, a andar, não estar muito parado, respeitar sempre as regras, em primeiro lugar isso”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Estava livre, era melhor...estava livre”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Sim”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“A idade às vezes não facilita o que a gente quer fazer”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Homicídio qualificado”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Eu sinceramente custa-me e somos obrigados a dizer que fomos nós que o matamos, não houve intenções de o matar...tivemos de sofrer as consequências”.*

### **18ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Setenta e quatro anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Setenta e três”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Doutorado em Direito Fiscal”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Dois anos, vamos a ver”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Há dois conceitos que tenho de envelhecimento, cronológico e intelectual. Cronológico que se baseia na idade efetiva, o outro, é como a pessoa se sente na vida. A velhice tem uma conotação diferente a pessoa que seja mesmo velha e que tenha uma capacidade diminuída”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Há dois anos aproximadamente”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Cinco anos de prisão, perdoaram-me um ano de prisão...tenho pena de quatro anos de prisão”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Para mim é um tormento muito grande, não propriamente por uma questão de liberdade, de estar num espaço limitado... É o não poder estar em contacto com as pessoas que gosto, os amigos que tenho, frequentar os espetáculos que gosto de frequentar e fazer os estudos a que me dedico...”*.

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Mal, por isto tudo que já lhe disse, mas depois procuro superar”*.

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Sim, sim, na minha idade aqui há poucos, agora não estou aqui na parte central, mas são quase todos mais jovens que eu, só há um mais velho do que eu. Não há com quem falar, a idade é um obstáculo e depois a parte cultural. A diferença é abissal”*.

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Eu tenho um escape, estou sempre a escrever e trabalho 10 a 12 horas por dia, escurpulosamente. Neste momento é impossível cumprir as encomendas de livros que tenho...não tenho tempo”*.

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sinto-me absolutamente seguro, em todos os locais”*.

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Eu compreendo que o que vou dizer exista, choca-me, mas compreendo que exista...eu gostava de não estar em filas, para comer, para a enfermaria, eu gostava muito disso...quando não estava na casa Santo André<sup>3</sup>, as grades, os horários, choca um bocado”*.

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Continuo a fazer o que fazia, a falta de contacto com a editora, com escritores, de direito, de literatura, faz-me muita impressão. De saúde, tenho um bloqueio cardíaco e sinto receio de ter algum problema aqui dentro. Já tive um AVC em tempos, não detetado e sinto receio se acontecer alguma coisa.*

---

<sup>3</sup> Edifício integrante do Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo (masculino).

*A situação económica é muito má, porque a família depende de mim e, posso dizer que a minha mulher é muito doente...ela vive neste momento na miséria e, isto dói muito”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua percepção acerca de si mesmo?** *“Não, penso que não. Estou muito arrependido, mas não mudou”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Eu tinha uma visão humanista, portanto ser recluso não significava algo que estava enclausurado e como era advogado, tinha contacto. A sociedade tem uma imagem negativa, quer durante a pena, quer depois, para arranjar empregos...”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Eu acho que devia passar para o exterior algo diferente do que passa. O facto de estar preso não significa o fim da vida”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Um bocadinho, os mais velhos são mais respeitados”.*  
**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Não há destaque”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não sinto grandes benefícios”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Sim, quando estava aqui no pavilhão, estava com pessoas mais novas, mais barulho, agora onde estou, é mais calmo”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Leitura e escrita”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Sim, família e colegas, mas principalmente a minha mulher e telefone duas e três vezes por dia”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Tem sido bom”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Muito diferente, para melhor”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Sim, tenho uma promessa, para ir dirigir uma secção de uma nova editora de e-books”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Escrita”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Abuso de confiança e burla qualificada agravada”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Má, foi um momento mau na vida. Não foi um crime violento de sangue, mas foi violento noutro aspeto. Estou profundamente arrependido e estou a procurar ressarcir a pessoa que lesei”.*

### **19ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Setenta e três anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e seis anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Quarta classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Dois anos e seis meses”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“É uma pessoa que fica mais velha. Velhice é a pessoa cada vez ir envelhecendo mais, ficando mais madura. É o fim da vida”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Há seis anos”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Oito anos e meio...achei que foi demais. Conformei-me mas achei que foi demais.”*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Vai modificar a maneira de viver. Se fosse quando fosse novo, às vezes a prisão não fazia mal, mas em certa idade, custa mais”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Senti-me mal. Já fui operado 4 vezes cá dentro, em 6 anos”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não fazia comparações nenhuma, aqui somos todos iguais”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Gostava de trabalhar, era a minha profissão, por isso fui para a oficina”.*



**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sinto-me seguro, a qualquer hora e lugar”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Nada, é uma cadeia calma”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“A minha situação económica era má e ainda hoje é, cada vez mais. A saúde era boa e continua boa...na cultura, estou pior”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Mudou muita coisa, para melhor, estou diferente”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Que eram pessoas como as outras, os que estão presos, estão à vista de todos, mas cá fora estão outros que são piores”.*  
**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Não há nada de especial”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“É tudo por igual. Os mais velhos se meterem na sociedade dos mais novos, são iguais. Não há benefícios, há menos respeito pelos mais velhos”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Nenhumas, sou respeitado por toda a gente, como respeito toda a gente”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Não faço nada... estou na casa de Santo André, mas não faço nada, já trabalhei de mais”.*

**Já teve oportunidade de contatar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Sim, com a família, todas as semanas. Telefono todos os dias duas vezes”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Não deram valor ao que fiz, aqui na prisão...gostava de um pouco mais de respeito”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Uma vida normal”.*

**Ainda possui expetativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Não...vou passear”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Nada”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Abuso sexual”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Um falhanço...pesa-me, porque às vezes penso, como é que eu falhei?”.*

## **20ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e cinco anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e quatro anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Décimo segundo ano”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Quatro anos”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Uma coisa totalmente natural do ser humano. Velhice, eu ainda sou um bocado agarrado aquele ditado de que velhos são os trapos”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Seis meses”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Quatro anos e meio”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Considero isto um acidente de percurso da minha vida, é a primeira vez que tal me acontece. É uma fase negativa da minha vida”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Senti-me chocado, mas vinha mentalizado”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não me considerava diferente, eu vim-me entregar voluntariamente e tinha informações do que era uma vida de cadeia. É evidente que houve choque, mas é uma coisa que se supera”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“O que fiz foi mentalizar-me, adaptar-me o melhor possível...estou a participar em várias atividades”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Eu acho que nunca pensei muito nisso, sinto-me seguro, numa ala de gente boa”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** Não se aplica atendendo à resposta dada anteriormente.

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Qualquer altura e qualquer local”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Há sempre uma ansiedade por estar preso”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“A minha situação era estável, a minha saúde tem algumas condicionantes devido a artrite reumatoide e aqui já fiz uma consulta externa, estou a tentar ficar nos serviços de reumatologia do Hospital de São João. A minha cultura mantém-se e inclusive, incuto a outros o que posso”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Não mudou, eu considero que foi um momento um pouco irrefletido da minha vida, tem a ver com crime económico, não houve violências”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Eu vi sempre o preso como um ser humano, tem de ser responsabilizado, vi-o sempre com um tratamento normal que deve existir, a sociedade não”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Penso que devia ser mais benévola com os presos, com a reinserção dos presos”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Não o sinto, pelo menos no local onde estou, o ambiente é bom, não vejo a situação... noto sempre uma preocupação para com as pessoas com mais idade, mais respeito por elas”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** Não se aplica atendendo à resposta dada anteriormente.

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Benefícios não, há um tratamento mais respeitoso, mas não benefícios...há consideração”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Não sei...”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Acordo, pequeno-almoço e são horas de ir para a lavandaria. Depois durante o almoço vejo o telejornal, aproveito para passar algum tempo com os colegas de camarata. À tarde, vamos novamente para o trabalho, jantar e telefonema para a família. E depois biblioteca e são horas de encerramento. Fins de semana o que mais anseio são as visitas dos familiares”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Todas as semanas tenho as visitas de familiares e amigos”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Procuro ter um percurso exemplar...procurei ocupar o meu tempo o mais possível”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Não teria talvez a família a ser tão sacrificada”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Tudo pode acontecer, política nunca mais, é possível que enverede pela reforma”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?”***Saber que tenho as minhas duas filhas em situação de emprego estável. Tenho esperança que tudo se mantenha”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Peculato, gestão danosa como presidente de uma junta de freguesia”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Eu cometi esse crime numa hora má da minha vida privada e pensei que ao fazê-lo não havia problemas porque ia controlar e repor, mas não foi assim”.*

## **21ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e seis anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e um anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Sétimo ano do liceu antigo”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Um ano e seis meses, até junho de 2014”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Para mim, envelhecimento é a passagem dos anos. Por velhice, para mim é quando chega a um ponto em que já se depende dos outros”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Em março completa quatro anos”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Cinco anos e quatro meses...na altura, não lidei bem, os primeiros meses foram muitos difíceis de suportar isto...também estou detido porque sou culpado”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Morrer aos bocadinhos e envelhecer...”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Foi uma mudança muito brusca e foi um bocado difícil, até porque me considero uma pessoa ativa”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“De alguns, nem todos...aqui aparece de tudo...havia muita gente que primeiro evitava... atualmente dou-me bem com toda a gente...inicialmente retraía-me”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Tive a sorte de ir para cadeias onde me deram trabalho”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sinto-me sempre seguro”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Penso que é a falta de ocupação...tenho visto casos de indivíduos que são rebeldes, deram-lhes uma ocupação e mudaram”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Economicamente era estável, saúde também...a nível de saúde ando a tomar um comprimido para o colesterol e tenho problemas de visão...o nível de cultura diminuiu”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Eu sou eu e sempre fui eu...o que sinto atualmente que antigamente não sentia, sinto-me revoltado, com o sistema...aqui não dão valor ao preso”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Sempre fui uma pessoa que pensei que na cadeia e no hospital, todos temos um sítio, uma pessoa pode ter um azar na vida e ter de vir cá parar...quem sou eu para dizer o que os outros pensam...acredito que muita gente pense como eu”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Gostava que as prisões pudessem ser abertas, a comunicação social pudesse entrar livremente, para saberem o que se passa cá dentro”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“É tudo tratado da mesma maneira. A nível de respeito, não tenho razões de queixa de ninguém, nem guardas, nem reclusos. Acho uma injustiça não me arranjam uma ocupação, tenho de ir trabalhar”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“É quem eles querem”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“As dificuldades são todas...eu sou uma pessoa ativa”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Ocupo os dias na cama, ou a ver televisão, vou ao ginásio...os fins de semana passo na cela”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Desde outubro que não tenho visitas...por telefone, por vezes, falo com familiares”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Ninguém que me aponte nada”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Se não tivesse sido preso, já andava a concretizar muita coisa na minha terra”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Tenho”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Prometi ao meu pai que tudo o que me deixasse nunca ficaria ao abandono”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Fui apanhado com quinze gramas de heroína dentro do meu carro”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Interpreto-a mal...embora na altura pensasse que não havia nada de mal, eu não andava a vender nada...simplesmente fui comprar aquela quantidade porque tinha pessoas a trabalhar para mim numa obra que consumiam e para eles não andarem a procurar a dose deles de manhã, fui eu comprar para lhes dar a eles”.*

## **22ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e seis anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e quatro anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Nono ano”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Cinco meses”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“É a solidão, aquela fase que a gente não está com a família. Por velhice, a gente olha para o espelho e vê que é mais velho do que era”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Vinte e quatro meses”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Vinte e oito meses...não foi muito satisfatória, mas tinha de cumprir, tinha de cumprir”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“É duro, mas o que havemos de fazer?”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Senti-me abatido, nunca pensava que poderia acontecer comigo”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não...estar preso com a mesma idade que eu, é um prisioneiro como eu”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Foi arranjar trabalho, voluntariamente, comecei no algodão...depois fui pra escola”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Agora não, a gente tem de se desviar dos males”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** *“Sempre, em todos os sítios...quando é altura dos telefonemas é pior”.*

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“A altura dos telefonemas é stressante, há mais confusões”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Era estável, já tinha problemas de saúde antes de entrar, mas controlados. Economicamente a situação agora está de rastos, porque nunca mais trabalhei e enquanto estiver aqui, não há quem trate da reforma. De saúde, o comer aqui não é comer nenhum, não se come praticamente nada, por isso não tenho problemas de colesterol nem diabetes...fui sempre um tipo culto que, antes de falar, espero por ouvir”.*



**De que forma é que estar preso, mudou a sua percepção acerca de si mesmo?** *“Não mudou, qualquer um pode ir preso, com ou sem motivos, faz parte da vida”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Nunca pensei, estão presos, estão presos, coitados...uns dizem estás preso e bem preso, outros dizem, deixa lá que isso passa”.*  
**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Que soubessem dar o valor ao que é estar cá dentro...há certos presos que estão felizes de estar cá dentro, mas isso é uma loucura, que isto não é vida”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Há aí quarenta por cento de reclusos que respeitam os mais velhos, mas o resto não...os guardas respeitam”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“É tudo igual”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não há benefícios...é tudo igual”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“A alimentação.”*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Acordo, faço os meus trabalhos, pequeno-almoço e assim, depois vou trabalhar...os fins de semana são mais longos, vejo televisão, leio”.*  
**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Todos os fins de semana, a minha mulher vem cá...telefone, infelizmente não todos os dias, são muitos reclusos a telefonar”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Graças a Deus já passei uma fase muito má, mas agora estou bem...nunca tive problemas”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“A minha vida estaria muito melhor, o meu filho não deixava de estudar, a minha mulher está muito magrinha, ficou tudo a cargo dela”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Sim, ajudar o meu filho a seguir a vida, tem dezanove anos”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“A satisfação de me sentir bem e com grande ansiedade de ajudar o meu filho”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Lenocínio ...apoio à prostituição”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Interpreto que foi muito mal feito, porque não fui fiz nada, não fui eu que levei...fui apanhado numa rede...os dez meses que apanhei foi uma testemunha que disse que a ameacei por telefone e eu nunca telefonei, nem sei quem é”.*

### **23ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Setenta e um anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Sessenta e oito anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Terceira classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Trinta e quatro meses”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Não sei, não sei”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Dois anos e três meses”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Cinco anos e dois meses...não estou bem, nunca estive bem...estou preso injustamente”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“Sempre fui respeitado, lidei com muito dinheiro e nunca tive nada com ninguém...nunca fiz mal a ninguém”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Mal”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não...”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Nada...”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Não”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Não tenho queixas, sinto-me seguro...respeito toda a gente”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Na sua perspectiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Quando a bronquite aperta...”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Piorei de saúde...tenho bronquite...antes de ser preso trabalhava muito, mas estava bem, já estava reformado...sabedoria já perdi um bocado, há dias que a cabeça foge-me um pouco”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Desde que estou preso modifiquei muito, para pior”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Não tinha qualquer ideia...alguns pensam mal, outros pensam, deixá-los estar”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“As pessoas saberem tudo cá dentro também não é bom, penso eu”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Eu não tenho queixa, mas já tenho visto algumas coisas...há alguns que não respeitam”.*  
**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Não sei”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Não sei”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“O cérebro agora já não é como era”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Durante o dia estou lá na cela, venho até cá fora também e fim de semana a mesma coisa”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Tenho, o meu filho e a minha nora, sempre que podem”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Foi sempre normal, nunca tive castigos...eu respeito as pessoas”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Continuava a fazer o que fazia...andava tranquilo da vida”.*

**Ainda possui expetativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Quando sair daqui vou fazer o que fazia, ao menos distraio-me”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Faço os serviços que tenho de fazer aí”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Raptar e bater na moça...era minha companheira”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Nunca raptei nem bati na moça...foi tudo uma cabala”.*

## **24ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Sessenta e sete anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Cinquenta e nove anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Quarta classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir:** *“Seis anos”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Não sei, não me sinto velho, também não me sinto jovem...é a incapacidade de estar em sintonia com o mundo que rodeia, seja física, mental ou outra”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Há sete anos, desde janeiro de 2005”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Catorze anos...reagi mal...achei-me mal julgado e se calhar o sistema não permite um julgamento melhor”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“É uma chatice, falta liberdade, há muitas coisas que se avaliam de outra maneira”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Medo não tive...receio, nenhum. Ninguém gosta de estar preso, não é uma situação que me agrada”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não faço esse tipo de comparações, não sou diferente para melhor nem pior”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Nada”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Não me preocupo com a minha segurança mas não me sinto seguro, nem aqui nem lá fora...não tenho medo, não receio nada nem ninguém”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** *“Nada...”.*

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** Não se aplica atendendo à resposta dada anteriormente.

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“Não sei, não posso falar pelos outros...há muita coisa que causa desconforto...não percebo porque não se pode ter um computador para ir à internet. Acho que hoje é uma ferramenta absolutamente indispensável. Acho que poderia ser muito mais útil a trabalhar lá fora do que cá dentro. Uma pessoa não sai melhor, também não sai pior, mas não sai melhor”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Era estável economicamente. A saúde piorou sim, era cardíaco e continuo a ser, mas não tinha um cancro e agora tenho. A situação económica piorou também...gasto mais dinheiro depois de estar preso do que antes de estar preso. A cultura melhorou, no meu caso melhorou”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Não alterou, se calhar acho-me mais cansado”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Nenhum desses preconceitos sociais, não tinha nada disso. Eu sou contra este sistema de reinserção social, acho que é um erro clássico. Este meio de punição é das mais absurdas...a sociedade tem uma visão distorcida”.*  
**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Não sei”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Não há*

*diferenças”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“Não poder ir tomar um café ou ir ao cinema lá fora e voltar”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Nunca é igual...trabalho no mercadinho, de manhã e de tarde. Ao fim de semana, leio, ouço música, falo com os amigos”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Tenho contacto, mas principalmente por telefone, não quero visitas...mas não tenho carências afetivas”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Normal, não me meto com ninguém, nem ninguém se mete comigo”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Melhor, sem dúvida nenhuma, mas não penso muito nisso”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Tenho milhões”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?** *“Não me deixo apodrecer”.*

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Homicídio”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Fui uma besta. Cometi um homicídio involuntário, mas a culpa foi minha. Eu fui o objeto do crime e disso não tenho dúvidas nenhuma”.*

## **25ª Entrevista**

**Qual a sua idade?** *“Oitenta e quatro anos”.*

**Qual a idade com a qual iniciou o cumprimento de pena?** *“Setenta e oito anos”.*

**Qual a sua escolaridade?** *“Quarta classe”.*

**Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?** *“Cinco anos”.*

**O que entende por envelhecimento? E por velhice?** *“Envelhecimento é próprio da idade, a gente sente, é normal. A velhice também é normal, não sei explicar”.*

**Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?** *“Sete anos”.*

**Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?** *“Treze anos...que remédio tive eu senão aguentar”.*

**O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?** *“É estar a cumprir pelo que fiz, é um castigo”.*

**Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?** *“Senti-me normal, fui obrigado a entrar”.*

**Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?** *“Não, sou igual, somos humanos”.*

**Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?** *“Não fiz nada. Agora estou a trabalhar em serralharia”.*

**Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?** *“Sinto-me seguro a qualquer hora do dia”.*

**O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?** A questão não se aplica mediante o conteúdo da resposta anterior.

**Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?** *“É falar sempre no mesmo”.*

**Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?** *“Era estável, economicamente...deu-me uma trombose no ano passado, mas sinto-me bem...e tenho quarta classe, mas não serve para nada hoje”.*

**De que forma é que estar preso, mudou a sua perceção acerca de si mesmo?** *“Acho que sou a mesma coisa”.*

**Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?** *“Não sei explicar, nunca pensei estar aqui”.*

**O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?** *“Não me interessa nada do que eles saibam ou não”.*

**De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?** *“Há mais respeito pelos mais velhos, mas não há mais benefícios”.*

**Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?** *“Têm mais respeito por eles”.*

**Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?** *“Nenhum”.*

**Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?** *“A dificuldade é querer ir-me embora, estou aqui a mais, estou a dar prejuízo, mas estou a pagar o que fiz”.*

**Como caracteriza o seu quotidiano prisional?** *“Trabalhar de manhã e de tarde, em serralharia. Aos fins de semana é uma coisa vulgar, dormir, recebo visitas”.*

**Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contatos? E o que representam para si?** *“Recebo visitas da minha filha...não telefono”.*

**Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?** *“Sempre normal, nunca tive castigos”.*

**Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?** *“Não sei dizer, não sei dizer”.*

**Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?** *“Tenho de viver mais um ano ou dois que, é o que me resta, para mim acabou”.*

**Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?**  
Não se aplica atendendo à resposta dada anteriormente.

**Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?** *“Homicídio”.*

**Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?** *“Então não me havia de arrepender? Eu não fiz nada, foi o diabo que se meteu em mim”.*



## **Anexo 2 – Documentos de recolha de informação**

### **- Guião de Entrevista**

- Que idade tem?
- Qual a duração da sua sentença?
- Qual a sua escolaridade?
- Quanto tempo de pena lhe falta cumprir?
- O que entende por envelhecimento? E por velhice?
- Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?
- Qual a duração da sua sentença? E como lida com isso?
- O que significa para si “estar preso”? Como reage a isso?
- Como se sentiu aquando a sua entrada na cadeia?
- Inicialmente, quando foi preso, tecia comparações entre si e os restantes reclusos da sua idade? Considerava-se diferente?
- Inicialmente que técnicas/mecanismos usou para melhor se adaptar à prisão? Quais utiliza agora?
- Preocupa-se com a sua segurança (cá dentro)?
- O que faz para se manter seguro? Que pensamentos e/ou comportamentos utiliza para se manter seguro?
- Em que ocasiões e/ou locais (cá dentro) é que se sente seguro? E o que faz para que isso aconteça?
- Na sua perspetiva, que tipo de fatores stressantes (físicos e/ou psicológicos) existem na prisão?
- Em termos económicos, de saúde e de conhecimento/sabedoria, como é que se descreve (a si próprio) antes de entrar na prisão? E como se descreve atualmente?

- De que forma é que estar preso, mudou a sua percepção acerca de si mesmo?
- Qual a visão que tinha dos reclusos quando era mais novo? Considera que a maioria das pessoas possui a mesma representação?
- O que gostaria que as pessoas soubessem acerca da experiência de vida dos reclusos, que ainda não saibam?
- De que forma é que são estipuladas as diferenças etárias na prisão? Quem é que é considerado novo e quem é que é considerado velho? E qual a importância disso?
- Qual o papel que os reclusos mais velhos desempenham na hierarquia prisional?
- Na sua opinião, em função da idade, qual é o grupo de reclusos com mais benefícios?
- Quais as principais dificuldades que enfrenta na cadeia, tendo em conta a sua idade?
- Como caracteriza o seu quotidiano prisional?
- Já teve oportunidade de contactar com pessoas de fora, desde que foi preso? Qual a frequência desses contactos? E o que representam para si?
- Como avalia o seu percurso dentro deste estabelecimento prisional?
- Como imagina a sua vida caso não tivesse sido preso?
- Ainda possui expectativas e objetivos a realizar assim que sair da prisão? De que forma os pensa realizar?
- Qual (ais) a (s) forma (s), por si utilizadas, para manter vivos a esperança e o otimismo?
- Qual (ais) o (s) motivo (s) que o levou (aram) a ser preso?
- Como interpreta a prática do (s) crime (s) cometido (s)?

## **- Declaração de consentimento informado**

### **Declaração**

Eu, -----, declaro  
que fui informado dos objetivos deste estudo (Análise dos processos de envelhecimento  
individuais dos reclusos), que me foi garantida total confidencialidade e como tal participo no  
mesmo de forma livre e voluntária.

Assinatura;

---

Data;

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

## Anexo 3 – Contactos estabelecidos

**Exmo. Sr.**

**Diretor-Geral dos Serviços Prisionais**

**Dr. Rui Sá Gomes**

Porto, 9 de Agosto de 2012

**Assunto:** Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social

Chamo-me Cristina Sofia Lima dos Santos, sou discente do Instituto Superior de Serviço Social do Porto, do Mestrado em Gerontologia Social e encontro-me a frequentar um programa de estágio profissional na qualidade de Técnica de Serviço Social, no Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (conforme CV anexo).

Estou desde Outubro do ano de 2011, inscrita no programa de mestrado já referido (sob orientação do Prof. Dr. Adriano Zilhão), na 2ª parte (desenvolvimento de dissertação) e depois de ter concluído o 1º ano curricular do mestrado, venho agora junto de V.ª Exa., solicitar autorização para a elaboração de um estudo designado "Envelhecimento Em Contexto Prisional".

É minha pretensão desenvolver uma análise dos processos individuais de envelhecimento em Portugal a partir do sistema prisional. *Face ao aumento da longevidade e ao envelhecimento populacional, são múltiplos os desafios que hoje se colocam aos indivíduos e às comunidades, aos quais cientistas e políticos tentam dar resposta. Os dados preliminares do último censo português (INE, 2011) mostram a tendência crescente do número de pessoas com mais de 65 anos (19.1% da população), que ultrapassa o de jovens (15%), acentuando a tendência já verificada nos censos de 2001 e concretizando em 2011 o cenário demográfico mais elevado.*<sup>1</sup>

Este estudo implica a aplicação de um guião de entrevista (ver anexo – *trata-se de um modelo provisório que está a ser aperfeiçoado*) a uma amostra populacional de pequena dimensão, isto é, a reclusos com idade igual ou superior a 65 anos a cumprirem pena de prisão em Portugal. Assim, solicito autorização para a realização de entrevistas a homens reclusos, cujas faixas etárias se enquadrem nos critérios supracitados, e que se encontrem a cumprir pena de prisão nas diferentes cadeias portuguesas que albergam homens,

---

<sup>1</sup> Paúl C, Ribeiro O (2011). "Manual de Gerontologia. Aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento." Lidel, Lisboa-Porto.

nomeadamente, no Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo, no Estabelecimento Prisional Especial de Paços Ferreira, e ainda no Estabelecimento Prisional Regional de Vale do Sousa.

Como forma de agradecer o trabalho e disponibilidade oferecida por cada EP, perspetivo devolver a cada um, os respetivos dados tratados, de forma a que estes possam ficar na posse de elementos informativos.

Sem outro assunto, apresento os melhores cumprimentos.

Anexos: 2

Peço deferimento

De V. Exa.

Atenciosamente

*Gristina Eugénia Lima dos Santos*



Exmo(a) Senhor(a)  
Dra. Cristina Sofia Lima dos Santos

Rua do Pinheiro Manso, 151

S. Cosme

4420 - 272 Gondomar

*V/ referência*

*N/ referência*

*Ofício N.º*  
162/DSPRE

*Data*  
27.08.2012

**Assunto:** Investigação Académica para Mestrado em Gerontologia Social pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto

Em resposta ao seu pedido, para que, no âmbito da Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social, possa desenvolver a investigação em estabelecimentos prisionais, informamos da nossa disponibilidade para analisar esta pretensão. Necessitamos, porém, que se cumpram algumas formalidades regulamentarmente previstas e que nos forneça algumas indicações técnicas que permitam, a estes Serviços, propor uma tomada de decisão superior.

Em observância ao disposto na Circular nº 5/GDG/2001 de 18 de Junho, que regula estágios e investigações académicas, é necessário que nos remeta documento da Universidade certificando a sua identidade académica e os fins a que o estudo se destina, bem como cópia do projecto de investigação, autenticado pelo professor que orienta o estudo.

Neste documento, para além daquilo que entender adequado referir, deverá ser indicado com precisão além do tema do trabalho, o objecto específico do estudo, a metodologia a seguir, as características da amostra de pessoas a estudar e nos forneça cópia dos questionários ou guião de entrevista a aplicar.

Chama-se, ainda, a atenção para o facto de dever ter presente que a realização de entrevistas e/ou a aplicação de questionários, a reclusos, está sempre dependente da disponibilidade destes para, após consentimento informado, colaborarem,

Direção-Geral dos Serviços Prisionais  
Direção de Serviços de Planeamento e Relações Externas  
Travessa da Cruz do Tovel, n.º 1 – 1150-122 Lisboa – Tel. 218812200 – Fax. 218853653 – E-mail: DSPDERI@dgsp.mj.pt  
Apartado 21207 – 1133-001 Lisboa



reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a cooperação. Por outro lado, os investigadores ficam obrigados a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar com o estudo.

Com os melhores cumprimentos

*pl*

A Direção de Serviços

*Leonor Lopes*

ML/2012

**Exmo. Sr.**

**Diretor-Geral dos Serviços Prisionais**

**Dr. Rui Sá Gomes**

Porto, 25 de Outubro de 2012

**Assunto:** Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social

Na sequência da vossa resposta ao meu pedido de, no âmbito da Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social, desenvolver o meu estudo em estabelecimentos prisionais (análise dos processos individuais de envelhecimento em Portugal a partir do sistema prisional), envio-vos (em anexo) os documentos por vós solicitados, nomeadamente:

- Declaração do Instituto Superior de Serviço Social do Porto respeitante à minha identidade académica, certificando também as finalidades do estudo;

- Cópia do projeto de investigação, autenticado pelo professor que orientador do estudo;

- Cópia do guião de entrevistas a aplicar;

- Cópia da declaração de consentimento informado a usar;

Acresço ainda uma cópia da carta inicialmente enviada aos vossos serviços, bem como uma cópia da vossa resposta.

Sem outro assunto, apresento os melhores cumprimentos.

Anexos: 6

Peço deferimento

De V. Exa.

Atenciosamente

*Gratiana Sofia Lima dos Santos*





Exmo(a) Senhor(a)  
Dra. Cristina Sofia Lima dos Santos

Rua do Pinheiro Manso, 151

S. Cosme

4420 - 272 Gondomar

<i>V/ referência</i>	<i>N/ referência</i>	<i>Ofício N.º</i>	<i>Data</i>
		229/DSPRE	6.12.2012

**Assunto:** Investigação Académica para Mestrado em Gerontologia Social pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto

Tenho a honra de informar V. Exa de que, por despacho do Senhor Director – Geral, Dr. Rui Sá Gomes, datado de 4/12/2012, e tendo em vista a realização de um estudo no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social, está autorizada a desenvolver a investigação nos Estabelecimentos Prisionais de Paços de Ferreira, Santa Cruz do Bispo e Regional de Vale do Sousa

Considerando o interesse da presente investigação, o estudo foi autorizado, mediante as seguintes condições:

- a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direcção dos Estabelecimentos Prisionais, por forma a que se conciliem os objectivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação da vida quotidiana do Estabelecimento;
- a execução do trabalho esteja sempre dependente da disponibilidade dos reclusos para, após consentimento informado, colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação. O assentimento dos inquiridos seja passado a escrito, ficando cópia no EP;
- a investigadora fique obrigada a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar.

Direção-Geral dos Serviços Prisionais  
Direção de Serviços de Planeamento e Relações Externas  
Travessa da Cruz do Torel, n.º 1 – 1150-122 Lisboa – Tel. 218812200 – Fax. 218853653 – E-mail: DSPDERI@dgsp.mj.pt  
Apartado 21207 – 1133-001 Lisboa



- do resultado final do trabalho, deve ser remetida cópia à Direcção de Serviços de Planeamento e Relações Externas.

Com os melhores cumprimentos

*Pol* A Direcção de Serviços  
*Jose Gas L. Jure*

ML/2012

## Pedido de autorização de acesso a um estudo

De: **cristina santos** (cri\_s\_antos@hotmail.com)

Enviada: sábado, 8 de Setembro de 2012 16:27:16

Para: **suelmadeus@hotmail.com**

**Exma. Sra. Dra. Suelma Alves**

Chamo-me Cristina Sofia Lima dos Santos, sou discente do Instituto Superior de Serviço Social do Porto, do Mestrado em Gerontologia Social e encontro-me a frequentar um programa de estágio profissional na qualidade de Técnica de Serviço Social, no Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde.

Estou desde Outubro do ano de 2011, inscrita no programa de mestrado já referido (sob orientação do Prof. Dr. Adriano Zilhão), na 2ª parte (desenvolvimento de dissertação) e depois de ter concluído o 1º ano curricular do mestrado, venho agora junto de V.ª Exa., solicitar autorização para aceder ao estudo por si desenvolvido, designado "Envelhecer na prisão: Processos identitários, vivências prisionais e expectativas de reinserção por reclusos".

É minha pretensão desenvolver uma análise dos processos individuais de envelhecimento em Portugal a partir do sistema prisional.

Este estudo implica a aplicação de um guião de entrevista a uma amostra populacional de pequena dimensão, isto é, a reclusos com idade igual ou superior a 65 anos a cumprirem pena de prisão em Portugal. Assim, solicito autorização para a realização de entrevistas a homens reclusos, cujas faixas etárias se enquadrem nos critérios supracitados, e que se encontrem a cumprir pena de prisão nas diferentes cadeias portuguesas que albergam homens, nomeadamente, no Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo, no Estabelecimento Prisional Especial de Paços Ferreira, e ainda no Estabelecimento Prisional Regional de Vale do Sousa.

Neste sentido, venho por este meio solicitar junto de V.ª Ex.ª o envio do estudo designado *Envelhecimento prisional: o presídio como espaço de moradia*, de forma a poder aprofundar a minha pesquisa bibliográfica em torno deste tema.

Certa da sua melhor atenção, despeço-me com os meus melhores cumprimentos.

Cristina Santos

(Assistente Social, estudante de Mestrado em Gerontologia Social)

<https://bay177.mail.live.com/mail/PrintMessages.aspx?cpids=0cfc5084-f9d2-11e1-b4...> 18-12-2013

## RE: Pedido de autorização de acesso a um estudo

De: **suelma deus** (suelmadeus@hotmail.com)  
Enviada: segunda-feira, 10 de Setembro de 2012 14:27:41  
Para: cri\_s\_antos@hotmail.com  
1 anexo  
TRABALHO COMPLETO SUELMA.pdf (2,1 MB)

Olá Cristina,

É com muita alegria que envio o meu trabalho para você. É bom saber que a discussão sobre envelhecimento prisional está sendo feita aí em Portugal também. Estou à disposição e assim que seu trabalho estiver pronto gostaria de receber uma cópia.

Um grande beijo

Suelma

Obs.: favor avisar se recebeu o trabalho anexo.

---

From: cri\_s\_antos@hotmail.com  
To: suelmadeus@hotmail.com  
Subject: Pedido de autorização de acesso a um estudo  
Date: Sat, 8 Sep 2012 16:27:16 +0000

**Exma. Sra. Dra. Suelma Alves**

Chamo-me Cristina Sofia Lima dos Santos, sou discente do Instituto Superior de Serviço Social do Porto, do Mestrado em Gerontologia Social e encontro-me a frequentar um programa de estágio profissional na qualidade de Técnica de Serviço Social, no Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde.

Estou desde Outubro do ano de 2011, inscrita no programa de mestrado já referido (sob orientação do Prof. Dr. Adriano Zilhão), na 2ª parte (desenvolvimento de dissertação) e depois de ter concluído o 1º ano curricular do mestrado, venho agora junto de V.ª Exa., solicitar autorização para aceder ao estudo por si desenvolvido, designado "Envelhecer na prisão: Processos identitários, vivências prisionais e expectativas de reinserção por reclusos".

É minha pretensão desenvolver uma análise dos processos individuais de envelhecimento em Portugal a partir do sistema prisional.

Este estudo implica a aplicação de um guião de entrevista a uma amostra

<https://bay177.mail.live.com/mail/PrintMessages.aspx?cpids=a99c0fd8-fb53-11e1-8f...> 18-12-2013

## Re: Pedido de autorização de acesso a um estudo

De: **helenacristinaferreira.machado@gmail.com** em nome de **Helena Cristina Ferreira Machado** (hmachado@ics.uminho.pt)  
Enviada: segunda-feira, 10 de Setembro de 2012 12:39:07  
Para: cristina santos (cri\_s\_antos@hotmail.com)  
Cc: adrianasilva@ics.uminho.pt

Cara Cristina Santos

O referido estudo é uma tese de doutoramento que está ainda a iniciar, e que é desenvolvida por uma orientanda minha, a mestre Adriana Silva.

Envio a mensagem com conhecimento à Dr.ª Adriana, para facilitar o contacto entre ambas, caso achem adequado.

Cumprimentos

2012/9/8 cristina santos <[cri\\_s\\_antos@hotmail.com](mailto:cri_s_antos@hotmail.com)>

**Exma. Sra. Dra. Helena Machado**

Chamo-me Cristina Sofia Lima dos Santos, sou discente do Instituto Superior de Serviço Social do Porto, do Mestrado em Gerontologia Social e encontro-me a frequentar um programa de estágio profissional na qualidade de Técnica de Serviço Social, no Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde.

Estou desde Outubro do ano de 2011, inscrita no programa de mestrado já referido (sob orientação do Prof. Dr. Adriano Zilhão), na 2ª parte (desenvolvimento de dissertação) e depois de ter concluído o 1º ano curricular do mestrado, venho agora junto de V.ª Exa., solicitar autorização para aceder ao estudo por si desenvolvido, designado "Envelhecer na prisão: Processos identitários, vivências prisionais e expectativas de reinserção por reclusos".

É minha pretensão desenvolver uma análise dos processos individuais de envelhecimento em Portugal a partir do sistema prisional.

Este estudo implica a aplicação de um guião de entrevista a uma amostra populacional de pequena dimensão, isto é, a reclusos com idade igual ou superior a 65 anos a cumprirem pena de prisão em Portugal. Assim, solicito autorização para a realização de entrevistas a homens reclusos, cujas faixas etárias se enquadrem nos critérios supracitados, e que se encontrem a cumprir pena de prisão nas

<https://bay177.mail.live.com/mail/PrintMessages.aspx?cpids=7f4a9e63-fb44-11e1-a6...> 18-12-2013